

O Vôo da Serpente Emplumada



Armando Cosani

O Vôo da Serpente Emplumada

Tradução do original Mexicano:
El Vuelo de la Serpiente Emplumada
Armando Cosani
1ª Edição 1953

Traduzido por: Francisco A C Lima
Agosto de 2003 – última revisão Março de 2004
E-mail: faclsp@ig.com.br
site: www.ovoodaserpenteemplumada.hpgvip.com.br

A tradução deste livro é um trabalho sem fins lucrativos, que tem como único objetivo a sua difusão. Desta forma é permitido cópias, impressão total ou parcial, com ou sem conhecimento do tradutor, desde que não seja alterado o conteúdo desta obra e que o objetivo seja “ajudar a espargir luz sobre Judas...”

“Velai e orai” foi a herança que
Cristo deixou aos audaciosos.
Velar é fazer-se todo Desperto; Orar é
sentir um ardente desejo de SER.
Mas, quem ore e quem vele, ainda que
o faça de um modo imperfeito, receberá
generosa ajuda e tratará de aprender a
recebê-la também generosamente...
A ajuda está Aqui e é Agora.

Índice

[Apresentação](#) - Envoltura na trama de um relato... Pág. 05

LIVRO UM

[Capítulo 01](#) – Nunca pude entender este homem... Pág. 07
[Capítulo 02](#) – Ingressei ao Jornalismo porque... Pág. 12
[Capítulo 03](#) – Por essa época conheci meu amigo... Pág. 16
[Capítulo 04](#) – Voltamos a caminhar juntos no dia... Pág. 23
[Capítulo 05](#) – Como já mencionei, nunca soube... Pág. 26
[Capítulo 06](#) – Passou muito tempo antes que... Pág. 34
[Capítulo 07](#) – Voltamos reunir-nos no começo... Pág. 38
[Capítulo 08](#) – Passou o tempo. Rapidamente... Pág. 44
[Capítulo 09](#) – A recordação daqueles dias tão... Pág. 48
[Capítulo 10](#) – Aos meados da primavera, com o... Pág. 52
[Capítulo 11](#) – Creio que meu amigo podia... Pág. 58
[Capítulo 12](#) – Assim terminou minha vida... Pág. 60
[Capítulo 13](#) – Durante a viagem, repeti-me... Pág. 65
[Capítulo 14](#) – Senti que me afogava. Não podia... Pág. 68
[Capítulo 15](#) – Um dia, recebi a anunciada carta... Pág. 70

LIVRO DOIS

[Capítulo 01](#) – Sou o mais pobre e infeliz dos... Pág. 74
[Capítulo 02](#) – Ah! Para muitos, o beijo da... Pág. 78
[Capítulo 03](#) – Quando o calor do beijo da... Pág. 81
[Capítulo 04](#) – Sou homem nascido do barro de... Pág. 85
[Capítulo 05](#) – Assim começou a urdir-se... Pág. 89
[Capítulo 06](#) – Ah! Como o amor, o tempo... Pág. 92

LIVRO TRÊS

[Capítulo 01](#) – Havia um homem dos fariseus... Pág.102
[Capítulo 02](#) – Por seu destino, inteirou-se um... Pág.105
[Capítulo 03](#) – Homem de linhagem Maya... Pág.106
[Capítulo 04](#) – Assim disse, pois: Eu, Judas de... Pág.108
[Capítulo 05](#) – Marchamos juntos, em silêncio... Pág.111
[Capítulo 06](#) – Grandes e formosas coisas nos... Pág.116
[Capítulo 07](#) – De noite meu Rabi velava de joelhos... Pág.118
[Capítulo 08](#) – Todos anelávamos ver-nos livres... Pág.119
[Capítulo 09](#) – O destino do homem advinha mais... Pág.122
[Capítulo 10](#) – E pela terceira vez nos envolveu... Pág.126
[Capítulo 11](#) – Assim ficou urdido o destino do... Pág.128
[Capítulo 12](#) – Então meu Rabi mandou-me antes... Pág.130
[Capítulo 13](#) – No dia seguinte, seis dias antes da... Pág.134
[Vocabulário](#) – Das palavras Mayas empregadas... Pág.137

Apresentação

Envolta na trama de um relato que quase é um diálogo entre o narrador e um homem inexplicável - "todo ele era um sorriso" - que em palavras simples repete verdades eternas, vaga a presença de Judas, o homem de Kariot; na invocação à Santa Terra Bendita do Mayab, à Sagrada Princesa Sac-Nicté, a branca flor do Mayab e ao Grande Senhor Oculto, evoca-se o nome de Judas, o homem de Kariot. Porém, por que Judas? Não foi quem enlodou sua memória cometendo uma horrenda traição? Em um dos parágrafos deste livro se diz: "...dir-vos-ei o que tenho visto com os olhos que só o sangue maya faz, e o que tenho ouvido com os ouvidos da carne maya, acerca deste homem chamado Judas e nascido em Kariot", e, em contradição com o que se crê, que é a verdade do ocorrido em mui remotos tempos com Jesus de Nazareth, oferece-se uma interessante interpretação dos fatos e circunstâncias que levaram Judas a cometer o que parece uma terrível traição, mas que o autor considera um fio importante no urdimento do destino desta era, fio, sem o qual não se houvera cumprido as Escrituras, cuja verdade não está impressa nos livros, senão que se lê na alma, com a qual os dilúvios avistar-se-ão desde a Arca, e a Serpente Emplumada voará.

(Texto da contra-capla da 2ª Edição - 1978)

“Soou a primeira palavra de Deus, ali onde não havia céu nem terra. E se desprende de sua Pedra, e caiu ao segundo tempo, e declarou sua divindade. E estremeceu-se toda a imensidão do eterno. E sua palavra foi uma medida de graça, um resplendor de graça, e quebrou, e perfurou as encostas das montanhas. Quem nasceu quando baixou? Grande Pai, Tu o sabes. Nasceu seu primeiro Princípio e verrumou as encostas das montanhas. Quem nasceu ali? Quem? Pai, tu o sabes. Nasceu o que é terno no Céu.”

(livro dos Espíritos, Código de Chilam Balam de Chuyamel)

“E ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu. E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna.”

(João III 14-16)

“Em todo determinado instante, todo o futuro do mundo está predestinado e existe, mas está predestinado condicionalmente; quer dizer, será este ou aquele futuro segundo a direção dos fatos num dado momento, a menos que entre em jogo um novo fato e um novo fato só pode entrar em jogo a partir do terreno da consciência e da vontade que dela resulte. É necessário compreender isto e dominá-lo.”

(P. D. Ouspensky, Tertium Organum)

LIVRO UM

Capítulo I

Nunca pude entender este homem estranho e de mesurada palavra, que parecia deleitar-se ao confundir-me com suas cáusticas e paradoxais observações sobre todas as coisas. Causava a impressão de ser um taciturno; porém, pouco depois de conhecê-lo, ninguém poderia deixar de perceber o fato mais extraordinário que conheci em minha agitada vida: ele era um sorriso e o era dos pés a cabeça. Não sorria, não precisava sorrir; todo ele era esse sorriso. Esta impressão chegava-me também de uma maneira muito curiosa e difícil de explicar. Direi unicamente que o sorriso parecia uma propriedade natural de seu corpo e que emanava até de seu modo de andar. Nunca o ouvi rir, mas possuía o dom de comunicar sua alegria ou seriedade, segundo fosse o caso. Nunca o vi deprimido nem alterado nem mesmo durante aqueles turbulentos dias no final da Segunda Guerra em que, por consequência de uma revolução política, eu fui parar em um cárcere e ele não fez absolutamente nada para obter a minha liberdade. Até neste incidente, demonstrou ser um homem fora do comum. E até parecia empenhado em que eu continuasse preso e, certa vez em que lhe reprovei esta atitude, disse-me:

— Estás muito melhor aqui que lá fora. Ao menos aqui estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

— Mas, se aqui nem se pode dormir... — disse-lhe.

— Isso é o que tu pensas, porque ainda não sabes qual das maneiras de dormir resulta mais perigosa e daninha ao longo do tempo. Há quem vela contigo até quando dormes e estás bem acompanhado.

No pavilhão em que me encontrava preso, havia também muitos homens aos quais respeitava como valorosos intelectuais e cujas conversações resultavam-me interessantes. Com alguns deles, jogava intermináveis partidas de xadrez, mas nossas conversas seguiam sempre o rumo dos acontecimentos políticos que haviam culminado com nossa prisão. Assim o disse a meu amigo numa tarde em que me visitou carregado de presentes de Natal.

— Segues dormindo — foi toda a sua resposta.

Nesse dia, conversamos durante um bom tempo, e ocorreu-me perguntar-lhe:

– Como é que tu vens visitar-me tantas vezes e não tens desaparecido como os demais, que fugiram quando se inteiraram de minha condição?

– Sou mais que um amigo; eu sou a amizade que nos une.

Não pude evitar um sorriso com o qual quis dizer-lhe que esse não era o momento adequado para lançar-me seus paradoxos, e insisti:

– Mas, como é que, sabendo ser meu amigo mais íntimo, a polícia não o tem detido?

Sua resposta foi tão incompreensível como todo o demais:

– A amizade me protege. E protege a ti também, ainda que de outra forma.

E, depois de um instante de silêncio, acrescentou:

– Não me compreendes porque, todavia, dependes deles, assim como eles dependem de ti. Nem tu nem eles dependem, todavia, de si mesmos, mas todos vocês estão convencidos do contrário. Se somente pudessem compreender isto, compreenderiam todo o demais a seu devido tempo.

Isto me sublevou e contestei violentamente; disse-lhe que suas palavras eram muito interessantes como filosofia nas noites de fastio, mas que, nas circunstâncias em que me encontrava, já se convertiam em uma insuportável tolice.

– Além disso – agreguei muito exaltado e empregando termos impossíveis de publicar – como vou depender destes, que para o único que servem é lambar as botas desse ditadorzinho de opereta? Ou, talvez, também dependo de tal cretino que se apóia na força e cacareja sua popularidade quando tem a oposição amordaçada? Também dependo daqueles que perseguem a inteligência e falam de progresso? Não me chamaria a atenção que assim o dissesses agora.

Ele me olhou com seu invariável e paciente sorriso, escutou até que tivesse terminado e oferecendo-me cigarros e fogo, respondeu:

– Tu o tens dito. Também dependes dele e de muitas outras coisas mais. Estes – fez um gesto significando aos guardas armados que estavam do outro lado das grades – apóiam-no com suas armas porque não podem fazer outra coisa que obedecer a quem saiba mandá-los. Sem armas, sem uniforme e sem chefes, não seriam nada. Crêem-se amos de suas armas, mas na realidade são escravos delas. Mas tu e os que aqui estão presos contigo são piores. Estes vestem uniforme porque têm medo de andar sozinhos na vida e porque não podem fazer nada mais produtivo para o mundo; também levam um uniforme na cabeça. Mas vocês são piores; vocês dizem que são homens de intelecto e na realidade são uns tolos enamorados de suas tolices. Vocês apóiam esta ditadura e quanta ditadura houver; apóiam-nas muito melhor e mais eficientemente que os outros; seu apoio ocorre de muitas maneiras, mas, principalmente, por meio da atitude de estúpida soberba que os fazem viver de costas à verdade. E não só a apóiam, fortalecem-na. Sim, vocês são piores que os que, honradamente, são ignorantes. E, todavia, nenhum de vocês tem verdadeiramente a culpa.

Disse-me tudo isto tão calmo e tão seriamente que fiquei mudo. Passou um bom tempo antes que lhe perguntasse:

– O que é que ignoramos?

– Um fato muito simples, que na realidade é uma verdade física, mas que todos vocês crêem que se trata unicamente de um preceito ético impossível de levar à prática. Seguramente o terás lido ou ouvido alguma vez: “Não resistais ao mal”.

– Todos estes preceitos foram dados ao mundo por verdadeiros sábios. Só um punhado de seres na história da humanidade puderam descobrir que são verdades realmente científicas. A ciência ordinária, por certo, negará isto porque crê que a ética é algo separado do que chama matéria, sem perceber que é justamente o que condiciona e vivifica a matéria e até cria suas formas. Há muito tempo, houve um verdadeiro sábio entre os homens da ciência e se chamou Mesmer. A ciência, ou isto que chamam ciência, perseguiu-o e os seus trabalhos têm sido ignorados. É o destino de todo aquele que descobre a verdade. Hoje em dia o mesmerismo passa por uma forma de charlatanismo, e o curioso é que são justamente os charlatões da ciência os que mais falam contra o charlatanismo de Mesmer. Alguns dos que têm estudado a Mesmer para fazer curas magnéticas, têm-se aproximado à verdade que ele deixou oculta em seus aforismos. Mas somente alguns, muito poucos, perceberam que o que é “sim” também pode ser “não”, que o “sim” é uma verdade relativa ao “não”, como o “bom” é relativo ao “mau.” Mas já terás a oportunidade de inteirar-te disto, porque afinal fizeste uma pergunta que vale a pena.

Devo confessar que as palavras deste amigo sempre me pareceram coisas de louco. Naquela tarde, ele se foi mais contente e alegre que de costume, prometendo-me uma nova visita dentro de dois dias, coisa que, conforme os regulamentos da prisão, era sumamente difícil. Quando lhe observei isso, disse-me:

– Tu sabes andar de bicicleta, verdade?

– Naturalmente – disse-lhe.

– Bem, quem sabe andar em sua própria bicicleta pode andar em qualquer outra.

Que diachos tinha que ver a bicicleta com a sua visita? Muitas vezes fiz-me esta e outras perguntas surgidas de suas palavras. Ainda sigo fazendo-a sem encontrar uma resposta adequada. Devo também confessar que a razão indicava-me que este homem era louco, mas eu sentia um singular carinho para com ele.

Quero representá-lo assim, atuando em uma circunstância importante de minha vida, naquele acontecimento que marcou o fim de uma carreira à qual eu havia dedicado todas minhas forças e todo meu entusiasmo. Foi, na verdade, um rude golpe o que sofri ao perder aquela situação conquistada após longos anos de árduo trabalho; mas, quando disse todas essas coisas a meu amigo, ele se limitou a responder:

– É o melhor que te podia haver ocorrido. Agora, só de ti depende que teu despertar não te cause maiores sofrimentos.

E, continuando, disse-me muitas coisas que, nesse momento, tomei como palavras com as quais ele queria consolar-me ao insistir em que eu possuía certas qualidades pessoais indicativas da promessa de um despertar.

Por certo, este relato não tem como finalidade fazer minha autobiografia nem detalhar os pormenores de minha agitada existência, antes e depois deste

acontecimento. E se devo anotar alguns fatos pessoais é porque necessito proporcionar alguns antecedentes que expliquem a meu amigo e que, também, sirvam para substanciar os escritos que me pediu que publicasse nesta data, “com a finalidade de aumentar o número dos nossos”.

Recordo que cada vez que lhe perguntei o que significava isso de “os nossos” e quem eram, respondeu-me:

– Uma classe muito especial de abelhas que se dá só de vez em quando e com grandes esforços.

Tal foi a vontade de meu amigo, e eu cumpro com ela não somente por haver empenhado minha palavra, senão porque percebo em tudo isto algo que, talvez, tenha um valor que me escape. Até é possível que algum dos leitores saiba do que se trata e possa explicar-me a este homem.

Também é necessário que faça uma confissão: não sei como se chama, jamais me deu seu verdadeiro nome e, salvo uma vez, a mim, jamais me ocorreu fazer-lhe essas perguntas de rigor que exigem nome e sobrenome, idade, nacionalidade, profissão, etc.

Talvez algum de vocês o conheça ou tenha tido notícias dele. E digo isto porque, naquela oportunidade em que quis abordar este aspecto de seu ser, deixei que vislumbasse meu interesse por sua origem e demais coisas que ele nunca explicava espontaneamente, como em geral o faz todo o homem a fim de inspirar confiança aos demais. Meu amigo era muito diferente de todas as pessoas que conheci em minha vida e parecia não lhe importar, absolutamente nada, a impressão que causava. De modo que, quando surgiu a questão de meu interesse em sua identidade, disse estas enigmáticas palavras:

– Quem verdadeiramente o queira, pode conhecer-me. Só faz falta o querer para começar. Estou, em geral, em todas as partes e em nenhuma em particular. A quem me chama, vou. Mas isto é só uma maneira de dizê-lo, porque a realidade é outra. Poucos sabem me chamar; e costuma ocorrer que, quando acudo a estes, espantam-se, perdem a cabeça e começam a molestar-me com muitas perguntas: Quem és? Qual o teu nome? Do que vives? Em que trabalhas? E assim pelo estilo. Nunca respondo a estas impertinências porque, se o homem não sabe o que quer, é melhor que tampouco saiba nada de mim. Ocorre também que aqueles que me buscam sem se darem conta, ou decidem não me prestar nenhuma atenção, ou atribuem tudo a eles mesmos. Há também os que me consideram “mau”. Mas é somente natural que assim ocorra nesta época de franca degeneração da inteligência humana. Desbarato os sonhos dos homens e não lhes deixo uma só ilusão em pé. Poucos são os que se decidem manter o contato comigo, mas estes poucos são os verdadeiramente afortunados, pois têm a possibilidade de conhecer o real valor da vida. Claro está que este conhecimento tem suas responsabilidades; mas inteirar-te-ás disso a seu devido tempo.

Recordo que nesta oportunidade, disse-lhe:

– Então, alegre-me muitíssimo de não te haver importunado. Rogo-te que desculpes minha curiosidade. Não quero perder o contato contigo por nada deste mundo.

Ante estas palavras, ele sorriu e acrescentou:

— Há um meio simples de conservares o contato comigo: recordando. A recordação é o contato com a memória. Na memória está o conhecimento ou a verdade. Unir-se de coração à verdade é o transcendental. Desfruta de minha amizade enquanto estou contigo. Deves procurar entender as coisas que te digo e compreender-me. Todo esforço que fizeres neste sentido ser-te-á benéfico, ainda que, muitas vezes, pareça que toda tua vida se desmorona. Tu és um destes que me tem chamado sem se dar conta que me buscava. Não me tens molestado com perguntas nem com pedidos néscios. Mas devo advertir-te que se tens algumas qualidades que me conservam a teu lado, essas mesmas qualidades podem afastar-me totalmente de ti, se é que não despertas. Ao menos, se agora despertasses, e somente de ti depende que o faças, não sofrerias o que seguramente haverás de sofrer quando devas permanecer só e em silêncio, como no deserto. Eu só posso acompanhar-te por um tempo. Se não aprendes a acumular o quanto te dou, somente tu terás a culpa disto.

Naquela época incomodava-me o tom protetor com que me falava nestes casos. Sua seriedade parecia absurda e fora de lugar. Muitos amigos e alguns de meus companheiros de trabalho sentiam uma marcada antipatia por ele. Perguntavam-me o que era que eu via neste amigo e o qualificavam de “tipo raro”; alguns diziam que não tinha sentimentos, que nada o comovia. Mas eu sei que era um homem cheio de amor. Quando comentei a opinião de meus amigos, por causa de um incidente social, disse-me:

— Não te incomodes com essas opiniões. Esses são a escória do mundo, o verdadeiro mal da sociedade humana. Sempre haverá em seus bolsos as trinta moedas de prata. Nada tenho com eles, nada quero ter; estão submetidos a outras forças, das quais poderiam livrar-se se realmente o quisessem, mas estão enamorados de si mesmos e confundem o sentimento com suas debilidades pessoais.

Porém, será melhor e mais prático que eu faça um relato cronológico dos fatos.

Capítulo II

Ingressei ao jornalismo porque, depois de uma das tantas guerras deste século, fiquei com uma perna tão machucada que me foi impossível retomar minha profissão na marinha mercante. O fato de saber alguns idiomas e de poder traduzir a linguagem cabográfica e não escrever de todo mal foram fatores que me ajudaram neste empreendimento. Era ambicioso e quis fazer carreira porque sentia mui vivamente que a saúde obrava contra mim e que os anos passavam cada vez mais rápido. Renunciei às aventuras e aos prazeres que produz o viajar sem rumo fixo, como quando me alistava de tripulante em qualquer barco, em qualquer porto e também renunciei à poesia e a muitas outras coisas que até então haviam alegrado minha existência. Era desagradável caminhar apoiado em uma bengala e era ainda mais desagradável ter às vezes que recorrer às muletas. Não dispunha do dinheiro necessário para que um especialista tratasse minha perna como era devido e de minha pátria havia fugido espantado ante a pouca proteção maternal dos hospitais militares. Tinha razões muito fortes para isto. Havia visto demasiadas coisas. Mas isto não tem senão o valor de um antecedente pessoal.

O salário que ganhava era o mínimo. Trabalhava com desejos de prosperar e com entusiasmo. Não queria só fazer uma carreira e criar um nome no jornalismo, senão que, também me dava conta que enquanto dependesse um dia da bengala e no seguinte das muletas - segundo fosse a densidade humana nos bondes em que devia ir e vir de meu trabalho - minhas possibilidades na vida estavam circunscritas a ser um tradutor e nada mais. Meu primeiro objetivo foi, pois, ganhar dinheiro. E, como trazia por herança e por educação certas idéias religiosas, estimei que o melhor era pedir ajuda ao céu. Pensei em fazer meus pedidos a algum dos santos aos quais se atribuem milagres, mas meu trabalho obrou contra esta decisão. As notícias informavam acerca da situação mundial às vésperas da Segunda Guerra e acerca daquela lamentável comédia de fantoches em Genebra. Elas obraram poderosamente sobre meu ânimo e terminaram por minar minha crença nos santos. Não podia explicar-me como era possível que com tanta oração, com tanta solícita rogativa aos santos, o mundo seguisse embarcado em uma orgia de sangue que eu havia experimentado na própria carne e acerca da qual minha bengala e minhas muletas falavam eloqüentemente, sem necessidade de que sua verdade fosse corroborada pelas dores agudas que costumava sofrer. Em meio a tudo isto, consolava-me pensando que ainda conservava minha perna e tinha uma possibilidade de salvá-la. Outros haviam saído piores que eu, haviam perdido ou pernas, ou braços com feridas de menor importância que as minhas.

Tudo isto, à parte de outras coisas demasiado íntimas, determinaram meu estado de ânimo, que deixasse de lado a idéia de pedir ajuda monetária a São Judas Tadeu, ou a São Pancrácio, ou a qualquer dos outros santos que, em teoria e conforme a propaganda religiosa, costumam fazer milagres. Decidi apresentar minhas angústias direta e pessoalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Afinal, sempre havia sentido que o “Meu Senhor Jesus Cristo”, como “A Salve”, comoviam-me poderosamente. E assim comecei a percorrer vários templos em busca de um ambiente adequado, até que dei com um no qual havia um belíssimo quadro do Coração de Jesus que dominava o altar e a nave central.

Mas, a esta altura, faz-se necessário que eu confesse que havia deixado de ir às missas de domingo e dias santos, porque, nestes dias, eu preferia ficar na cama, na modesta casa de pensão onde tinha um quarto, a fim de dar um bom descanso a minha perna. Além disso, sentia um peso na consciência. Considerava que os santos mandamentos estavam-me vedados para sempre. Isto tinha sua origem na guerra. Tive um choque violento com o capelão de minha unidade quando, desesperado, disse-lhe que eu pensava que Deus era uma porcaria e que não conseguia explicar-me como era possível que por meio de seus ministros sancionasse semelhante matança de jovens. Este incidente ocorreu depois de uma missa no fronte, na véspera em que várias centenas de jovens de 16 a 18 anos entraram para receber seu batismo de fogo. O capelão havia-me oferecido a comunhão dizendo: “...se por acaso morras¹”. Isto me produziu tal repugnância que derramei sobre ele, violentamente, toda a cólera acumulada em mim durante um ano de viver em uma camisa que fervia de piolhos, sem água e passando fome. Sou um homem violento e, naquela época, apertava o gatilho com facilidade, como se a função mais natural da vida fosse tirá-la do próximo. Não recorro com exatidão o que disse nesse dia, mas, em geral, foi que me era compreensível que os homens que nada sabem de religião se convertessem em bestas, mas que me era totalmente incompreensível que os religiosos sancionassem e até abençoassem aos que se entregavam a semelhante barbaridade.

Nunca esqueci esta cena. Saí do combate sem nenhum arranhão, mas profundamente comovido depois de haver visto morrer, quase indefesos, tantos jovens. O capelão, que havia ajudado a socorrer feridos sob o fogo inimigo, sentou-se a meu lado sobre um tronco de árvore, pôs um braço sobre meus ombros quando rompi a chorar e disse-me que compreendia meu estado de ânimo. Por um instante acreditei que estava chorando por arrependimento, mas logo me dei conta de que era a tensão nervosa resultante do combate o que me fez fraquejar. Todavia, em minha consciência, perdurou o sentimento de haver cometido um sacrilégio ao dizer o que havia dito de Deus.

Portanto, considerava-me indigno de receber os santos sacramentos. E, para dizê-lo com honradez, também temia a penitência que resultaria de confessar semelhante coisa.

Por este motivo e talvez, também, porque queria expiar, a meu modo, meu pecado, sempre que não fosse muito incômodo fazê-lo, ia a esse templo, unicamente pelas tardes, quando estava mais ou menos vazio.

¹ “por si acaso mueres”

Por causa da guerra, havia perdido, naturalmente, toda fé nos milagres. Por outro lado, as notícias internacionais, que devia traduzir diariamente, indicavam-me que os milagres correspondiam há tempos já demasiado remotos para tomá-los em conta. É verdade que de vez em quando chegava algum parágrafo anunciando alguma cura milagrosa em Lourdes. Mas o milagre que eu esperava estava muito longe de ocorrer, pois esperava o milagre da paz. O que havia ocorrido comigo em minha terra, estava ocorrendo também² aos etíopes e italianos na África. Pouco depois, com princípios³ supostamente nobres e com participação da religião e dos religiosos, começou a ocorrer na Espanha. De forma que, nesta época, sabia em meu íntimo que para mim não haveria milagre algum, a menos que eu fizesse, de minha parte, por minha conta e risco próprio, o que necessitava fazer.

Entretanto, não podia ocultar em meu íntimo aquela profunda fé em Jesus Cristo. E ainda que houvesse blasfemado, dizendo que considerava que Deus era uma porcaria, a razão me indicava que se tomasse ao pé da letra o princípio de que Ele está no céu, na terra e em todo lugar, nada perderia fazendo-lhe ver ou explicando-lhe aquela crise sofrida na guerra. Pensava que com o tempo também seria possível persuadir-lhe que me ajudasse a ganhar dinheiro suficiente para tratar minha perna e poder trabalhar normalmente. De modo que, ao chegar na igreja, rezava muito rapidamente um Pai Nosso, um Senhor Meu Jesus Cristo e uma Salve. Em seguida, dirigia-me àquela bela imagem do Coração de Jesus, dizendo-lhe:

– Meu Senhor Jesus Cristo, não é muito o que te peço. Sei que não me podes dar a loteria, e, ainda que fosse possível fazê-lo, não me interessa tanto dinheiro. Tampouco vou pedir-te que me ajudes a encontrar uma herdeira. No momento, não quero casar-me. Além disso, que herdeira quererá casar-se comigo quando se inteirar de que só a quero para que pague a cirurgia de minha perna? Somente uma mulher muito feia faria isso, e eu não quero casar-me com uma mulher feia; tampouco quero casar-me com uma muito linda porque, se além de ser linda fosse rica, com certeza seria burra e frívola. Sabes o que dizia meu avô? Dizia: “dê-me a morte de um sábio, mas não a vida de um bruto⁴”. Bem sabes que o levo em meu sangue. Por isso, Meu Senhor Jesus Cristo, o único que te peço é algo que todos parecem desprezar como coisa inútil e supérflua: peço-te inteligência. Somente ajuda-me a ter mais inteligência e eu me arranjarei a partir daí e não te incomodarei mais.

Uma de minhas raras qualidades é a perseverança quando algo me interessa realmente. O que queria naquela época era abrir caminho e chegar a ser um grande correspondente internacional. Para isto, na pensão e de noite, ensaiava os artigos mais sensacionais que podia imaginar baseado no que estava aprendendo em meu trabalho. Criava uma série de acontecimentos políticos dos quais era uma testemunha privilegiada. Bem sabia que estes eram sonhos loucos; mas gostava de sonhá-los. Era também maravilhoso perceber que em alguma parte de meu ser havia alguém capaz de sonhar. Pouco a pouco, tomando como base a experiência que me dava o trabalho, comecei a escrever artigos sobre a situação internacional. Satisfazia-me fazendo prognósticos sobre o que ocorreria como consequência de um determinado fato. Estes prognósticos baseavam-se em certos fenômenos, que notava, que se repetiam uma e

² “les estaba ocurriendo entonces”

³ “en aras de principios”

⁴ “deme la muerte un sábio, pero no la vida un bruto”

outra vez, virtualmente, em todos os grandes acontecimentos. Pareciam obedecer a um princípio, e este princípio governava os atos dos grandes homens. Isto me fez retomar o estudo da história que me havia atraído, especialmente, na escola. Comecei a entendê-la de outro ponto de vista, percebendo ao mesmo tempo, que aquela repetição se produzia automaticamente desde os tempos mais remotos. Tudo se fundamentava em entender os motivos; os motivos eram sempre os mesmos e estes animavam tudo. Quando meus prognósticos começaram a cumprir-se com mais ou menos precisão, decidi intensificar meus pedidos a Jesus Cristo. Fi-los mais sério e com maior envergadura. Anotava meus prognósticos em uma caderneta e depois de alguns meses comecei a despachar meu trabalho muito eficientemente e com maior rapidez, o que me produziu um ligeiro aumento no salário. Também ganhava alguns pesos extras criando artigos assinados com algum pseudônimo, qualificando-o como grande internacionalista, datando-os em qualquer capital européia. Os jornais que compravam este material tinham fraquezas por nomes anglo-saxões.

Senti-me, pois, obrigado a expressar minha gratidão de alguma forma e decidi ir ao templo mais cedo e permanecer mais tempo nele. Começava minha súplica muito meticulosamente:

– Meu Senhor Jesus Cristo, muito obrigado por haver-me escutado. Cada vez vejo mais claramente. Já me aumentaram o salário, mas a operação custa muito mais, de modo que te rogo que me dê mais inteligência e assim não seguirei importunando-te deste modo.

Também lhe detalhava meus problemas pessoais e pedia-lhe conselho dizendo:

– Ilumina-me para poder entender mais claramente.

Estas visitas ao templo converteram-se num hábito benéfico e, rapidamente, econômico, pois enquanto meus amigos jogavam dados nos bares, ou iam distrair-se no cinema, eu ia rezar. E o dinheiro, que com eles teria gastado, convertia-se em uma crescente soma que ia depositando em uma conta de poupança.

Esperava com impaciência o dia em que me fosse possível deixar a coxeadura, a bengala e a muleta, e lançar-me à grande aventura de deixar as traduções para empenhar-me na carreira de cronista de assuntos sensacionais.

Capítulo III

Por essa época, conheci meu amigo. Como eu, este homem de aspecto aparentemente concentrado ocupava sempre o mesmo lugar no templo. Rezava com grande devoção. Eu me sentia atraído por tão singular maneira de orar. Não movia os lábios, seu rosto não ostentava uma expressão grave, senão que era totalmente sereno. Orava com os braços em cruz e não tirava os olhos da imagem de Jesus Cristo. Muitas vezes, por observar-lhe, distraía-me de minhas próprias orações. Pensava que talvez fosse bom ter esse poder de concentração e poder dirigir-se como é devido a Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, ainda que percebesse tais desejos em mim, a idéia de imitá-lo desagradava-me. Meu avô sempre me havia dito que se reza com o que há no coração e não com a cabeça. Eu nunca havia me preocupado em aprofundar-me nestas coisas e, por motivos que nasceram por causa de minha educação, recusava terminantemente recitar as orações clássicas, salvo, aquelas que me comoviam. Na escola, havia recebido muitas, e mui dolorosas, surras devido às minhas impertinências sobre o sentido real e prático das orações. Mas não houve surra o suficientemente forte para vencer minha teimosia, e meus professores haviam conseguido, com elas, converter-me em um rebelde contumaz.

Este homem parecia medir com exatidão a duração de suas orações. Sempre chegava antes que eu. Nunca o vi entrar depois de mim. Mas terminava um ou dois minutos antes que eu terminasse. Persignava-se de um modo muito solene, mas sem a menor presunção. Havia notado que ele detinha a mão nos pontos estabelecidos mais tempo do que faziam os próprios sacerdotes, uma tarde ocorreu-me que, talvez, o benzer-se dessa forma tivesse um sentido especial. Este homem tampouco molhava os dedos na pia de água benta. Ia embora muito silenciosamente. Depois de alguns dias, percebendo que eu o observava, começou a saudar-me com uma ligeira inclinação de cabeça. Foi, então, quando notei que havia em sua aparência algo fora de comum. Sua expressão ao saudar-me era muito bondosa. Mas também indicava uma grande força. E quando retirava-me do templo para ir a meu trabalho, via-o nos degraus acendendo ou fumando um cigarro.

Numa tarde em que as notícias eram mais abundantes e críticas que de costume, saí do templo junto com ele, pois tinha pressa em chegar rápido ao meu trabalho. Ao chegarmos à porta, nós nos chocamos. Minha coxeadura era um obstáculo e, a fim de deixá-lo passar primeiro, fiz um movimento brusco e deixei cair minha bengala no chão. Em vez de sair, ele se abaixou imediatamente e entregou-me dizendo:

— Rogo-lhe que me desculpe. Foi uma torpeza de minha parte.

Fiquei assombrado, pois não cabia a menor dúvida de que o torpe havia sido eu em meu pueril afã de ganhar-lhe a dianteira e somente quando me dei conta de que a bengala poderia ocasionar-lhe um tropeço, deixei-a cair.

Folgo em dizer que eu já estava bastante acostumado a que as pessoas me repreendessem por causa de minha torpeza, especialmente nos bondes. Em uma oportunidade, na mesma igreja, uma senhora muito devota havia me repreendido ao tropeçar na bengala que eu, inadvertidamente, havia deixado a meu lado. E ao pedir-lhe desculpas por minha negligência, ela me disse:

– Por alguma razão Deus o tem castigado desta forma, desatento⁵!

Não duvidei nem por um instante de que esta senhora estivesse certa, já que, na guerra, eu havia pecado tão gravemente contra Deus, de modo que supus que suas palavras eram uma advertência para que fosse mais cuidadoso com a bengala que havia ocasionado um incômodo a tão devota senhora. Também pensei que a advertência incluía uma admoestação para que jamais fosse ao templo com minhas muletas. A senhora havia se apressado para chegar ao confessionário onde havia uma longa fila de senhoras esperando a vez. Quando olhei aquela a quem tanto havia prejudicado, dei-me conta de que também caía sobre mim a culpa de havê-la feito perder pelo menos dois lugares na fila, devido ao tempo que teve que empregar em recordar-me de meus pecados e blasfêmias. Estava dando voltas em seu rosário com as mãos agitadas e nervosas, e deduzi que esta senhora necessitava confessar-se urgentemente.

Relato este incidente porque já se havia enquistado em mim certa resignação para receber as imprecações das boas pessoas as quais minha bengala e minha perna tanto molestavam. De forma que, quando este homem estranho me pediu desculpas por algo do qual eu era o único culpado, não consegui responder nada. Tão surpreendido estava ante tal novidade. Recordo ter tratado de dizer algo, mas não sei se pude modular as palavras. Ele abriu a porta estreita muito cuidadosamente, colocou-se de lado e pediu-me gentilmente:

– Passe você primeiro, por favor. Certamente está com pressa.

Eu unicamente consegui inclinar a cabeça em sinal de gratidão. Só lá fora pude recuperar-me parcialmente do assombro e disse-lhe:

– Bem sabe você que a culpa foi minha. Você é muito cortês. Muito obrigado.

É necessário que, aqui, destaque algo muito singular que senti nesse momento. A deferência que ele havia demonstrado produziu-me uma irritação muito curiosa. Esperei que respondesse com o já esperado: “De forma alguma...” Aguardei com verdadeiro desejo que o dissesse, posto que me desiludiria. Que razão havia para que eu sentisse este desejo tão estranho? Ainda não posso explicá-lo.

Mas ele não o disse, e então ocorreu outro fato insólito. Senti uma viva alegria ante sua leve e silenciosa inclinação de cabeça. E comentei comigo mesmo:

– Menos mal que não seja um bajulador⁶.

Depois de sua vênia, afastou-se de mim. Eu comecei a descer a escadaria do templo com aquela torpeza típica dos coxos que só podem descer um degrau de cada

⁵ “desconsiderado”

⁶ “Menos mal que éste no es un baboso”

vez. E, nesse dia, a descida foi espantosamente lenta para mim. Tinha às minhas costas a sensação de que ele estava observando-me e que se compadecia. No geral, a compaixão que alguns expressavam ante minha coxeadura tinha um sabor de hipocrisia e irritava-me muitíssimo. Qualificava-a de falsa piedade, de uma fórmula banal como qualquer outra.

Uma vez mais tive de mudar meu modo de pensar acerca deste homem. Meu juízo havia sido muito impulsivo. Quando cheguei na calçada, olhei para trás e o vi afastar-se em direção contrária à minha, como se não houvesse ocorrido nada.

Só voltei a recordar este incidente quando, no outro dia, cheguei ao templo. Devido a certos consertos que estavam sendo feitos na parte interna, os bancos que nós usávamos para orar não estavam na posição de costume. Este homem havia ocupado a ponta do único banco do qual se podia olhar diretamente para o altar. E essa ponta estava encostada em um grosso pilar. Acomodei-me no mesmo banco, mas um pouco afastado dele e tive a precaução de colocar minha bengala atrás de mim, no assento. Quando ele terminou suas orações, sentou-se; eu não me dei conta deste fato, senão quando à minha vez terminei e preparava-me para me retirar. O homem havia esperado pacientemente, pois para sair deveria interromper-me. Semelhante delicadeza comoveu-me, tanto mais quanto eu já havia me prevenido de seu costume de deixar o templo quando terminava suas orações. Olhei para ele, sorri e disse-lhe:

— Muito obrigado, senhor.

Fez novamente uma saudação com a cabeça, pôs-se de pé e esperou que eu acomodasse a postura de minha perna e recolhesse a bengala. Tratei de fazê-lo o mais rápido possível a fim de corresponder a sua delicadeza e, por causa de um movimento brusco, senti uma dor tão aguda que, sem dar-me conta do que fazia, exclamei:

— Merda!

Eu já tinha a bengala em minha mão direita. Deixei-a cair para apoiar-me no encosto do banco e com a mão esquerda pude tocar a parte dolorida de minha perna. Quando estava inclinado, dei-me conta do que acabara de dizer, levantei a cabeça para olhar para este homem, sentindo que tinha o rosto vermelho de vergonha. Mas ele sorria imutável e com a mesma expressão carinhosa e amável, disse como se fosse a coisa mais natural do mundo:

— Amém.

Tão violento foi o choque, que isto me produziu, que não pude conter o riso e foi necessário que tapasse a boca com a mão para não provocar um escândalo. Eu acabara de dizer uma barbaridade frente a este homem que, a todas luzes, levava muito a sério esta função religiosa. No entanto, não só não se havia mostrado violento nem molestado, senão que, inclusive, havia dissipado minha vergonha e minha culpa de um modo tal que eu havia caído na mais franca risada. Porque, assim como sou violento, tenho o riso fácil. Um anda com o outro.

Fiz um esforço e repus-me até onde pude. Peguei a bengala e comecei a sair com minha acostumada torpeza. Este homem nem sequer fez um gesto para ajudar-me e por isso me senti muito grato. Seu “amém” já era uma concessão notável a minha debilidade.

Quando estávamos do lado de fora, senti-me obrigado, todavia, a dar-lhe uma explicação, de modo que o detive e disse-lhe:

– Senhor, peço que me perdoe. Creio que foi uma exclamação involuntária. A dor foi muito aguda.

– Compreendo – ele me disse – essas dores são realmente agudas. Dadas às circunstâncias, sua exclamação é natural. Não tem porque se desculpar.

Confesso que passou muito tempo antes que entendesse sua frase. Mesmo agora, parece-me inexplicável. Mas nesse momento nem pensei nela, já que estava preocupado em formular minhas desculpas e corresponder com decoro às deferências que ele havia tido comigo, de modo que lhe disse:

– Dou-me conta de que minha exclamação deve tê-lo ferido em sua devoção. Você foi muito gentil comigo e não queria produzir-lhe um desagrado. Afinal, minha devoção não é igual à sua, eu não venho ao templo para adorar ou pedir o perdão por meus pecados, porque sei que não têm perdão e que, além disso, não o mereço. Venho pedir ajuda para necessidades bem pouco espirituais. Como você pode ver, sou um pecado a outro, e tudo por uma dor na perna.

Foi nesta oportunidade que me dirigiu seu primeiro paradoxo. Falando muito intencionada e pausadamente, disse:

– O mesmo que o bem e a virtude, o pecado e o mal só podem dar-se na vigília. Quem dorme, dorme; para o adormecido não há pecado, como não há bem e nem virtude. Há somente sonho.

Olhei-o expressando certa suspeita de achar-me frente a um louco, mas seu olhar era tão limpo, estava tão fixo em meus olhos, sem por isso ser impertinente, que vacilei antes de completar meu juízo. Não disse nada. Ele continuou:

– Na realidade, ninguém peca deliberadamente; ninguém pode fazer o mal deliberadamente. No sonho as coisas são como são e da única maneira que podem ser. Quando se está adormecido, não se tem controle nem domínio sobre o que ocorre nos sonhos.

– Confesso que não posso entender-lhe – disse.

– É somente natural que assim seja. Esqueça este incidente, que não teve maior importância.

– Mas, eu temo muito que o tenha ferido com esta expressão totalmente involuntária.

– Não, você não me feriu de forma alguma. Tem-se ferido a si mesmo. A imensa maioria dos homens ferem a si mesmos dessa forma, justamente, porque quase tudo quanto pensam, sentem e fazem é involuntário.

– Gostaria de poder compreendê-lo. O que me disse é muito confuso e lamento que minhas preocupações não me permitam reflexionar sobre o sentido de suas palavras.

– Mesmo no sonho o homem tem certo poder de escolha, muito limitado por certo; mas o tem. De toda forma, quando o exercita, este poder aumenta. Se seu

interesse em compreender é sincero e profundo, não lhe será difícil dar-se conta de que o homem adormecido pode escolher entre despertar e seguir dormindo.

Eu não estava interessado em enigmas desta espécie. Entretanto, a maneira de falar deste homem me atraiu. Mas tinha pressa em chegar a meu escritório para ver se havia cumprido ou não meu último prognóstico. Além disso, a crise geral na Europa deixava a todos muito atarefados, de modo que meu ânimo não estava predisposto a meditar nas coisas que acabara de ouvir. Para não ser grosseiro, disse-lhe:

– Seguramente, o que você disse é muito certo. Ao menos, em meu caso, assim o é. Sinto-me muito aliviado de não o ter ofendido em seus sentimentos religiosos. Tratarei de ser mais cuidadoso no futuro. Agora, rogo-lhe que me desculpe, mas devo ir para meu trabalho.

Estava a ponto de dizer-lhe o costumeiro “até logo”, quando ele me interrompeu:

– Não tenho rumo certo, de modo que, se me permite, acompanhá-lo-ei.

Eu sempre havia evitado a companhia de amigos e conhecidos, sabendo que minha coxeadura lhes causava impaciência em vista de que eu devia, pouco menos que, arrastar a perna ferida. E estava a ponto de dizer-lhe que não, que tinha muita pressa, quando percebi a incongruência de minha desculpa. Não podia, de forma alguma, falar em andar depressa. Não sabendo o que fazer, eu só consegui dizer-lhe:

– Com muito prazer.

Porém, interiormente fervia de raiva. Este homem se impunha sobre minha vontade de uma maneira tão suave e, ao mesmo tempo, tão resoluta, que não pude ocultar minha irritação e comecei a mover-me em silêncio. Cada um de seus gestos foi, no entanto, considerado. Enquanto eu descia, com muita dificuldade, as escadas do templo até a rua, ele me disse que se adiantaria para comprar cigarros. Quando novamente estivemos juntos, brincava com o maço e ao chegar na esquina não teve aquele piedoso gesto, que tanto me irritava nos demais, de ajudar-me a cruzar a rua. Caminhou a meu lado muito naturalmente, como se meu andar fosse o de um homem normal. Não obstante, parece que ele captou minha irritação interior, pois me disse:

– As dores, como as que você sofre, são o que você expressou na igreja. E me agradaria que as lançasse fora de si.

Isto unicamente aumentou minha irritação. Estive a ponto de dizer-lhe que a compaixão me adoecia e que, de toda forma, a ele pouco podia, em verdade, importar-lhe se eu estava ou não sofrendo uma dor. Mas algo me conteve e guardei silêncio. Caminhávamos a meu passo, muito lentamente. Durante um trecho ambos guardamos silêncio. Comecei recordar que à minha vez, em mais de uma oportunidade, eu também havia desejado, vivamente, o desaparecimento das dores que sofriam os feridos mais graves, especialmente nos hospitais de sangue. De modo que, pensei que talvez este homem não fosse um hipócrita ao dizer-me o que sentia com respeito a mim. Comecei a sentir-me mais tranqüilo e ao mesmo tempo fui adquirindo mais confiança nele. Ofereceu-me um cigarro e ao observar meu gesto de buscar os fósforos no bolso, com a bengala pendurada ao braço, deixou-me fazer. Senti simpatia por ele e decidi contar-lhe meu vergonhoso segredo:

– Espero não lhe ofender com o que vou dizer, mas a verdade é que vou à igreja para ver se, ajudado pelas orações, obtenho um pouco mais de entendimento para desempenhar-me melhor em meu emprego. Espero com isso ganhar um aumento de salário. Eu o necessito e trabalho horas extras para poder custear a operação de minha perna e ficar são. Mas não pense você que eu espero que me ocorra um milagre; peço, além disso, outras coisas que talvez sejam demasiado mesquinhas.

– Compreendo – disse-me.

– Espero poder juntar a soma necessária dentro em pouco. Quando puder caminhar bem, poderei trabalhar melhor e fazer uma carreira e um nome.

– Pelo visto você tem um propósito bastante preciso.

– Bom; sem um propósito preciso é muito pouco o que alguém pode fazer – disse-lhe.

– É uma grande coisa ter um propósito preciso, saber o que se quer. É muito mais importante do que a maioria imagina. São raros os homens que realmente sabem o que querem na vida; alguns crêem sabê-lo, mas se equivocam. Confundem os fins com os meios que usam, e às vezes ocorre que os meios são sua verdadeira finalidade. Mas como os vêem como meios, porque não podem ver mais nem melhor, utilizam grandes e sublimes meios para fins bastante mesquinhos. Assim é como se prostitui o conhecimento.

Este comentário produziu-me um mal estar interior e contestei:

– Você se refere a meu caso, ao fato de que não vou à igreja com fins espirituais?

– Não – disse-me ele – falo em termos gerais. Não creio que você tenha me autorizado a tratar diretamente de suas coisas íntimas. Quanto ao mais, quando quero dizer alguma coisa, digo-a diretamente e sem rodeios.

– Talvez lhe chame a atenção minha atitude na igreja. Mas o caso é que não sei rezar, tampouco sei adorar. Só sei pedir e peço a minha maneira. A religião deixou de interessar-me por muitas razões.

– Mas pelo visto você não perdeu a fé e isso é o único que verdadeiramente importa. Ainda mais em seu caso particular. Há muito o que se dizer sobre a fé. É algo que deve crescer no homem. E, quanto a saber rezar, é mais simples do que você supõe. Em nossos tempos se tem complicado muito o sentido da oração. Eu opino que, quando alguém sabe o que quer e luta por alcançá-lo, ainda que não o formule em palavras, está em permanente oração. Uma vez li em alguma parte que todo querer profundo é uma oração e que jamais fica sem resposta; o homem sempre recebe aquilo que pede. Mas como, geralmente, o homem não sabe o que seu coração realmente quer, tampouco sabe pedir o que melhor lhe convém. Daí eu concluí que o Pai Nosso, por exemplo, é uma oração acessível somente a um coração sedento de verdade e faminto de bem. Todo verdadeiro milagre baseia-se nisso, mas o homem moderno já não o vê desta forma e também perdeu o verdadeiro sentido do milagroso. Busca-o fora de si mesmo, no fenomenal. O homem moderno esqueceu muitas coisas simples e este esquecimento é a verdade subjacente no conceito do pecado original.

– Eu não creio em milagres – retruquei.

– É possível que tal seja sua formulação. Mas, permita-me que ponha em dúvida suas palavras.

– Como não vou saber o que eu mesmo creio?

– Os fatos o revelam. É muito simples, se os observa bem. Se você não acreditasse em milagres, não iria a igreja.

E sem dar-me uma oportunidade para responder, despediu-se dizendo:

– Desfrutei muito de sua companhia. Agradeço-lhe. Talvez possamos voltar a estes temas se você tem interesse neles. Você irá à igreja amanhã?

– Seguramente – disse-lhe – se estiver vivo.

– E se Deus o permitir – agregou muito seriamente.

Fiquei confuso. Esta última expressão incomodou-me. Por momentos este homem parecia à própria sensatez, mas eis que, aqui, seus paradoxos e suas contradições me mortificaram. De toda forma, disse a mim mesmo, ao menos é honrado e não é um bajulador.

Capítulo IV

Voltamos a caminhar juntos no dia seguinte. E no outro também. E assim foi consolidando-se entre nós uma formosa e sincera amizade. Seus paradoxos chegavam sempre de tarde em tarde. Preocupava-se de que me alimentasse bem, de que desfrutasse de um descanso suficiente. Persuadiu-me até a abandonar o trabalho extra que me privava de sono e repouso. Ajudava-me a fazer meus prognósticos e logo tive várias cadernetas cheias de apontamentos. Mas, o que mais parecia preocupar-lhe, era minha perna. Um dia, muito timidamente, aventurou-se a dizer-me:

— Tenho discutido seu caso com um cirurgião que é meu amigo. Se você puder pagar as radiografias, ele o operará gratuitamente. O gasto do hospital, anestesia, internação, etc., você poderá pagar em mensalidades. Interessa-lhe?

— Naturalmente! — Exclamei. Não cabia em mim de felicidade.

Por esta data estávamos um pouco mais íntimos e nos conhecíamos melhor. Atraía-me sua maneira franca e aberta de fazer as coisas; especialmente como lançava suas opiniões sem se preocupar com as minhas. Mas havia descartado o tema religioso, o que não deixou de chamar-me a atenção.

Obtive de meus chefes a autorização necessária para ausentar-me do escritório, e inclusive me proporcionaram um adiantamento, por conta de salários futuros, para que pudesse completar a soma que me faltava. Nessa memorável tarde, meu amigo me esperava na porta da igreja.

— Estamos atrasados — disse-me — vamos de táxi.

Durante a viagem não falou nada e tampouco eu, salvo:

— É uma lastima que nesta tarde não pude rezar. Gostaria de dar graças por tudo isto.

— Tranqüilize-se nesse sentido — respondeu-me — estão dadas, recebidas e você está em paz com Ele.

Não tive sequer tempo para surpreender-me, porque nesse instante chegamos à clínica e ele se antecipou a pagar o chofer.

Aquelas cinco semanas passaram tão velozes que quase não posso recordar os detalhes. Ele me visitava todos os dias; responsabilizou-se por alguns assuntos pessoais que não podia atender e, quando o médico autorizou-me a levantar e que fizesse a prova de caminhar, manteve-se distante.

Meus primeiros dias sem bengala, ainda na clínica, foram bastante desagradáveis. Havia adquirido o hábito de coxear e sentia falta da bengala. Meu amigo me disse:

– Todo hábito é uma coisa adquirida e pode-se mudá-lo. Faça este teste.

E pondo em minha mão uma caixa de fósforos, indicou-me:

– Aperte-a na mão como se fosse o cabo da bengala.

Depois de alguns ensaios, comecei a perceber que, fazendo dessa maneira, sentia-me mais seguro e caminhava melhor. Passou o tempo e foi-me dado alta. Nesse dia, meu amigo veio buscar-me e deixamos juntos a clínica. Quando agradei ao cirurgião sua gentileza em não haver cobrado pela operação, notei que ele se turvara. Muito tempo depois, inteirei-me que esta turvação se devia a que meu amigo havia pago todos os gastos. Nunca me deu uma oportunidade para agradecê-lo por este gesto.

Quando deixamos a clínica, e eu caminhava ao seu lado alegremente, fez um de seus comentários paradoxais.

– As pessoas crêem que os hábitos se deixam, quando na realidade só se podem trocá-los por outros. A sabedoria do homem se prova justamente em quais hábitos troca e quais adota no lugar dos que crê que deixou. Digo-lhe isso com um duplo propósito: o principal é que você aprenda a conhecer a si mesmo; o outro, é indicar-lhe um detalhe pelo qual se pode tomar o fio deste conhecimento, que alguns homens muito sábios consideram indispensável para a felicidade humana. Por exemplo, agora você vai apertando a caixa de fósforos e disfarça este hábito levando a mão escondida no bolso. Isto não é especialmente prejudicial. Digo isto para que aprenda a observar a si mesmo. Por ora, basta que o saiba. Você poderia seguir acreditando que deixou para trás o hábito da bengala, mas o que deixou para trás foi somente a bengala e não o hábito de apoiar-se em algo para caminhar. Agora você se apóia numa caixa de fósforos. Não sei se você entende o que eu quero dizer-lhe.

Retirei a mão do bolso imediatamente, um pouco envergonhado, mas ele disse:

– Não, não foi essa minha intenção. Você não me compreendeu. Veja, você poderia ter trocado o hábito de caminhar apoiado em algo pelo hábito de reacionar com um exagerado amor próprio e isso sim seria realmente prejudicial. O sensato é ter discernimento nestas coisas, nestas insignificâncias, porque tudo o que é grande está feito de insignificâncias. Quando queremos ser melhores e não sabemos precisamente e por nós mesmos o que é melhor ou o que é pior, facilmente caímos em absurdos e nos escravizamos ao que outros determinam que é melhor ou pior. Em cada ser humano há um juiz sempre disposto a orientar-nos, mas devido a nossa péssima educação e as conseqüências dela e de outras coisas, ignoramos a este Juiz Interior ou, quando nos fala, não lhe prestamos a devida atenção. Este Juiz, somos nós mesmos em uma forma distinta, digamos invisível. Atreveria-me a dizer-lhe que, em seu caso, foi este Juiz quem o fez ir à igreja e quem o tem orientado em muitas de suas tribulações. Recordar deste Juiz, praticar sua presença em si mesmo, é uma coisa muito importante. E como queira que se trata de um aspecto, digamos, superior de nós mesmos, a este Juiz podemos chamar-lhe EU. Mas não este “eu” ordinário que conhecemos. Esforçando-nos em senti-lo em cada um de nossos atos, de nossos sentimentos, de nossos pensamentos,

nós o nutrimos. Eventualmente, podemos chegar a percebê-lo como algo sumamente extraordinário, sumamente inteligente e compreensivo. É uma sensação e um sentimento muito diferente aos que estamos acostumados a considerar como EU. Não aparece da noite para o dia, senão que há que ir forjando-o pacientemente. Mas basta por ora. Rogo-te que pense nisso. Você gosta de andar de bicicleta?

Respondi que sim.

— Magnífico — ele disse — se você quiser, quando regressar de uma viagem, que devo fazer agora, poderemos empreender uma série de passeios juntos. Afortunadamente disponho de duas; uma é de um irmão que morreu. Você gostaria de passear?

— Sim, acredito que sim — disse-lhe.

Na realidade, livre de minha coxeadura, sentia que o mundo era uma coisa maravilhosa. Despedi-me de meu amigo. No dia seguinte fui à igreja muito mais cedo que de costume. Expressei minha gratidão a Jesus e quando estava murmurando meu improvisado discurso, recordei as palavras de meu amigo em nossa primeira conversa:

— Se você não acreditasse em milagres, não viria à igreja.

Dei-me conta de que em tudo o quanto acabara de viver havia-se produzido um milagre, mas não estava totalmente convencido. Tudo havia ocorrido muito casualmente, e, além disso, eu estava acostumado a pensar que os milagres, para que fossem reais, deveriam ocorrer em uns poucos segundos. O meu havia demorado cerca de um ano e isto não era, para mim, um milagre. Talvez quem leia isto possa explicar a razão pela qual havia em mim uma voz, uma idéia, alguma coisa que insistia em que se havia produzido um milagre, mas não acerto a dar com nenhuma idéia que me satisfaça por completo, apesar de que meu amigo me falou muitas vezes sobre a “ilusão do tempo”. No material que me pediu que publicasse há uma menção do tempo e do amor que eu, francamente, não entendo. Limitei-me a copiar à máquina os textos que ele me entregou. Porém, voltemos a ele.

Capítulo V

Como já mencionei, nunca soube seu nome, seu verdadeiro nome. Às vezes dizia que os nomes carecem de importância, que o verdadeiramente importante está mais próximo de nós que nosso próprio nome, que é mais real que nosso próprio nome. Dizia que os nomes são unicamente uma conveniência social, um meio de identificar-se. Às vezes dizia que se sentia identificado com certas e estranhas abelhas de Yucatán, às vezes com um Príncipe Canek, que foi amado por uma Princesa Sac-Nicté; outras vezes, costumava dizer que seu amor pelo Solurgia a sentir-se do mesmo espírito que certo Inca chamado Yahuar Huakak, cujas inquietudes ele havia partilhado um tempo, pese que, entre ambos, mediasse a bagatela de uns quantos séculos. Outras vezes, confiava-me que estava enamorado da sabedoria de Ioanes, e de algumas das coisas de Melchisedec.

Muitas vezes o ouvi comentar:

— O único que verdadeiramente importa é *ser*. Quando o homem é, o demais o tem por acréscimo.

Em minhas anotações daquela época, encontro registradas algumas de suas palavras: “O tempo, o desenvolvimento da vida e dos acontecimentos do homem são coisas que poucos tomam em conta e que um número ainda mais reduzido é capaz de entender. A vida é um milagre em si mesmo, mas nós raramente ponderamos sobre ela. Damos por certas muitas coisas que não são verdadeiras, que deixariam de serem sensatas se lhe aplicássemos uma interrogação, um por quê? Não sabemos quem verdadeiramente somos nem o que é que verdadeiramente somos, quais inclinações são as que realmente nos animam. Poucos são os que se convencem disto. A maioria crê que com o nome, a profissão e algumas outras coisas circunstanciais, já sabem tudo. Nossa maneira de pensar é, todavia, muito ingênua. Muito do que os homens atribuem à educação moderna há de buscar-se nas profundezas da psicologia mais pura, que é algo que se perdeu. Mas também ocorre que há muitos psicólogos que não entendem nem sequer as coisas que eles mesmos dizem. De outro modo já faz tempo que teriam descartado a psicanálise. A ciência ordinária não crê nem aceita o milagre porque não é verdadeiramente científica. Há homens da ciência que, ocasionalmente e por razões morais, costumam falar do espiritual, mas nem sequer se detêm a ponderar no que é a matéria em si. Há homens supostamente espirituais que não percebem a transcendência do que Jesus Cristo disse a Nicodemos, e que o Evangelho registra com estas palavras: “Se vos tenho dito coisas terrenas e não credes, como creereis se vos disser as celestiais?” É que a ciência não quer perceber que nas palavras, nas parábolas, nos milagres e em todos os feitos conhecidos de Jesus Cristo há muito mais ciência do que ordinariamente podemos imaginar. Devido a isto, a filosofia que conhecemos baseia-se em

ingenuidades anticientíficas, assim como a religião cristã que conhecemos está em disputa com as principais verdades que Cristo ensinou. Mas não devemos ficar desesperados. Há os que possuem as chaves da verdadeira ciência e seus conhecimentos são exatos e precisos, e ninguém pode equivocar-se com respeito a eles. A única dificuldade estriba em que, a esta ciência e a estes conhecimentos, ninguém chega casualmente. Deve buscá-los com afã e preparar-se durante muito tempo. Mas todos podemos pôr-nos em contato com estes homens, podemos entrar em contato através de suas idéias e, sobre tudo, mediante o esforço que façamos por compreendê-las. É o esforço sincero que vale. Há muito disto, especialmente, na literatura. Poucos suspeitam que um livrinho que custa alguns centavos, contém os ensinamentos mais maravilhosos que alguém possa desejar. Como digo, pensamos muito ingenuamente; melhor dito, não sabemos como pensar. A ciência e a filosofia, por exemplo, utilizam meios que, se ponderassem sobre eles, converteriam-nos em finalidades. Um destes meios se conhece com o nome de “intuição”. A ciência ignora o quanto deve a intuição; o mesmo ocorre com a filosofia. Trata-se de uma gradação ou velocidade distinta da função da inteligência humana. O mesmo podemos dizer da arte e da religião. As revelações, em que se baseia o dogma religioso, são algo que todos os teólogos querem elaborar sem dar-se conta de que, à velocidade em que trabalha, a razão ordinária é material impossível de elaborá-las”.

— Que livrinho é este que custa alguns centavos? — perguntei.

— O Sermão da Montanha. É a soma dos capítulos cinco, seis e sete do Evangelho de São Mateus.

— Por que a religião nada diz acerca disso?

Meu amigo olhou-me e sorriu.

— A religião não percebe que seu erro estriba justamente no conceito que tem de “religião”. No entanto, para poder entender a verdade deste conceito é preciso descartar o conceito ordinário.

Fiquei pasmo ante tal galimatias.

— Mas você é, obviamente, um homem religioso. Como pode dizer isso?

— Veja — respondeu — você não pode sair do ataúde no qual o colocaram sua educação, seu conceito da moral religiosa, etc. Muitos homens costumam perceber a possibilidade de sair do ataúde, e entenda você a palavra ataúde literalmente; despontam a cabeça por cima das bordas, mas a idéia da liberdade que vêem os assustam e logo voltam para dentro do ataúde e até fecham a tampa com pregos para que nada perturbe seu sono.

— Mas, por que você me disse que a religião é um conceito errado?

— Religião significa “re-ligar” e não há nada que se religar porque nada há no Universo que esteja desligado de algo. Todavia, devemos representar as coisas como se estivessem desligadas devido às limitações de nossos sentidos e do entendimento que derivamos desta limitação. Como poderia conciliar-se o conceito de religar com o que afirma o mais elementar do catecismo, por exemplo, de que Deus está no céu, na terra e em todo lugar? Ou aquela outra afirmação de um dos pais da Igreja, o Apóstolo Paulo, que disse: “Em Deus vivemos, movemo-nos e temos nosso Ser.”

— Então, o que é que há de ser feito?

– Dar-se conta do que significa a palavra *Universo*; esforçar-se por elevar a inteligência àqueles estados de veemência nos quais estas idéias são coisas vivas. Novamente podemos recorrer à entrevista de Nicodemos com Jesus, porque no mesmo tema Jesus deu a chave do entendimento destas coisas ao dizer: *“E ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu. E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna.”*

– Isto é sumamente difícil de entender.

– Tudo depende do esforço que se faça por entendê-lo. O esforço por entender estas afirmações que parecem tão obscuras é, justamente, a chave que nos pode abrir as portas do céu; mas sucede que a maioria se conforma com a primeira interpretação que encontra, esquece o esforço e assim começa a cair, começa o pecado original, porque significa deter o desenvolvimento da inteligência. Quando se detém este desenvolvimento, quando o homem se dá por satisfeito com a compreensão de hoje e não trata de ampliá-la ao máximo da intensidade de que é capaz, perde sua capacidade, perde sua compreensão e, eventualmente, perde sua alma; melhor dito, mutila, entorpece seu crescimento de tal forma que a alma adoece e até pode morrer completamente. Isto é algo que Jesus tratou de explicar na parábola dos talentos, na do traje de bodas e, sobre tudo, nessas duas palavras que encontramos a cada instante nos Evangelhos: *“Velai e orai”*.

Com o tempo, até cheguei a acostumar-me a esta linguagem tão especial de meu amigo. Apresentei-o a alguns de meus amigos, e quando estes me perguntavam quem era ele, não sabia o que responder, de modo que decidi fazê-lo passar por um parente, algo excêntrico, mas no fundo uma boa pessoa.

Quando lhe informei disto com a secreta esperança de que me dissesse a verdade sobre si mesmo, comentou:

– Nosso verdadeiro parentesco é muito mais real do que você imagina. Algum dia inteirar-se-á disto.

– Você não crê que exagera um pouco este mistério – disse-lhe.

– A verdade sempre parece exagerada aos que não a percebem.

– É um pouco difícil de aceitar⁷.

– Não o duvido. Mas é que você, todavia, não se dá conta de que falamos idiomas diferentes, porque temos um entendimento diferente.

– Então, por que não falamos o meu?

– Porque, ainda que não o saiba bem, você quer aprender o meu. Se me guiasse por suas palavras, faz tempo que teríamos deixado de ver-nos e de conversar. Não falo com o que você aparenta com suas palavras, senão com o que você pode ser.

– Isto sim que é um galimatias. É tudo quanto me tens que dizer?

– O que eu lhe diga dependerá sempre do que você queira perguntar-me.

⁷ “lavar”

Pese que estas entrevistas sempre me deixavam incomodado, ao perceber como ele sempre manejava meu pensamento e desviava meus propósitos, não pude evitar que meu carinho por ele aumentasse. Era algo muito contraditório o que ocorria comigo.

Assim passou o tempo. Eu continuava apoiando-me em caixas de fósforos que levava sempre em meu bolso, não podia esquecer a guerra. Sobre tudo, não podia esquecer a sensação de repugnância que sentia em mim mesmo cada vez que voltava à minha memória a recordação de certo homem a quem havia matado cravando uma baioneta em seu ventre. Tão horrorosa era a agonia que o vi padecer, que por instantes desejava haver sido eu o morto. Esta cena voltava com frequência agora que os comunicados de guerra davam conta do número de baixas ocorridas nas distintas frentes. Não podia tomar estas cifras como se fossem somente cifras; para mim representavam padecimentos humanos que não afetavam unicamente as tropas, senão que, cada soldado e cada homem se convertia no centro de uma tragédia para toda uma família, para todo um círculo de amizades, e talvez para a mesma terra. Não podia explicar-me de onde nem como vinham estes pensamentos, mas sentia um grande mal estar interior que às vezes se convertia em algo doloroso. De maneira que fazia todo o possível para fugir deles nestes momentos e até cheguei a sentir inveja da frieza com que meus amigos embaralhavam estas cifras. Também me causava assombro, cada vez que via nos jornais, as manchetes registrando-as como se tratassem de acontecimentos sem precedente na história do mundo e como fatos verdadeiramente gloriosos. Os jornais pagavam somas elevadíssimas para ter estas notícias; por sua vez, as pessoas pagavam suas moedas com gosto para lê-las.

A guerra havia se convertido em um fantasma que perseguia minha consciência. De cada dez comunicados que chegavam a minha mão para serem redigidos, nove tratavam diretamente da guerra e o décimo indiretamente. Assim passou o tempo da Etiópia, o tempo da Espanha e um certo dia chegou o da Polônia e finalmente a guerra estendeu-se por todo o mundo. Tão opressor era este fato que, pela força de seu número, os comunicados começaram a cegar-me. Pouco a pouco fui tornando-me insensível com tanta reprodução de cifras sobre mortos, feridos e desaparecidos. Em certo dia notei que estava interessado e que me deleitava com a descrição do bombardeio de uma cidade na qual pereceram milhares e milhares de mulheres, crianças e anciões, todos completamente indefesos ante o fogo que chovia sobre eles. E coincidiu que, naquele mesmo dia, havia traduzido um comunicado que continha certas declarações feitas por um importante chefe da Cruz Vermelha Internacional. Tratava de cinco pontos sobre a ajuda e proteção das crianças e eu havia decidido conservar uma cópia para mim. Deixei-o em cima de minha mesa de trabalho e quando quis encontrá-lo para levá-lo, os demais comunicados sobre mortos, feridos, bombardeios e encontros navais, encobriram-no totalmente. Pensei um instante neste fato aparentemente casual e dei-me conta de que assim como ocorreu com o comunicado da Cruz Vermelha, assim estava ocorrendo com meus próprios sentimentos e nesse instante recordei os suplicantes olhos daquele rapaz a quem havia ferido com a baioneta e acreditei ver neles uma reprovação que me dizia: "Tão rápido esqueceste?"

Cada comunicado de guerra repetia esta cena em minha memória e junto dela me assaltavam pensamentos de esperança; queria crer que a alma desse rapaz tivesse encontrado alguma compensação em outra vida.

Um medo muito sutil e muito poderoso começou a apoderar-se de mim quando me dei conta de que também estava tornando-me insensível. Meus companheiros faziam brincadeiras acerca destes escrúpulos e alguns até argumentavam que as guerras, especialmente esta grande guerra, traziam um grande progresso científico, de modo que poderíamos alentar a esperança de um mundo e uma vida melhor. A incongruência deste argumento terminou por produzir-me asco. A história era a melhor testemunha de que as guerras somente produzem novas e mais sangrentas guerras. Ali estavam os artigos indicando-me como se escreveria a história desta época. Comparando-os com os da guerra anterior, a crueldade humana havia aumentado, o ódio havia se intensificado. E pode-se esperar um mundo melhor a base de uma maior crueldade? Ou uma vida melhor a base de um ódio mais intenso, que nos consumia totalmente, sob a legenda de guerra total? Nesses dias recordei uma frase de Lincoln: “O progresso humano está no coração do homem”. E não era eu mesmo testemunha de que meu próprio coração estava enamorado desta crueldade e desse ódio?

Este estranho temor, um temor frio, como se a morte me espreitasse em cada pensamento, cresceu velozmente. Quando voltei a encontrar-me com meu amigo contei-lhe isso junto com muitas outras reflexões que havia feito.

— Sim — disse-me — é natural. A alma sempre sabe o que quer e, quando inicia o despertar, começa a pedir o que é seu. Há algo em todos os homens que recusam enganar-se com a primeira explicação que chega aos sentidos. Alguns dão ouvidos a esta silenciosa voz, outros não. É muito doloroso e desagradável no começo. É o primeiro umbral. Quando no homem há um começo de vida genuína, fortifica-se também o poder de tudo quanto lhe conduz ao sonho. Este é um período perigoso porque todo despertar aporta novas energias. E tudo quanto há de falso em nossa personalidade aproveita-se delas e aumenta nossa escravidão. Pode-se dizer, sem errar muito, que assim se mata a alma. Assim, temos que no mundo há muitas almas cuja vida se deteve e pouco a pouco vão perdendo as possibilidades de crescimento e perfeição, que são um direito que o homem não utiliza. Há almas que estão decididamente mortas. O ser humano é algo mais que o corpo e os sentidos, mas o não sabe, não o compreende.

— Queres dizer-me que a alma não é imortal? — perguntei.

— Isso depende da pessoa de quem se trate — disse-me.

— Mas aí estão os princípios religiosos, os escritos de Platão e a afirmação de muitos homens reconhecidamente inteligentes que nos asseguram que temos uma alma imortal.

— Ainda dormes.

— Vais contradizer a Platão?

— Poderia aclarar-te muitos pontos para que possas entender a Platão, mas não estás preparado, ainda.

— Não te entendo.

— Estás obcecado por tuas próprias idéias e enquanto estiveres em semelhante condição não poderás entender nada. Observa um fato: se a alma fosse uma coisa que tivéssemos assegurado naturalmente, os escritos religiosos não insistiriam naquilo de que devemos esforçar-nos por salvá-la. Nem haveria necessidade de filosofia ou religiões. Saberíamos disso naturalmente e ninguém temeria a morte como a temem. Escuta-me: A alma, formamos nesta vida em base ao que nos anima. Se os motivos, os ideais, as ambições de nossa vida são transitórias, são coisas do momento, nossa alma também será transitória, passageira, sujeita ao que queremos. Algum dia poderá reflexionar serenamente sobre estas coisas e compreenderás a esse rapaz cuja morte te obceca. Observa bem: tu não o mataste por ti mesmo, porque por ti mesmo nada podes fazer. Ou seja, algo que não eras tu mesmo, uma sociedade, te treinou, te ensinou a matar. Recordas tua exclamação daquele dia na igreja? Pois é o mesmo. Tua exclamação e a baionetada foram involuntárias. Se antes de lançar esta exclamação pudesses dar-te conta do fato, não a terias lançado: igual coisa com a baionetada. Um pouco de reflexão e não a terias feito. Mas nesses momentos não há tempo para reflexionar. Fixa-te bem no que te digo: não há tempo. De modo que para poder obrar de coração é preciso sobrepor-se ao tempo e isto demanda um tipo de vontade que tu ainda não conheces. Alcançar esta vontade requer grandes trabalhos, grande obediência a algo superior. Tens observado e ponderado sobre a filantropia, a caridade? Um homem que durante anos tenha se submetido a este treinamento do qual te falo não poderá evitar fazer o bem; fazê-lo será uma função um pouco menos que instintiva. Fá-lo-á naturalmente. Mas a maioria das pessoas pensam que fazendo o bem já conseguiram o que unicamente se pode conseguir trabalhando intencionalmente, indo contra a corrente em si mesmo. E quanto à imortalidade da alma, não cabe dúvida de que existe; mas que seja imortal, já é um conto à parte. Procura entender que falo acerca do homem individual.

— Meu Deus! Agora sim creio que estás louco! — exclamei.

— Como queiras, disse-me sorrindo.

— Queres dizer-me que estamos todos equivocados?

— Por que não?

— Não é possível.

— És muito ingênuo. Tens o exemplo vivo em ti mesmo e apesar disso discutes com veemência. Mas não importa. Vejas quão errado seria se me guiasse unicamente por tuas palavras? Tu sabes e sentes que a guerra é horrível, que é uma coisa bárbara, a culminação de quanto há de selvagismo no homem. Sabes que teus companheiros estão errados com respeito a essas cifras de baixas; para ti, por outro lado, cada cifra é a representação de um ser humano e isso te faz sofrer. Aqueles que não sentem o que pensam estarão sempre errados. E fixa-te que todo este horror está produzindo-se no que chamamos de Mundo Cristão e um dos principais preceitos da cultura cristã diz: Não matarás! Mas o homem começa a matar no coração antes de começar a matar de fato; a morte que vês, por onde quer que seja, começou com o ódio. E a sociedade a justifica de muitas maneiras para aplacar a voz da consciência, se é que alguma vez lhe presta atenção. Qual das muitas igrejas cristãs tem adotado uma atitude vigorosa, inequívoca, frente a esta guerra? Somente uns poucos homens isolados têm se oposto a ela e preferiram sacrificar suas vidas em experimentos de laboratório. Voltemos a

entrevista do velho Nicodemos com Jesus Cristo. Essa entrevista ocorreu em tempos tão agitados como o atual, quando se derrubava uma forma de cultura enquanto se gestava outra. E Jesus Cristo disse a Nicodemos que era preciso nascer de novo, nascer de água e espírito, para poder desfrutar dos atributos que correspondem a uma alma de verdade.

— Mas muitos dos que morrem, morrem convencidos de que sua alma vai sobreviver.

— Não duvido. O ser humano está convencido de muitas coisas. Houve um tempo em que estive convencido de que a terra era plana. Se esquadrinhares os Evangelhos, verás que neles se diz claramente: “De que valerá ganhar o mundo se vais perder a alma?”

Resultava-me impossível discutir com ele. Meu interesse pelas sagradas escrituras era o mínimo. Não as havia lido e tampouco, estudado. Entretanto, algo me dizia intimamente que meu amigo estava certo, ainda que nada compreendesse. Depois de um breve silêncio, disse-lhe:

— Não basta então cumprir com o que manda a religião?

— Cumprir fielmente e de coração com os preceitos ordinários da religião é o primeiro passo, um passo indispensável. Tudo está entrelaçado, tudo está unido. As formas religiosas são a aparência externa do que se pode chamar de Igreja Interior. E esta é, na verdade, imortal. A isso se refere o Credo quando fala da “Comunhão dos Santos.”

Então aproveitei a oportunidade para pedir-lhe que me explicasse a verdadeira forma de rezar.

— Tens rezado muito intensamente, mas sem te dar conta.

Respondi contando-lhe minhas experiências de estudante.

— Veja — disse-me — a ignorância esteve a ponto de cegar-te por completo. E agora és tu quem nega o alimento que precisa tua alma. Não creias que agora vais poder culpar disso a teus professores, a teus confessores ou a teus padres. Podias tê-lo feito até a pouco; agora isso já te está vedado. Se tens interesse em saber algo a mais acerca do Pai Nosso, por exemplo, começa a desentranhar o que verdadeiramente significa perdoar a nossos devedores. Digo-te estas coisas porque a ignorância sincera é perdoável, mas não a hipocrisia, nem a mentira, nem a preguiça.

— E como farei isso?

— Da mesma maneira que tens feito com os demais. Por exemplo, aquele verso que diz “livra-nos de todo o mal” tem-lo vivido a teu modo. E viver uma súplica é mais importante do que formulá-la. Foste à igreja para pedir mais inteligência, segundo me contaste. A inteligência é justamente um atributo do reino dos céus. Foi-te dado certo entendimento. O outro verso: “não nos deixeis cair em tentação” tem-lo experimentado em sua vivência de horror ante o fato de que estava tornando-te insensível.

— Mas este é um modo muito estranho de orar! — disse-lhe assombrado.

— É o único modo do coração. Para entender as orações é preciso ter uma idéia, ainda que seja aproximada, da Comunhão dos Santos. Cada uma das orações que conhecemos é um tratado sintético de conhecimentos de grande envergadura. São Psicologia que os psicólogos correntes ignoram. O Pai Nosso, por exemplo, pode ser

para o indivíduo uma escada de Jacó com que chegar ao céu, se o indivíduo o vive. Para um físico pode ser um meio de explicar a natureza do Universo. E conheço um homem dedicado à astronomia que o entendeu para benefício de seus estudos. Estas orações são a obra da Comunhão dos Santos. Neste instante a Comunhão dos Santos tem muitos nomes, segundo seja o Credo que cada raça pratica. Não é uma organização estatuída, senão um palpar de vida universal. São os guardiões da cultura e da civilização, os ajudantes de Deus.

— Muitas vezes me falas acerca do alimento da alma. A que te referes?

— A um alimento tão real como o que o corpo necessita. Isto se desprende das palavras de Jesus: “Nem só de pão vive o homem, senão de toda a palavra de Deus”. O alimento físico contém energias que nutrem a alma. É necessário para o crescimento. E, por crescimento, refiro-me ao crescimento interior. Quando o homem come, bebe e respira com o propósito fixo de alimentar sua alma, extrai dos alimentos, do ar, das bebidas, certas substâncias especialmente nutritivas. Mas há um alimento superior a este e é o que nos impressiona intimamente. Todos sabemos que os desgostos entorpecem a digestão e um desgosto é uma impressão. Os transtornos hepáticos produzem um caráter azedo. De modo que, alimentando-se adequadamente de impressões, já sejam estas internas ou externas, podemos nos nutrir melhor ou pior. Mas isto requer estudos e esforços. Por exemplo, há os que rezam antes de alimentar-se, invocam a benção do Altíssimo, mas durante a refeição, tagarelam, discutem ou altercam. Durante o processo digestivo há os que até lançam maldições. Ou seja, não têm uma continuidade em seus propósitos. Mediante a continuidade de propósitos se forma no homem um órgão novo. Mas é preciso que este órgão exista potencialmente e seja capaz de crescer.

— Que órgão é esse?

— Agora não o entenderias porque estás convencido de que já o tens. Todo mundo está convencido do mesmo, como estão convencidos da continuidade de seus propósitos. Dir-te-ei unicamente que se forma de uma maneira e não de duas⁸: sofrendo deliberadamente e esforçando-se por seguir a voz da consciência.

— Mas todo mundo sofre.

— Não. Os sofrimentos lhes chegam como lhes chegam os prazeres. Sofrer deliberadamente pressupõe certo grau de vontade. De vontade própria. Todos sabemos que o ódio é mal e que o amor é bom. Sabemos que devemos amar a nossos inimigos. Sabemos estas coisas de memória, mas não podemos aplicá-las, simplesmente, porque não temos o grau de vontade suficiente para levá-las à prática, de modo que a sociedade em que vivemos conluia com o que chama de debilidade humana e esquece o princípio. Para poder sofrer deliberadamente é necessário ter a força de sobrepor-se ao sofrimento accidental. E isto não significa fugir para os prazeres porque quem sofre accidentalmente também goza accidentalmente. É preciso sobrepor-se ao accidental. E isto só é possível mediante uma continuidade nos propósitos, num claro entendimento de muitas coisas, a maioria das quais a educação moderna ignora ou despreza.

Poucas vezes tivemos uma conversa tão longa. Teria gostado de continuá-la, mas ele logo desviou a conversação e planeamos novos passeios de bicicleta.

⁸ “...se forma de uma maneira e não de dos...”

Capítulo VI

Passou muito tempo antes que voltássemos a tratar destes assuntos. Durante este tempo, quis compreender suas palavras e revisei repetidas vezes minhas anotações. Mas não entendi grande coisa. As poucas vezes que concluímos um tema, ele evitou aprofundá-lo, e, por minha parte, deixei de fazer as anotações, de modo que agora seria impossível reconstruir as frases soltas e as explicações que ele me deu sobre muitos pontos.

Interessava-me especialmente sobre o alimento da alma. Mas ele insistia em que era preciso, primeiro, despertar.

— Que queres me dizer com isso de despertar? — perguntei-lhe um dia.

— Ainda não te dá conta?

— O despertar ou a vigília de que falo é difícil, mas não impossível. É um contínuo esforço, um permanente andar às cegas durante muito tempo até que logamos compreender nossas falácias. Mas chega o grande momento a quem mantém vivo o esforço. Então, advertem-se as possibilidades latentes no homem. É algo que se sabe por si mesmo, não se necessita que o diga ou interprete. Descobre-se no corpo distintas classes de vida, distintos níveis. Então, já não se anda às cegas. Sabe para onde vai e sabe porque faz tudo quanto faz. Os Evangelhos se convertem em um guia muito valioso. Veja. Nem tu nem eu podemos dizer que somos discípulos de um ser tão magnífico e glorioso como Jesus Cristo e cremos estar despertos. No horto de Gethesemani os apóstolos, os discípulos caíram dormidos...

Meu amigo disse estas últimas palavras com um tom tão reverente que me impressionou; seus olhos começaram a encherem-se de lágrimas e ele as deixou correr por suas bochechas sem se envergonhar por isso. O que segue, disse com voz entrecortada por uma emoção tão poderosa que, por instantes, sacudiu a mim também. Fiquei perplexo. Ele seguiu dizendo:

— Um apóstolo é por si um homem superior e Jesus foi uma inteligência como raras vezes se viu na Terra. Todavia, há os que pensam que se rodeou de bobalhões e ignorantes. Os apóstolos tinham uma vontade à prova de muitas coisas; de outro modo não poderiam ter vivido próximos de Jesus, entretanto, todos lhe falharam nos últimos dias. E essa é a história do crescimento interior do homem, cheio de altos e baixo.

Ambos guardamos silêncio. Eu não quis continuar interrogando-o por medo de produzir novos transtornos. Ele percebeu minha atitude e disse:

— Não interpretes mal esta emoção; não é debilidade, é força. É um meio como se obtém um extraordinário entendimento.

Havia-me chamado, poderosamente, a atenção sua referência à inteligência de Jesus e a de seus discípulos. Por alguma razão, pensei que Judas devia ter sido o mesmo que os outros e disse-lhe isso.

— Em primeiro lugar — disse ele — é preciso que insista sobre um fato. Para ser discípulo de alguém como Jesus Cristo é preciso haver visto algo, haver compreendido algo; é necessário conhecer algo verdadeiramente real. Agora bem; diz-se que os discípulos eram pescadores. Jesus lhes disse que os faria “Pescadores de Homens”. Isto significa que os discípulos já tinham uma preparação espiritual quando tomaram contato com o Mestre. Se não soubessem algo verdadeiramente real, não poderiam reconhecer ao Cristo em Jesus, não poderiam valorizar devidamente seu Ensino. Aproximar-se ao Cristo pressupõe já uma inteligência de certo desenvolvimento, certo grau de vontade e um sentimento mais ou menos profundo da verdade. Naturalmente que, depois da crucificação tudo mudou, mas isto é outra coisa. Em segundo lugar, supor que Judas pôde enganar a Jesus é pouco menos que blasfemar. A relação entre Cristo e seus discípulos é uma relação que o homem não pode conceber em termos de uma vida ordinária, baseada nas compreensões que aportam os sentidos. É necessário ir além dos sentidos. Ou seja, formar-se olhos para ver e ouvidos para ouvir; ver e ouvir mais significados que fatos isolados; ver e ouvir em um plano de relações. Diz-se que Judas traiu Jesus, mas, quando se capta o significado dos fatos, imediatamente se percebe que a conduta de Judas não foi obra de sua própria vontade; foi obrigado a vender Jesus. O significado de “vender” na linguagem do Evangelho está relacionado com a pobreza ou riqueza em espírito. Somente recorda que se descreve o reino dos céus como algo muito precioso que um bom mercador encontra e que em seguida “vende” tudo quanto tem para fazer-se dono dessa preciosidade. Inverte o processo para aproximar-te a um entendimento. O mistério de Judas é um dos mistérios que mais nos confundem. Jesus sabia que ia morrer. Além do mais, sabia como ia morrer. Sua morte já estava predeterminada, de modo que não cabia traição alguma, porque qualquer traição requer o elemento de uma confiança baseada numa ignorância. Pense um pouco. Porque Jesus insiste em que Ele escolheu aos doze e que um deles era o diabo. Olhando os fatos retrospectivamente, resulta muito fácil julgar e condenar a Judas em base ao que outros interpretam. Mas, desentranhar o mistério por si mesmo, levado só pela ânsia de conhecer a verdade, já é outra coisa. Todos levamos um Judas dentro de nós, como levamos a um Batista, a um Pedro, um João e a quase todos os personagens que figuram nos Evangelhos. Conforme se entende que estes escritos tratam principalmente do desenvolvimento interior do homem, começa-se a ver a legião de personagens em si mesmo e também os fatos e acontecimentos que os relacionam.

Outro ponto que me interessava era saber sobre o amor e as relações sexuais. Quando abordei este assunto, uns dias depois do caso anterior, disse-me:

— O amor é a chave de tudo, porque é a força que conserva e mantém tudo. A fórmula “Amar a Deus sobre todas as Coisas e ao próximo como a si mesmo” requer uma consideração muito profunda. Ninguém pode amar ao próximo mais do que a si mesmo, mas amar a si mesmo requer certos tipos de impressões um pouco difíceis de explicar. Se vemos e consideramos o amor desde o ponto de vista das impressões, veremos que os que estão enamorados vêem tudo cor de rosa. Esse é um alimento muito especial. Mas quando se ama com sabedoria, quando se ama conscientemente, com pleno conhecimento, com plena compreensão, as delícias de um enamorado não

são nada comparadas com as delícias do amor que, somente, brotam do espírito. Amar a si mesmo é anelar o crescimento interior e isto requer normalidade. Não pode amar-se quem sofre uma inibição ou uma frustração. De modo que amar a si mesmo implica necessariamente no equilíbrio normal de todas as funções, inclusive a sexual. Mas isto é difícil de entender, a menos que se entenda o adultério no amor. O adultério no amor, deste ponto de vista, é ter uma relação amorosa ou sexual com quem não se ama integralmente. E o amor há de ser mútuo. Só o amor consciente pode produzir um verdadeiro amor. Há uma diferença muito grande entre amar e estar enamorado; o primeiro pressupõe conhecimento de si mesmo até certo ponto e entendimento de certas leis. O segundo é uma coisa determinada pela vida da natureza para os fins da criação e manutenção da vida. Para uma evolução consciente é preciso o equilíbrio, a normalidade. Isto o determina a própria compreensão. Ao abordar este assunto os Evangelhos utilizam a expressão “eunuco”. Mas antes de indicar isto, indica-se que o mandato vem pela palavra interior. E isto é a compreensão.

Poucos dias depois, meu amigo me obsequiou um texto, um poema, cujo contraste com a aridez de suas palavras explicativas, que citei, chamou-me muito a atenção. O poema dizia assim:

“Deus deu ao Sol por esposa a Terra e bendisse esse amor quando criou a Lua.

Assim também criou a ti, mulher, para verter sua vida no amor humano.

E para que no prazer de amar, encontre a alma a senda do retorno para onde é sempre hoje, onde não há sobrevir.

Porque assim como a vida vai à morte por amor, assim o amor ressurge da morte de onde há um coração desperto, que saiba contê-lo em seu amar e em seu morrer.

Com cada beijo morre um pouco a alma ao esquecer que é vida no amor.

E, pelo mesmo, com cada beijo pode reviver a alma de quem saiba morrer.

Oh! Paradoxo da Criação!

Em cada alento de amor, há um suspiro que é eternidade.

Em cada carícia também arde o fogo da morte e da ressurreição.

Elevai o amor simples e sensível aos cumes mais altos!

E que o amar e o beijar sejam uma oração de vida ao mais íntimo ser que é a verdade e é Deus.

Porque não sois vós os que amais, senão o amor do Pai que se agita em vós.

Vossa será sua mais poderosa benção se, em cada beijo que dais e recebeis, santificardes seu nome, guardando sua presença em vossos mais íntimos anelos.

E em vosso amor, buscai primeiro o reino de Deus e sua Justiça, que todo o demais, até a dita de ser, ser-vos-á dado por acréscimo.

E não temais amar; antes temei a quem possa converter vosso amor em prejuízo ou maldade.

Fazeis de vossa união um caminho sereno até os céus.

Contanto que leveis sua presença em vossos corações, estareis em verdade amando a Deus por sobre todas as coisas ao mesmo tempo em que vos amais uns aos outros.

E, no instante de vossa suprema dita, sereis um com Ele e com sua Criação.”

Não voltei a vê-lo durante algum tempo, pois teve que fazer uma viagem prolongada. Trocamos algumas cartas. Recordo que em uma delas eu lhe perguntei como alguém poderia alcançar semelhante entendimento da vida e do amor. Sua resposta chegou na forma desta paradoxal poesia:

*“Não duvides da dúvida, e duvida.
Mas duvida com fé e até duvida da fé.
Pois não é a dúvida inércia na pendência da fé
até a escuridão
e força no impulso para alcançar a compreensão?
Não duvides, e no entanto, duvida
de tudo quanto creias verdadeiro
por que a dúvida também é verdadeira,
em si e por si.
Duidando da dúvida,
e duvidando com fé e da fé,
verás o ilusório da dúvida e a fé
derrubar-se a teus pés...
E elevar-se majestosa ante teus olhos
a dúvida feita Verdade.”*

Capítulo VII

Voltamos a reunir-nos no começo do outono seguinte. Notei certas mudanças nele, mas não poderia explicá-las. Evitou os temas em torno dos Evangelhos. Unicamente uma vez, quando lhe disse que não podia compreender como era tão devoto de Jesus Cristo e ao mesmo tempo tão dado à leitura das obras Mayas, Incas, Guaranis, Hindus e Chinesas, fez-me esta observação:

— Cada povo, cada raça, cada nação, cada época tiveram mensageiros que deram testemunho da mesma e única verdade, ainda que tenham empregado palavras diferentes, símbolos diferentes e diferentes alegorias. Palavras, símbolos e alegorias não têm um valor permanente em si mesmo; são unicamente meios que temos que ir descartando pouco a pouco à medida que cresce o entendimento e a vivência da realidade. Mas, durante muito tempo em nossas vidas, não podemos senão ver palavras nas palavras e símbolos nos símbolos. Quando percebemos que dois símbolos não são iguais, pouco nos preocupamos em averiguar se estamos ou não com razão; cremos durante muito tempo que as diferenças externas tem a mesma diferença interior. Mas cada símbolo é uma palavra e cada palavra é um símbolo. Quantos sabem verdadeiramente o que estão dizendo quando dizem “eu”?

A esta explicação seguiu algo sobre as dimensões do tempo e as dimensões do espaço. Como já indiquei, eu anotava a maioria das coisas que ele dizia. Mas, nesta oportunidade, não o fiz e recorro vagamente algo assim como que o espaço é o tempo, que há três dimensões de espaço e três dimensões do tempo, que o símbolo hebreu da estrela de seis pontas era um indicativo de que espaço e tempo eram uma só coisa ou ser. Se bem me recordo, em certa oportunidade também disse que as palavras de Jesus: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”*, podiam tomar-se em física como as três dimensões do tempo, além de constituir um processo de ordem cósmica que, junto com outros cinco processos baseados na trindade, constituíam todos os processos universais em todos os graus de ser. Porém, como já lhes disse, sobre isto não conservo anotações de suas palavras, ainda que conclua que há textos sobre isto em alguma parte. Muitas outras coisas que me disse entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Nesta época estava interessado em muitas coisas à parte de minha amizade com ele. Mas nossa amizade se mantinha firme. Não era um homem ostentoso. Vestia-se bem, mas sem luxo. Com um pouco mais de alinhamento teria sido um homem elegante. Por alguma razão tratava de vestir-se muito discretamente e parecia querer não chamar a atenção; porém, segundo minha forma de ver, chamava-a ainda que não quisesse fazê-lo.

Muitas vezes, fiz-me o propósito de ponderar as coisas que ele dizia. Transmitia sua calma, sua serenidade. Eu, em troca, era um barril de pólvora um dia e no seguinte, um mar de ternura. Quando sofria alguma contrariedade, não podia menos que recordar suas palavras. Ambos seguimos concorrendo à mesma igreja todas as tardes. Mas em consequência da guerra minha vida começou a mudar velozmente, e o tempo foi ficando mais curto. De visitas rápidas e cada vez mais isoladas à igreja, passei há vários dias de ausência; estes se converteram em semanas e logo me dei conta de que já havia deixado de rezar e também de que havia deixado de ter essas conversas com meu amigo a quem não via senão quando ele, sem prévio aviso, apresentava-se em meu escritório.

Minha situação havia melhorado muitíssimo, era um homem próspero. Tinha um cargo importante e, como todos os homens “importantes”, carecia de tempo para muitas coisas, como, por exemplo, para cumprir a promessa que eu mesmo havia feito de não faltar nenhum dia ao templo. Justificava-me culpando a guerra. Minha importância baseava-se no fato de que todo mundo se interessava por estar prontamente informado dos acontecimentos. Diplomatas e políticos sabiam que, sobre minha mesa, encontrariam sempre a notícia da última hora. Meu telefone funcionava sem descanso. Foi preciso instalar um número reservado. Todos os dias, visitavam-me ou chamavam-me funcionários do governo, das embaixadas, de grandes empresas, etc. E, como era natural que ocorresse, estes contatos profissionais logo se converteram em amizades pessoais. Meu círculo se ampliou. Começaram a chegar os inevitáveis convites para festas, homenagens e reuniões íntimas que organizava um ou outro grupo. E eu, que não encontrava tempo para ir à igreja durante meia hora nas tardes, encontrei-me podendo atender a todas estas funções sociais. Por certo que sempre recorria àquela desculpa: “Trata-se da guerra e eu devo ao público que paga meus serviços.”

Quando um dia dei uma explicação pelo estilo a meu amigo, ele me olhou com uma expressão compassiva e, tomando um bloquinho em branco sobre minha mesa, escreveu:

“Nunca te sintas tão perfeito que baixes a guarda ou alivies a vigilância. Queira-te bem, mas não prostituas a ti mesmo.”

— Conserve-o onde possas vê-lo amiúde — disse-me ao entregar-mo.

Logo, pôs-se em pé e se foi.

Passaram vários meses sem que o visse. Muitas vezes eu recordava dele. Suas estranhas observações, seu oportuno conselho sobre problemas nos quais lhe supunha totalmente ignorante. Tudo isto e minha própria consciência me produziam uma rara inquietude cada vez que pensava nele e lia suas palavras.

Por aquela época começou o furor da “boa vizinhança”. Começou o furor pan-americanista. As intrigas internacionais, as quais mais mesquinhas, floresciam por todos os lados. Pude dar-me conta de que várias potências européias, supostamente amigas dos Estados Unidos, combatiam disfarçadamente a idéia da boa vizinhança. Todos queriam tirar uma fatia nos ganhos que produziam os bons negócios da guerra. Nem os industriais, nem os mineiros, nem os políticos, diplomatas ou jornalistas, estavam livres desta tentação. E eu também caí nela e caí com muito gosto através de um amigo que

especulava fortemente na Bolsa de Valores e que precisava estar bem e oportunamente informado acerca dos acontecimentos da guerra. Assim comecei a enriquecer-me.

Por outro lado certas organizações de propaganda começaram a pedir-me colaborações em forma de artigos. E os pagavam tanto melhor quanto mais altissonantes e estúpidos fossem. Aceitei e ganhei mais dinheiro.

Em certa vez recordei algumas observações que meu amigo havia feito quando se iniciaram os primeiros boatos acerca da boa vizinhança dos Estados Unidos.

— Bom vizinho unicamente pode ser quem paga à vista. Hoje em dia, ninguém está em situação de fazê-lo, muito menos os países sul-americanos. Porém, como o homem vive de palavras lindas, e quanto mais lindas mais néscias, acham que o conceito é sonoro, aplaudem-no e não sabem no que estão se metendo. É um conceito nascido da parábola do Bom Samaritano. Mas, nos Estados Unidos, alguém o tem distorcido e os demais países o têm distorcido ainda mais. Porém, a idéia é bonita e como nos Estados Unidos há dólares em abundância, aí vai a comparsa pan-americana que não é senão uma serpente de 20 bocas e uma cabeça.

— Isto é demasiado cáustico — disse-lhe.

— A verdade sempre é cáustica, especialmente para os hipócritas. Não te identifiques tanto com a propaganda que escreves e talvez poderás ver algo da verdade.

— Mas a boa vizinhança ao menos significa uma boa intenção.

— Satanás tem as melhores intenções para com o homem, por isso o idiotiza.

— Tu vês tudo tão friamente; o pan-americanismo é uma boa intenção.

— Ainda dormes. Se compreendesses que o homem não pode ter uma continuidade em seus propósitos, rapidamente compreenderias que a intenção não basta. Se o homem pudesse manter uma continuidade em seu pensamento, sentimento e ação, suas boas intenções dariam frutos generosos. Assim como o indivíduo tem muitas boas intenções um dia, e no seguinte qualquer coisa o desvia delas, assim ocorre também na política. A idéia democrática é mais velha que andar a pé, mas é impraticável, pois requer uma discriminação que poucos têm.

Entre minhas anotações desta época, encontro uma página de uma carta que ele me escreveu a respeito da política internacional do momento, durante uma de suas viagens.

Diz assim:

"...O senhor Roosevelt é, sem dúvida, um homem muito bem intencionado, mas ocorre que o único bom vizinho que tem é seu cigarro, assim como o único verdadeiro aliado do senhor Churchill é seu charuto e o único camarada do senhor Stalin é seu cachimbo. Observe que nem Hitler nem Mussolini fumam. São demasiado virtuosos e como todo fanático da virtude, só vêem a palha no olho alheio. Quando termine esta guerra, é provável que haja outra e com ela talvez a ciência progrida tanto, que se dê o gosto e desfrute da glória de haver destruído a civilização. Nada é mais fácil que profetizar uma guerra. Mas a guerra também inclui uma insipidez na vida dos povos e do próprio indivíduo. Se o indivíduo utilizasse esta insipidez interior para seu desenvolvimento e se, pelo menos, tratasse de averiguar de onde vem e porque ocorre, creio que se daria um passo em direção a paz. Porém, não é coisa fácil de conseguir que

o homem compreenda que, frente aos fenômenos celestes, é menos que um Átomo. A paz é uma conquista individual; jamais foi obra das massas. E, muito menos, obra dos exércitos. O homem ainda não aprendeu a aproveitar o que ensina a história, o que indica a experiência. A Liga das Nações foi, durante muitos anos, uma ilusão de paz; a verdade é que foi um foco de intrigas. Mussolini a destruiu com uma plumada. Depois desta guerra, possivelmente surja algo parecido, mas com algum outro nome. O homem deleita-se pondo ou trocando os nomes das coisas mais antigas da história. A Liga das Nações nasceu morta. Já havia morrido na Grécia há mais de dois mil anos, com a Anfictionia. Não se trata de organizações; não há que trocar de nome, senão que, há que modificar o homem. Não me peças que leve a boa vizinhança a sério porque tudo não soma senão um montão de mentiras. O trágico é que ninguém mente intencionalmente; ninguém se dá conta da Grande Mentira. Observa-o em ti mesmo, observa como já tens começado a acreditar em quanta mentira estás escrevendo.”

De tudo isto, o que me interessou foi à idéia de que um bom vizinho só pode ser quem pague à vista. Decidi utilizar esta idéia para um artigo e quando o publiquei minha vida sofreu uma nova transformação, conectada, em certo modo, a este singular amigo.

Vi-me lançado em cheio nas intrigas da espionagem política.

Poucos dias depois de haver elaborado esta idéia em uma série de artigos, vi-me em contato com certos vendedores de uma maquinaria que não poderia ser fabricada em parte alguma. Conheci-os mediante alguns amigos diplomatas. E desde então aumentou minha importância. Rapidamente vi que até minhas opiniões eram “importantes”. Até as mais perfeitas asneiras que costumava dizer, quando tinha um pouco mais de álcool no corpo, começaram a ter “importância”. A importância e a consideração que me atribuíam não estribava nem em minha inteligência nem em meu juízo crítico, pois fazia tempo que não utilizava nenhuma destas funções. Baseava-se, franca e sinceramente, no cargo que desempenhava e que continuaria desempenhando sempre que obedecesse a vacuidade de minha “importância”.

Não vale a pena que relate minha história em meio de todas as intrigas de então. Cito unicamente os fatos que têm relação com meu amigo e suas idéias. Porém, o que pude observar nos políticos, diplomatas e espiões com os quais tratava alternadamente, daria lugar a uma formosa comédia humorística, se não fosse pelas trágicas conseqüências que traz consigo a atividade desta “fauna e flora” de nossa cultura. Observo que estou escrevendo com certo rancor e não o oculto. E se meu amigo pudesse ler isto agora, seguramente diria algo mais ou menos assim:

– Não tens aprendido a perdoar. Ainda dormes. Tua “fauna” e tua “flora” não podem deter nem mutilar a vida.

Ao escrever isto percebo quanta nostalgia sinto por ele, quanto me dá pena não estar a seu lado agora. Mas, voltemos ao relato.

Uma noite, convidou-me para jantar. Minha confiança não havia diminuído. Conversamos longamente e com grande jovialidade. Contei-lhe minhas observações e ele sorriu carinhosa e compreensivelmente, como significando: “Os pobrezinhos não têm culpa...” Depois de jantar fomos juntos ao meu apartamento, que contrastava muito com aquele simples quarto de pensão no qual havia vivido tantos anos antes de chegar a ser “importante”. Ele olhou tudo em silêncio. Recordando essa noite, vejo quão

inconveniente foi minha conduta. Comecei por mostrar-lhe orgulhosamente todos meus bens; os títulos de ações, a roupa, um simpático bar em miniatura, meu canto desportivo com um saco de pancadas, o “punching ball”, as luvas de boxe, as barras de ferro e minha formosa bicicleta italiana. Quando terminei minha exibição, disse-lhe com tom ufano:

— Que te parece?

— Perfeito — disse-me — pouco te falta para ser um cretino completo. Não me refiro a isto, à comodidade, senão a tua atitude ante todo este bem estar e o dano que tu mesmo te estás fazendo.

— Não te entendo — disse-lhe — ganho bastante dinheiro, vivo bem e desfruto a vida.

— A que preço?

— Não acho tão terrível — protestei — não sejas hipócrita. Só te falta censurar os vestígios de mulher que encontraste.

— Talvez os vestígios de mulher sejam o único decente que te ficou. Mas é tua vida. Viva-a como te dê vontade.

Senti um vago temor ao ouvir estas palavras. Guardamos silêncio por um momento. Logo, senti um desejo veemente de confessar-lhe tudo quanto me torturava.

— Necessito tua ajuda — disse-lhe.

— Escuto-te.

Expliquei-lhe todas as coisas que se haviam convertido em um pavoroso dilema em mim mesmo, aquele infernal círculo de mentiras em que havia caído. Escutou com grande atenção, fez-me algumas perguntas para que aclarasse certos pontos que não queria expor abertamente. Refletiu um instante quando eu terminei.

— Que me dizes? — perguntei-lhe.

— Que queres que te diga?

— O que devo fazer.

— Corta pela raiz, rompe com tudo. Deixa tudo isto e começa de novo.

— Porém, estás louco?

— Não; tu és o louco. Olhe ao que chegastes.

E dirigindo-se ao banheiro, tirou do armário um frasco que continha tabletes de um estimulante, com os quais deveria ativar diariamente meu sistema nervoso para poder suportar semelhante trem da vida.

Quando o vi com o frasco na mão, dei-me conta de muitas coisas, de seu enorme poder de observação, de sua real bondade e do carinho que me professava. Mas eu sentia que as coisas haviam ido muito longe para mudar. Baixei a cabeça em silêncio.

— Menos mal que te reste um pouco de vergonha — disse-me — aproveita-a e retoma o fio da tua vida antes que termine totalmente. Dentro de pouco tempo passarás deste estimulante às drogas. E quando sentires a necessidade de fugir da baixeza em que vives, o saco de areia e tuas luvas de boxe desaparecerão e colocarás quadros pornográficos em seu lugar. Agora, pode te ajudar esse amor que há em tua vida, mas

se não o compreendes, se não te aferras a ele com todas tuas forças, se segues cedendo à tentação desta forma, perderás o amor e buscarás a orgia.

— Bem sabes que não posso deixar meu trabalho. Sabes do que se trata. Sabes o que é a guerra.

— Problema teu⁹. Perguntaste-me o que devias fazer e eu te respondi. Não tenho nada mais que te dizer.

Então foi quando cometi um lamentável erro:

— Escuta — disse-lhe — tu és mais inteligente que eu. Dar-te-ei a metade do que tenho e de tudo quanto ganho, se me ajudar a sair disto.

Olhou-me em silêncio, sem dizer uma só palavra. Dei-me conta, demasiado tarde, da forma na qual o havia ferido. Vi como seus olhos encheram-se de lágrimas. Afastou-se angustiado por uma singular tristeza e quando estava na porta, disse:

— Trinta moedas de prata...

Senti desejos de pedir-lhe perdão, mas algo me conteve. Acerquei-me do bar e enquanto me servia um copo de whisky, recordei aquela outra cena silenciosa que parecia haver ocorrido em um passado já muito distante, aquela vez que, na igreja, eu havia exclamado “merda” e ele havia respondido “amém”. Bebi o whisky de uma só vez, olhei os tablets de estimulante que ele havia deixado sobre a mesa do bar e disse a mim mesmo em voz alta:

— Que se vá ao demônio!

Bebi whisky até me embriagar.

⁹ “allá tu”

Capítulo VIII

Passou o tempo. Rapidamente, a máquina na qual eu estava preso começou a funcionar de outra maneira, mais intensamente. Acercávamo-nos ao final da guerra. Tudo era mais desesperado. Troquei de cidade, fui para outro país e ali continuei o que havia começado e do que já não poderia evadir-me. Recordava a meu amigo sempre de tarde em tarde.

Cada dia me causava mais assombro a facilidade com que mentia e enganava, e a facilidade com que todos pareciam crer em minhas mentiras e em meus enganos.

Numa noite em que havia bebido mais do que o necessário, para esquecer meu emporcalhamento, encontrei meu amigo.

Olhou-me em silêncio e, sem dar-me tempo para expressar minha alegria, disse-me:

— Reflexiona um pouco. Não busques sofrimentos que não necessitas.

Sabia que a ele não poderia mentir. Pedi-lhe que não me deixasse e ele me comunicou que iria permanecer um tempo nessa cidade e que provavelmente nos veríamos muitas vezes.

Foi muito pouco o que conversamos nessa noite. Não deixou de intrigar-me aquilo de que eu estava buscando sofrimento que não necessitava. Porém, como de costume, pensei que seria uma nova extravagância de sua parte. Em troca, gostaria muito de ter-lhe demonstrado uma maior hospitalidade e corresponder a sua devoção de amigo de uma maneira mais tangível. Quando lhe ofereci alojamento em minha casa, recusou cortesmente informando-me que em sua viagem havia sido convidado por outros amigos com os quais havia se comprometido a se alojar, porém nos veríamos em seguida.

Em nossa próxima conversa lhe perguntei se havia lido minhas crônicas e ele respondeu que sim e que havia recortado uma para conservá-la. Isto me chamou, poderosamente, a atenção. Esperava que me dissesse algo assim como: “Não leio propaganda política”, etc. Mas, que ele houvesse recortado uma de minhas crônicas foi por certo uma verdadeira novidade. Perguntei-lhe qual crônica era. Tirou-a de sua carteira.

Eu esperava que tivesse sido alguma dessas especulações cheias de complexidades que tratava de apresentar um quadro internacional, citando a magnatas banqueiros e a líderes operários, etc. Mas o que meu amigo havia recortado era algo muito distinto: um comentário sobre certas canções guaranis em que registrava minhas próprias impressões.

— É muito interessante o que tens observado nessa música — disse-me — corresponde fielmente a um tesouro de sabedoria que o guarani ainda sente mas que já deixou de compreender, oprimido pela cultura ocidental. Encontro nela o mesmo que em todo o folclore do continente: um fio escondido no tempo. Lê esta obrinha Yucateca e verás o mesmo conteúdo ainda que em forma distinta.

E presenteou-me um livrinho que ainda conservo.

Disse-me que essa crônica era o que lhe havia induzido a buscar-me novamente e agregou:

— Tu não imaginas o bem que fizeste a ti mesmo ao escutar esta música com tanta atenção. Vibrará sempre em ti.

Eu sorri alegremente e em seguida respondi:

— Homem... se queres música guarani, em casa a tenho em abundância. Também tenho duas formosas canções maias e, abundantes discos de músicas incas.

Relatei-lhe em detalhes como tinha formado esta coleção e até mencionei as cifras que gastei nela. Escutou-me complacente.

— O guarani tem uma riquíssima expressão que significa que tudo quanto o homem diz em palavras, em linguagem humana, é uma porção da substância da alma; perceberás que esse conceito é similar a uma das santas verdades do cristianismo quando afirma que da riqueza do coração, fala a boca. E os que também dizem que o homem só pode expressar o que é. Enfim...

À noite seguinte, ceamos em minha casa e nos fartamos de música guarani. Porém, eu estava agitado e nervoso devido aos acontecimentos do dia e teria preferido discutir com ele meus problemas pessoais. Escutou a música com deleite. Eu bebia whisky. A música era por certo atraente, mas eu tinha a cabeça cheia de muitas preocupações em consequência da minha vida em meio a tanta intriga. Minha situação já se fazia demasiado densa e parecia não ter uma só saída por onde fugir. Nesse instante invejei a alegria de meu amigo, a incalculável paz que havia nele, sobre tudo, sua segurança, sua serenidade.

Quando se pôs de pé, um pouco antes de partir, disse-me:

— O guarani tem feito, mais ou menos o mesmo, o que estás fazendo tu com este copo de whisky; eles bebem cachaça. Não é de todo desagradável, mas bebê-la para fugir de si mesmo é o mais néscio que pode fazer um homem. Os guaranis caíram na mesma rede de sonolência em que tens caído tu. Essa música que acabamos de ouvir é a voz de sua alma captada por um homem que ainda quer despertar aos seus. A Voz da Vida ainda vibra neles, mas eles se deixaram hipnotizar, não só pelo álcool, senão pelo enciclopedismo ocidental que é o veneno que consome nossos povos.

— Não creio que tenha morrido nada no guarani — disse-lhe — sua virilidade é coisa bastante clara. Creio que o guarani é o homem mais valente que já conheci. Vi-o na guerra. E a propósito, foi durante a guerra que conheci sua música e a acho tão bela e resoluta como a música dos altiplanos.

— Sim; ambas são genuínos chamados da alma destas terras, mas as formas são diferentes porque correspondem a distintas latitudes. Ambas são músicas essencialmente místicas. A de origem incaica segue o ritmo do movimento dos corpos celestes e não pode ser de outra maneira; é música que abarca, em seu compasso e em

sua melodia, tudo quanto nossa alma já sabe acerca do sistema solar e dos enigmas que representam a Via Láctea e as Plêiades. A mais de três mil metros de altura, tendo um firmamento estrelado por panorama, o homem dos Andes tem, forçosamente, que sentir em termos grandiosos. Se seu pensamento estivesse à mesma altura que seu sentimento, a raça não haveria se degenerado. Esta degeneração começou muitíssimo antes da conquista, mesmo assim, sua degeneração é proporcionalmente menor que a ocidental em relação ao cristianismo. Isto se pode observar nos escritos que sobreviveram à catolização do Império. A alma destas raças ainda conserva a suficiente força espiritual; porém, por desgraça, não sabem atualizá-la e a esconderam no fundo das práticas católicas. Quanto ao Guarani, a natureza semi tropical em que vive, dá a ele outro ritmo, outra forma, outro sentimento, mas em essência, diz o mesmo conquanto à espiritualidade. Ocorre que pouquíssimos homens entendem a realidade da vida através dos sentimentos, das emoções, e isso está produzindo uma civilização de esquizofrênicos. O que chamamos de subconsciente, não são senão funções correlativas que podem operar harmonicamente com a mente, com o pensamento. Por isso te digo que, se todo este tesouro artístico, se esta expressão emocional fosse compreendida intelectualmente, as raças do nosso continente compreenderiam seu verdadeiro destino. Mas, já há os que trabalham para dar luz neste sentido. No momento esses homens são como João Batista – uma voz que clama no deserto.

– Pelo que me dizes, pareceria conveniente reviver as religiões e os mitos das raças autóctones, disse-lhe.

– Não; isso seria ignorância. Nesse sentido nada há que reviver porque nada está morto. Não podemos voltar às formas do passado; só podemos compreender o princípio eterno que anima todas as formas. Há que compreender, não há que desagregar nem dividir. E esta é uma tarefa para cada indivíduo.

– Calcula-se que na América do Sul há dez milhões de índios. Um homem audaz que conhecesse seus idiomas poderia organizá-los, sublevá-los. Seria interessante.

Olhou-me, compassivo.

– Veja – disse – aí, em ti mesmo, tens a esquizofrenia ocidental. Saturastes de violência a tal extremo que não podes medir a vida senão em termos de destruição e morte.

Passaram vários dias sem que voltássemos a nos encontrar. Por essa época os assuntos da minha vida estavam complicando-se de uma maneira incrível. A máquina me apanhara implacavelmente e eu me sentia como um passarinho hipnotizado por uma serpente, sabendo que vai morrer, que tem que fugir, mas que não pode fazê-lo. Quando voltei a ver meu amigo, confiei-lhe estes fatos.

– Já é demasiado tarde – disse-me – agora tens que seguir o movimento da máquina até onde te leve. Não podes fugir; veja.

E conduzindo-me a uma janela que dava para a rua, mostrou-me dois homens que tratavam de disfarçar suas presenças.

– Quem são? – perguntei.

– Estás tão cheio de soberba que não te dás conta das coisas. A mentira te apanhou. São policiais que te seguem há vários dias.

Senti um golpe no coração. Não me acovardo facilmente e se bem conheço o medo, também sei que a coragem é justamente dominá-lo, por mais que nos persiga. Mas algo em mim tremia horrorizado ante a crua realidade dos fatos que chegavam a seu fim. Olhei meu amigo, esperando que dissesse algo, mas só comentou:

— Deveria sentir-te intimamente agradecido que se apresente esta saída. Geralmente, para o tipo de intriga em que tu embarcaste, a saída é o suicídio ou... um acidente na rua.

Não fiz maiores comentários. Conhecia-me o suficientemente bem para saber que não iria suicidar-me. E quanto ao acidente na rua, este me deixava gelado. Sabia bem que eu representava um perigo para muitos e que muitos veriam com agrado meu desaparecimento. Porém, eu havia antecipado esta possibilidade e havia feito saber a todos que levava um diário onde havia anotado coisas que o mundo político e diplomático chamam de “mui interessantes”. Havia várias cópias deste diário, algumas delas no estrangeiro e outras em um banco.

Contei estas coisas ao meu amigo.

— Um rato encurralado sempre tem talento — disse-me.

Voltei-me até ele com violência e tinha o punho em alto para golpeá-lo, mas seu olhar me paralisou. Ainda hoje não poderia explicar-me como ocorreu isto. Não moveu um dedo, não fez um só gesto. Unicamente me olhou e eu fiquei desarmado por dentro e por fora.

Está tão podre que tens perdido tua integridade — disse-me — como estás mudado! Certa vez, revelaste a forma como rezavas tuas orações na igreja. Recordas? Por mais néscias e pueris que fossem essas palavras, ao menos tua integridade e tua honradez eram de valor. Agora... observa-te.

Capítulo IX

A recordação daqueles dias tão remotos em minha memória, vê-los surgir ante mim nesta situação, nestas condições, sacudiu-me. Sem poder evitar, comecei a chorar como uma criança. Nesse momento, dei-me conta de quanto amava a meu amigo, de quanto ele representava para mim. Afastou-se ao outro cômodo enquanto eu deixava correr meu pranto em um canto. Quando me repus, fui buscá-lo e o encontrei de joelhos, com os braços em cruz, olhando para o firmamento através da janela aberta.

Sem mostrar o menor apuro, ele se pôs de pé e olhando-me, disse-me:

– O pranto é um bom purgante; purifica o sangue.

Dirigiu-se ao banheiro e o vi lavar o rosto com água fria. Ele também havia chorado.

Durante esse inverno a situação do país se agitou intensamente. Estava estreitamente ligada à guerra. Mas, na primavera, os acontecimentos assumiram proporções sangrentas e ocorreram uma série de fatos que determinaram que eu, finalmente, fosse detido pela polícia e levado ao cárcere.

Seria conveniente registrar algumas observações feitas por meu amigo e que têm relação com os fatos dessa época, apesar de que afirmava que nenhuma destas coisas que ocorriam eram novas.

Havia me dado conta, claramente, da crescente força que ia ganhando o suspeito¹⁰ ditador deste país; estava fazendo uma comédia para explorar os sentimentos das massas que o seguiam cegamente em virtude de uns quantos benefícios circunstanciais que haviam recebido. Minhas crônicas destacavam este fato, mas meus chefes protestavam e acusavam-me de ser partidário do homem. Houve violências. Queriam uma oposição mais ativa em meus escritos e não pareciam capazes de compreender a necessidade de dizer a verdade e encarar a realidade óbvia que estávamos presenciando. Quando comentei estes fatos com meu amigo, disse-me:

– O único que realmente tem importância em todo este enredo é que a Serpente Emplumada já quer voar, mas tem as patas algemadas à terra.

– Por favor, não me respondas com enigmas.

– Não há enigma algum nisto. Se, em vez de perderes teu tempo em puerilidades, houvesse tomado o fio de algumas indicações que te tenho feito de vez

¹⁰ “presunto”

em quando, haverias estudado algo transcendental e compreenderias o enorme significado que para ti tem a Serpente Emplumada.

– Tudo isto está muito bom – disse-lhe – porém, não explica a razão porque meus chefes são tão obtusos que não querem ver a realidade da situação deste país.

– É que eles são serpentes sem asas e sem plumas.

– Seguramente, poderias dizer-me as coisas de forma mais clara.

– Não quero dizer-lhe de forma mais clara. A verdade é sempre amarga para o adormecido, porque lhe tira de sua modorra.

– Faz anos que vens dizendo-me o mesmo e ainda não entendo.

– Porque ainda dormes.

À medida que avançou esse inverno, minhas crônicas começaram atrair a vários personagens de outros países. A situação geral parecia incerta. Outros países recebiam informações contraditórias. Mas um acontecimento sobre o qual informei em detalhes, determinou uma nova forma de relações com políticos e diplomatas que chegavam atrás de informes corretos. O acontecimento foi que o suspeito¹¹ ditador, seguindo o atinado conselho de seu chefe de polícia, prendeu quanto opositor notável houvesse, incluindo médicos, diretores de grandes jornais, advogados de renome internacional, etc., todos os quais dirigiam o movimento de liberdade de pensamento e outra série de liberdades que meu amigo classificava, resumindo-as, em “A liberdade de sonhar acordado”. Sobre os chefes políticos, meu amigo disse que se tratavam de uma coleção de Pilatos, que não podiam ser outra coisa, salvo nos casos, quando na comédia humana trocavam de papel e eram Herodes que, em mais de uma oportunidade, haviam-se visto obrigados a afagar as vaidades de distintos tipos de Salomé e degolar a mais de um honrado Batista.

Os fatos confirmaram, mais que suficientemente, as palavras de meu amigo. Mas a fim de equilibrar a situação citarei sua opinião sobre o ditador e os seus:

– Esses são os que, mais e melhor, dormem – dizia – sonham que dominam as massas e não têm a suficiente perspicácia para perceber que gritam “Hosana” com a mesma facilidade com que gritam “Crucifiquem-no”.

Porém, todos conhecem como o final da guerra confirmou tudo isto.

O fato foi que os líderes democráticos esperaram pacientemente no cárcere que as massas saíssem a resgatá-los, mas ninguém moveu um dedo a seu favor. Ao contrário; todos aplaudiram o ditador, cheios de euforia por haver-se atrevido a tocar nos intocáveis. Este acontecimento transtornou a compreensão política e diplomática de todos.

Era óbvio que este ditador, como quase todos, conhecia intuitivamente as paixões das massas e as explorava bem. A oposição caiu destruída. Mas, ainda assim, poucos se deram conta da verdade. Houve muitos editoriais, muitos protestos, porém foi burla e nada mais que burla.

Minhas crônicas, que até certo ponto refletiam as opiniões de meu amigo, começaram a chamar a atenção e atraíram aos homens que já indiquei. Um dia chegou

¹¹ “presunto”

um e informei-lhe de tudo em detalhes. Este enviado confidencial, entretanto, enviou a seu governo um informe de várias páginas para concluir dizendo que era conveniente postergar uma decisão, que tudo ainda era incerto. Quando regressou dois meses depois, voltou a informar aos seus que ainda havia necessidade de postergar qualquer decisão.

Isto me irritou.

— Porque você engana ao seu governo? — disse-lhe.

O homem, sem se sentir molestado ou ofendido, olhou-me compassivo e disse-me:

— Eu também vejo a situação como você a vê. Mas ocorre que nós também estamos em vésperas de eleições e ainda não se aclarou nossa situação e não sei qual postura vou adotar. Fulano de tal — e citou o nome de um governante — não tem nenhuma simpatia por Sicrano — o nome do ditador — e tem, em troca, muitas possibilidades de ser o próximo presidente do meu país. Como ele ocupa uma situação de destaque, envio-lhe uma cópia do informe a fim de que, como suposto governante, esteja informado dos fatos. Um informe conclusivo, como são suas crônicas, serviria unicamente para que ele esquecesse meus serviços. Em troca, com vários informes, preparo a possibilidade que me nomeiem à embaixada neste país. Você, amigo, seria um péssimo diplomata.

Este foi um caso. Houve outros. O diretamente oposto ao anterior foi o do enviado de um país cuja situação era similar à que eu observava. Apressou-se em fazer contato com os homens do ditador, não ocultou suas simpatias por ele e ofereceu comprar-me todo o material que eu havia acumulado. Chupou como esponja tudo o quanto lhe disse. E em base a isso emitiu um informe, do qual me proporcionou uma cópia, cheio das mais fantásticas afirmações que já tinha lido em toda minha carreira. Eu mesmo havia mentido descaradamente para agradar a “meus leitores”. Mas o informe deste diplomata ia além de toda fantasia e realidade juntas. Parecia um conto das Mil e Uma Noites.

Em seguida, fez-me uma série de propostas de índole comercial. Não era a primeira vez que me encontrava com pessoas que ocultavam os fatos para especular com eles.

— Você pensa que alguém de seu governo acreditará nisso? — disse-lhe:

— Não se preocupe com isso, amigo — respondeu. Era um homem simpático e agradável, sem-vergonha até a saciedade; mas não podia condená-lo. Ambos estávamos presos em uma máquina.

Meu assombro foi grande quando me dei conta que seu governo havia aceitado seu informe e estava atuando em base a ele. Não pude nunca me explicar como os homens que parecem ser hábeis nos assuntos de estado podem ter a facilidade de crer em qualquer coisa, como qualquer ingênuo.

Este enviado confidencial, antes de regressar a sua pátria, presenteou-me uma carteira finíssima cheia de notas e quando quis, debilmente, recusá-la, disse-me:

— De modo algum, querido amigo. Você tem me ajudado em um magnífico negócio.

Mais tarde soube que o negócio era um forte contrabando de matérias primas muito escassas para a indústria devido à guerra.

Relatei todos esses fatos a meu amigo.

— Essa é o ardil mais velho do mundo — disse — eles não têm culpa. São irresponsáveis. Porém, preocupa-te em não seguir prejudicando a Serpente Emplumada. Recordas que não podes servir a dois senhores.

Novamente, voltei a ignorar seu prudente conselho. Os acontecimentos tomavam velocidade. A polícia me vigiava cada vez mais estreitamente, e, com esperança de salvar-me de alguma forma, comecei a participar em muitas conspirações contra o ditador.

Capítulo X

Nos meados da primavera, com o bom tempo, desatou-se uma onda de violência por todas as partes, em todo o país. Os estudantes começaram a alvoroçarem-se instigados pelos próceres democráticos que a polícia havia humilhado. Estes lançavam, um atrás de outro, manifestos escritos comodamente em um clube elegante. Um dia tive de entrevistar-me com eles, por causa de certos acontecimentos nos quais vários estudantes acabaram presos e feridos. Informei-lhes dos fatos.

— Que barbaridade! — Exclamaram — onde nos conduzirá este homem?

— Vocês sabem perfeitamente bem — disse-lhes — devem agir agora.

— Mas, o que podemos fazer?

— Se vocês têm medo de ir às ruas enfrentarem-se com soldados e policiais, ao menos, não incitem mais a esses rapazes.

— É que neles, o amor à pátria arde no sangue — disse um banqueiro.

— Vão à merda, maricões! — Exclamei, com toda fúria que me consumia nesses dias. Fui para casa e meu amigo me esperava. Conte-i-lhe o incidente.

— A Serpente Emplumada quer voar — foi toda sua resposta.

Eu não estava com ânimo para essas coisas, dei-lhe as costas e fui para meu quarto. Quando me tranqüilizei, encontrei-o repassando o caderno em que eu anotava seus comentários e observações. Estava corrigindo algumas coisas.

— És um bom jornalista e tens boa memória — disse-me — cometestes poucos erros.

De cada coisa notável de meu amigo, não só havia anotado suas palavras, senão que descrevera a cena com luxo de detalhes, nomes, lugares, datas, etc. Pediu-me que destruísse toda referência pessoal, tudo o que fosse um lugar, uma fachada, um nome. Deixei somente os fatos que podiam retratar-lhe e dessas notas, saiu este relato.

Muitos dos espões e agentes secretos, com os quais eu havia tido contato, tinham fugido a tempo. Os inimigos destes agentes, a serviço de outro país, começaram também a vigiar-me mais estreitamente. Já não cabia dúvida que meu jogo estava descoberto. Um dia soube que alguns espões que me conheciam estavam presos. Como de costume, confiei tudo a meu amigo e ele me disse:

— Os que estão presos te delatarão; os que fugiram, falaram de ti em outros países. E estes estão te usando.

— Que fazer? — disse-lhe.

— Recupera tua hombridade. Ou entrega-te arbitrariamente e conta toda a verdade ou segue até o fim e venha o que venha.

— Seguirei até o fim — disse-lhe com esperança de que ocorresse algo a meu favor.

Começava a sentir certa repugnância até de mim mesmo e confiei isto a meu amigo.

— É natural — disse — o sonho se converte em pesadelo porque já se dissipa o efeito das drogas psíquicas que tens tomado durante todo este tempo. Mas não te desesperes. Algum dia tu descobrirás o enorme segredo da confissão e seu valor e então saberás que a Serpente Emplumada pode voar.

Foi nesses dias quando descobri que meu amigo era um ator consumado, que podia mudar sua aparência quase à vontade e que podia transformar-se em quem quisesse. O incidente que me permitiu esta nova descoberta começou certa noite em que alguns políticos, com os quais eu estava em estreito contato na conspiração, chamaram-me com grave urgência. Marcamos um encontro longe do centro da cidade. Quando eu saía de minha casa, agitado ante o tom de urgência com que haviam me chamado, encontrei meu amigo:

— Ocorre algo grave. Fulano está me chamando. Acompanhe-me — disse-lhe.

O problema era que um dos conspiradores, diretor de um jornal de oposição e que tinha, nesta época, uma circulação bastante notável, havia recebido uma advertência confidencial. Nessa mesma noite iriam detê-lo e encarcerá-lo. Ele não duvidou da veracidade do aviso. Tinha sido avisado por um policial que iria tomar parte ativa no assunto. Este policial devia certos favores de consideração ao diretor e, além disso, estava sendo pago pelo grupo conspirador. O problema era ajudar o diretor a fugir e pensávamos que sua fuga poderia ser utilizada com fins de propaganda. O urgente era, no entanto, fazer-lhe desaparecer antes que a polícia o capturasse. Discutíamos vários planos quando meu amigo interviu.

— Pode apelar para o direito de asilo — disse.

Foi uma indicação valiosa. Eu corri ao telefone e chamei a um amigo diplomata. Estava a ponto de dizer-lhe nosso propósito quando meu amigo me tapou a boca com a mão e advertiu-me:

— Diga-lhe que vá imediatamente a sua embaixada e que deixe a porta aberta porque chegarás de automóvel.

Assim o disse. Este diplomata era um dos que haviam se beneficiado com meus negócios, de modo que cedeu facilmente.

Saímos da reunião, o diretor, meu amigo e eu. Tomamos um táxi e quando estávamos a ponto de dar a direção da embaixada, meu amigo deu uma direção completamente oposta. Viajamos durante meia hora em silêncio. Detivemo-nos em uma pastelaria noturna. Só quando estávamos sentados em uma mesa, dei-me conta do porquê das precauções de meu amigo. A polícia havia nos seguido. Eram dois agentes que não podiam dissimular sua condição. Vi como um deles telefonava. Meu amigo também o viu e disse:

– Não se atrevem a agir sozinhos. Estão pedindo ajuda. Agora utilizaremos um truque muito antigo.

Dizendo isto, pôs-se em pé e partiu para o banheiro. Nós o seguimos. Em um W.C. trocou de roupa com o diretor. Ambos eram mais ou menos da mesma altura. Fizemos depois uma saída deliberadamente suspeita, um por um, enquanto os agentes da polícia nos olhavam. Reunimo-nos os três na esquina e vimos os dois agentes aproximarem-se de nós com péssimo fingimento. Quando estavam relativamente perto, meu amigo iniciou uma comédia de forma tão natural, que quase caí de costas. Fez uma despedida aparatosa, convidando-nos para o dia seguinte em tal lugar e a tal hora.

Eu estava perplexo. Meu amigo havia imitado com perfeição a voz e a entonação do diretor do diário. Até caminhou da mesma maneira. Aproximou-se da calçada, chamou um táxi e partiu. Em poucos minutos vimos como os agentes partiram atrás dele.

O diretor do diário e eu estávamos assombrados. Ele disse:

– Foi muito nobre o gesto de seu amigo. Quem é?

Eu não respondi. Ao ver a polícia partir atrás dele, invadiu-me um estranho temor. Estava muito bem informado acerca dos métodos da polícia para ignorar a sorte que lhe esperava se lograssem apanhá-lo. Comecei também a sentir uma ira abrumadora contra esse jornalista, que estava agora a salvo e livre do perigo de ser torturado pela polícia. Em troca, meu amigo, não só o maltratariam, confundindo-o inicialmente com o diretor, senão que terminariam dando-se conta da verdade dos fatos no dia seguinte, quando a embaixada X notificasse o governo acerca do diretor que havia sido asilado. Enquanto pensava todas estas coisas, este homem que estava comigo falava do modo mais insuportável. Eu não prestava atenção. Mas logrei agarrar uma frase com a qual terminou um discurso:

– A luta pela liberdade de imprensa, certamente, é amarga.

Esta frase caiu sobre mim de tal forma que não pude menos que sentir um desprezo indescritível por todos os conspiradores deste tipo, homens que sempre utilizam os sentimentos alheios para saírem livres e depois prosperarem com o sacrifício alheio.

– Maricão! – Gritei cheio de raiva.

– Como disse? – perguntou-me com estranheza.

Tomei-lhe pelo colarinho, empurrei-o contra a parede e, despejando sobre ele todo o ódio contido em minha mente, disse-lhe:

— Disse-lhe que é você um maricão. Digo-lhe agora que você e toda sua coleção de maricões podem ir à mesma merda com toda sua liberdade de imprensa. Meu amigo nada tem a ver com estas porcarias. E, que eu me arrisque, não tem importância porque estou com vocês unicamente para ver o modo de salvar a mim mesmo. Eu sou tão sem-vergonha e tão hipócrita como vocês. Mas já não me engano. E se agora vou lhe ajudar é porque o necessito para ajudar a mim mesmo. O que devia fazer é quebrar-lhe a cara e entregá-lo à polícia para que eles terminem com você. Preocupa-me meu amigo e não vocês e suas imbecilidades. Vamos, imbecil; lá na embaixada lhe espera café, conhaque, cigarros e uma cômoda cama para que sonhe com toda a glória que vou fabricar-lhe com a crônica que escreverei sobre isto.

O estranho era que, simultaneamente com a raiva, sentia certa compaixão por este homem. Era um daquela da legião de iludidos que, nos primeiros tempos da revolução, haviam considerado impossível que um aventureiro se adonasse do poder. O que mais me irritava é que havia se enclausurado no sonho de que o povo ia defender o que até então era tradicional nesse país e que ninguém havia ousado tocar. Mas, agora, os fatos haviam-no sacudido. E achava-se, pouco menos que perdido, sem saber o que fazer, a não ser pedir ajuda a quem quisesse dá-la, como meu amigo.

Quando estávamos no táxi, certifiquei-me de que ninguém nos seguia. De todas as formas, para maior segurança, trocamos de táxi várias vezes. Durante estas manobras começou a dar sinais de medo. E quis entabular uma conversa. Disse-lhe bruscamente:

— Cale-se!

— Mas...

Não o deixei continuar. Tomamos o primeiro táxi que passou e partimos até a embaixada X.

— Tem dinheiro consigo? — perguntei ao diretor.

Tirou sua carteira e disse-me:

— Quanto necessitas?

— Tudo isso — disse-lhe e arranquei a carteira de sua mão.

— Vou ficar sem um centavo.

— Mas com o pelo sem nenhum arranhão e com uma corôa de louros. Pague algo pelo menos. Você pode obter dinheiro em qualquer parte. Este dinheiro irá a esses rapazes que perderam sua liberdade e talvez até a saúde por sua causa.

— Você está a favor do Fulano — disse-me nomeando ao ditador.

— Pense o que lhe dê na gana. Já não me importa nada.

Entreguei-o na embaixada. Consultei com os funcionários até que ponto poderia estender-me em meus escritos. Pusemo-nos de acordo e escrevi ali mesmo. Alegrei-me muito quando o embaixador me disse que, conforme o direito internacional, não poderia fazer figurar uma entrevista política com o exilado. Senti-me agradecido por isso, ao menos diminuía o caudal de mentiras que escrevia acerca dele; havia-o pintado como herói, como um homem audaz que logrou burlar os carrascos do ditador.

O embaixador de X, um dos poucos homens sóbrios e sensatos que havia então na diplomacia neste país, sorriu quando lhe mostrei minha crônica.

— Porque não ganha a vida escrevendo novelas policiais? — disse-me.

Neste instante chegou o moço com café, conhaque, cigarros e sanduíches. Pouco tempo depois chegou o secretário do embaixador com o exilado. Olhou-me com tom de reprovação e dei-me conta de que estava inteirado do incidente e do dinheiro. Pediu uma palavra a sós com o embaixador, mas eu me adiantei:

— Senhor embaixador — disse-lhe — um amigo a quem quero muito está, possivelmente, agora nas mãos da polícia para que este homem se salvasse. Este indivíduo é para mim uma notícia e nada mais. No táxi tirei seu dinheiro. Aqui está (e coloquei a carteira sobre a mesa). Não o contei, mas vou ficar com ele e o uso que o darei é coisa minha. Nesta crônica você viu como digo que este homem, em um gesto final, entregou uma forte soma para ajudar a causa e aos que lutam pela liberdade. Pois vou converter esse auréola em uma verdade literal. Vocês são testemunhas de que este homem, agora, faz esta doação voluntariamente.

O embaixador estava incomodado. O secretário, surpreendido ante minha audácia. O exilado me olhava com a boca aberta. Mas, o mais surpreendido de todos, era eu mesmo. Não quero de forma alguma me justificar denegrindo a esses revolucionários de salão, mas tampouco posso deixar de mencionar que me produziam já um asco insuportável, e que este asco se estendia a mim mesmo. Dava-me conta de que estava pegando um homem caído, um homem que havia colocado sua vida e sua liberdade em minhas mãos. Meus sentimentos eram sumamente contraditórios. Olhei-o ameaçante e com um tom de voz que jamais havia suspeitado em mim, disse-lhe:

— Bem... Que diz você?

E ele, começando um pouco torpemente, olhou o embaixador e disse-me:

— Compreendo que o inesperado da decisão de seu amigo o tenha alterado. Certamente, desculpo a maneira como me tem tratado. Você é um ser nobre que está tratando de ocultar sua nobreza. Disponha desse dinheiro e permita-me dizer-lhe obrigado por tudo.

Estendeu-me a mão. Eu senti tal repugnância que a duras penas alcancei dar-lhe a minha. Sentia-me sujo por dentro, sujo de coração. E parece que isto falou em mim:

— Digo-lhe que sou qualquer coisa, menos nobre e desinteressado. Sou tão mentiroso e tão sem-vergonha como você. Ao menos não sejamos hipócritas.

O embaixador entrevistou neste instante:

— Se não o conhecesse, pedir-lhe-ia que se retirasse neste instante. Você está alterado. Não bebas mais. E quanto a seu amigo, ainda que o senhor se entregasse voluntariamente à polícia, ninguém poderia ajudá-lo. Eu, por certo, não posso fazê-lo sem converter meu governo em um partidário aberto de seus atos. Demos por encerrado este fato. Oficialmente só sei que o senhor veio pedir-me asilo e eu lho outorguei. À parte disso, não sei nada mais.

Trocamos meia dúzia de frases protocolares. O exilado se foi com o secretário. O embaixador fechou a porta e ficamos a sós. Conversamos durante um longo tempo sobre coisas que nada correspondem a este relato. Quando nos despedimos, disse-me:

— O único que te peço é que não me converta a embaixada em um hotel. Já passamos por isso na Espanha e estou um pouco velho para essas coisas.

Nessa noite, não pude dormir, pensando na sorte do meu amigo. Tratei de colocar um espião que tínhamos no corpo policial, porém não logrei encontrá-lo. Mas na manhã seguinte, à primeira hora, meu amigo se apresentou em minha casa. Eu estava com os olhos irritados pela falta de sono e pelo excesso de álcool que havia bebido durante a noite toda. Seu sorriso me infundiu ânimo. Joguei os braços em cima dele e estive a ponto de chorar de alegria. Porém ele me acalmou com seu tranqüilo:

— Não percas a cabeça.

Preparamos café. Antes do desjejum, fez-me tomar uma solução efervescente e aconselhou-me:

— Não te cairia mal um banho turco. Seria interessante ver a este gordinho da polícia transpirar junto conosco.

Referia-se ao agente que seguia meus passos.

Eu lhe contei todo o ocorrido na noite anterior e esperava que me reprovasse, mas o único que me disse, foi:

— Já tens começado a dar-te conta de que a liberdade que todos falam é um mito fabricado por eles mesmos e para si mesmos. Começastes a ser sincero contigo mesmo. O que agora sentes como repulso é justamente o primeiro prelúdio da liberdade.

— Mas eu lhe roubei o dinheiro, abusei da sua condição. Eu tenho bastante dinheiro e, além disso, deixei o embaixador em uma situação incômoda.

— Às vezes sabemos muito de coração, mas nossa inaptidão mental distorce tudo. Mas não importa. O interessante é que não te ocultastes atrás de alguma frase altissonante para justificar tua violência. E quanto ao embaixador, não te inquietes. Tem-te visto como eu te vejo. É um dos nossos.

— Quem são os nossos? De que se trata? — disse-lhe.

— Já os irá reconhecendo com o tempo. Quem tem olhos para ver reconhece sempre os seus. Por outro lado, esse dinheiro te fará falta.

Capítulo XI

Creio que meu amigo podia adivinhar o futuro. Nenhum de seus prognósticos haviam falhado até então. Este tampouco. Enquanto corria o boato do que eu havia feito, isto de haver ajudado o diretor a fugir, minha vida sofreu outra virada inesperada. A parte obscura de minha conduta, naturalmente, ficou em silêncio. Os distúrbios na cidade aumentaram. Os estudantes agitavam-se com uma greve atrás da outra. Um dia chegaram dois em minha casa. Meu amigo me ajudou a fazê-los fugir a um país vizinho. Tomou o dinheiro que eu havia tirado do diretor (que já estava escrevendo suas heroicidades no estrangeiro e sua fantasia superava em muito a minha) e o distribuiu entre ambos. Eu fiquei com cara de tolo ao ver-lhe fazer-se responsável por toda a situação e ouvir-lhe dizer que eu deveria, agora, dedicar-me a despistar a polícia para ele ficar com as mãos livres nesta tarefa.

Logo tivemos que alugar um apartamento em outra parte da cidade. Durante várias semanas jogamos ambos a “Pimpinela Escarlata”¹². Meu dinheiro se esgotou rapidamente. O combustível estava racionado, mas meu amigo dava um jeito para obter cupons. Utilizávamos automóveis diplomáticos e fiscais para nosso empreendimento. Quando vi que o dinheiro se esgotava, comecei a obtê-lo mediante ameaças aos senhores do aristocrático clube de onde ainda planejavam a maneira de dar “apoio moral” a estes estudantes. Os espiões com os quais ainda mantinha relações se somaram ao nosso empreendimento e ainda contribuíram também com dinheiro. Meu amigo assumiu a direção efetiva e real de todo o sistema que foi montando-se velozmente. Tinha um modo tão pouco conspicuo de fazer as coisas, que ninguém teria pensado que ele elaborava todos os planos.

Por minha parte, eu estava com os nervos desfeitos. Meu amigo se limitava a observar-me. Aumentei as doses de estimulantes para me manter desperto e ativo. De dia tinha que desempenhar minha função de jornalista como se nada anormal ocorresse. De noite tinha que ajudar a meu amigo. Apreendi muitas coisas levado pela necessidade. Um dia, em uma hora tranqüila que tivemos para conversar, contei a meu amigo o quão mal me sentia por dentro, quanto asco já me produzia esta vida de enganos, mentiras e sobressaltos. Ele se limitou a sorrir.

Poucos dias depois chegou a hora da desilusão.

Numa manhã, nos fins do verão, chegou uma diligência policial a minha casa. Um deles – enquanto os outros revisavam minhas gavetas, cortavam o telefone e cumpriam sua ocupação de prender-me – preparou o desjejum para todos. Todos foram

¹² N.T. “Provável menção ao livro “A Pimpinela Escarlata”, publicado em Londres em 1905 pela Baronesa de Orczy, que conta a história de Sir. Percy Blakeney, conhecido na sociedade britânica georgiana como alguém mais interessado em roupas que em qualquer outra coisa. Mas que leva uma vida dupla como “Pimpinela Escarlata”, salvador de aristocratas e inocentes, durante o reinado do Terror, depois da Revolução Francesa.”

muito amáveis, muito gentis. Somente um estava sentado em um sofá com uma automática na mão. O extraordinário é que, ante a tudo isto, comecei a sentir-me tranqüilo, sereno. E disse a este policial armado:

— Amigo: guarde sua arma. Asseguro-lhe que estou demasiado cansado para resistir ou sequer tratar de fugir.

Minha casa ficou a cargo da polícia. Eu fui parar em uma delegacia onde me submeteram aos interrogatórios mais absurdos que possa dar-se. A julgar pela maneira como me faziam as perguntas e a julgar pelas próprias perguntas, parecia que eles necessitavam construir um caso sensacional que servisse de base para algo igualmente sensacional. Estiveram a ponto de persuadir-me que eu era o ser mais perigoso que poderia existir. Mas eu já não tinha resistência alguma, nem interna, nem externa. Escasso de estimulante, meu sistema nervoso repousava. Eu dizia que sim a tudo e não me dava o incômodo de negar nada. As acusações eram tão fantásticas, que eu assinava uma declaração atrás da outra sem sequer lê-las.

Capítulo XII

Assim terminou minha vida. Minha carreira também. Esperava ver-me envolvido em algumas daquelas crônicas escandalosas similares as que eu mesmo havia escrito muitas vezes. E ri de mim mesmo. Pensei que seria justo servir de tema alguma vez e não me preocupava, em absoluto, o que bem sabia que os diários diriam de mim nem o que pensariam meus companheiros. Nada me importava nem um pouco. Só queria descansar.

Mas a polícia se encarregou de deter o escândalo a tempo. Por meu amigo, algum tempo depois, soube que haviam ordenado que os diários dissessem que eu não estava preso e que, possivelmente, estava passeando em algum lugar. O verdadeiro motivo desta decisão, somente eu o conhecia, mas é assunto tão turvo que não corresponde a este relato e, neste assunto, meu amigo não interveio para nada.

Durante os primeiros dias de reclusão, em uma cela, tratei de recordar muitas das coisas que me havia dito meu amigo e que eu havia anotado. Mas não tinha meu caderno a mão. Comecei a ver a vida e as coisas humanas de um modo muito curioso, como se estivesse afastado delas. Isso se motivou porque em um momento recordei algo que ele me disse acerca da chave do Sermão da Montanha, de uma chave que estava oculta nas primeiras frases: "E vendo as pessoas, subiu ao Monte".

Minhas desilusões e tudo o que havia contribuído a isto seria o "ver as pessoas" de que falou meu amigo? E o que seria "subir ao Monte"? Pensei que o monte seria algo assim como a tranqüilidade interior que me invadia ao recordar meu amigo, uma tranqüilidade como se soubesse que Ele me daria a resposta a todas as perguntas que começava a formular. Por certo que neste isolamento pude ver a revolução, minha carreira, meus anos de juventude, de um modo bem diferente. Dei-me conta de quão néscia, quão inútil havia sido minha agitada existência e que uma vida assim não podia conduzir à parte alguma, que não tinha sentido.

Não pude explicar-me o que havia ocorrido com os sentimentos daqueles estudantes que, amedrontados ante ao perigo policial, haviam vindo à minha casa em busca de ajuda. Não podia explicar-me como era possível que agora e voluntariamente estivessem depondo contra mim.

Eventualmente fui enviado a um cárcere e fiquei em paz.

A primeira visita do meu amigo ocorreu na presença do comissário interrogador. Perguntei-lhe pelos amigos, e sua resposta foi típica:

— Aqui estou — disse-me.

— Não estou me referindo a ti, senão a fulano, beltrano, sicrano, etc.

Olhou-me compassivamente e, com um tom fictício, respondeu:

- Esses? Esses são homens livres. Estão desfrutando de uma formosa sesta.
- Imagino que vão bem.
- O único a quem vai verdadeiramente bem é a ti. Mas não o entendes ainda.

E, dirigindo-se ao policial interrogador, disse:

- Este homem necessita de descanso. Sobre tudo, necessita refletir. Você poderia ajudá-lo? Já que você estuda filosofia, talvez algumas palavras suas lhe sirvam de algo.

Ignoro que conversas prévias havia tido meu amigo com este policial. O caso é que pareciam ser amigos de confiança. O policial, limpando a garganta e em tom de um conferencista que vai elucidar o mistério da vida, começou a falar tal cúmulo de disparates que tive que disfarçar meu riso acendendo um cigarro. Não me atrevi a olhar meu amigo nos olhos. O discurso terminou mais ou menos da seguinte maneira:

- Nós prestamos um serviço ao Estado para o bem da comunidade. A pátria está acima de tudo. Mas também somos humanos. Você confessou. Tem-nos poupado trabalho e dinheiro. Enquanto os superiores deliberam sobre seu caso, eu me encarregarei para que passe bem. Os delitos políticos merecem nossa consideração de cavalheiros. Isto é como uma luta de Boxe: Você perdeu, nós ganhamos. Isto é tudo.

Sua hipocrisia era repugnante. Eu havia visto alguns dos rostos dos estudantes que haviam ido, em busca de auxílio, à minha casa. E dei-me conta de que meu amigo, de algum modo, havia influído sobre este homem para que se convencesse de suas próprias palavras.

O Policial pegou um jogo de xadrez. Pediu café para todos e começou uma partida. Ela durou várias horas e pude dar-me conta de que meu amigo fazia um jogo de comédia; simulava esforçar-se em ganhar, mas perdeu deliberadamente. Ao final, o policial disse:

- É preciso que joguemos outra vez. Quanto me custou vencer-te!

O Homem estava radiante. Durante a partida, havia-o visto empalidecer muitas vezes. Ao final, disse muito amavelmente:

- Temos que festejar esta vitória. Rogo-lhe que aceite meu convite a um jantar.

Meu amigo me olhou antes de responder, mas o policial acrescentou:

- Iremos com ele também; mas seria bom que empenhasse sua palavra de honra de que não tratará de fugir.

Meu amigo disse:

- Eu respondo por ele.

A comida da prisão era odiosa, de modo que desfrutei com a idéia de um jantar em um bom restaurante. O policial tirou da gaveta da escrivaninha a pequena caixa-forte de metal onde eu sempre tinha uma boa soma em dinheiro e que a polícia havia seqüestrado “para a investigação”. Vi-o encher o bolso com um punhado de notas.

Jantamos bem e alegremente, os três. Meu amigo era uma pessoa completamente distinta. Parecia admirar a este policial como uma criança admira seu pai. A conversação se iniciou entre mim e o policial. Vendo-o tão vaidoso, disse-lhe:

– Veja. Minha carreira como jornalista terminou graças a você. Mas creio haver descoberto uma possibilidade para o futuro. Você me conta suas investigações mais interessantes, e, juntando isso com os antecedentes que eu tenho do serviço secreto, eu poderia escrever um bom livro de aventuras. Este é um gênero pouco cultivado em nossos países.

– Vou pensar – disse-me seriamente. Depois de um momento acrescentou:

– Sim, creio que você o poderia fazer bem. Tenho lido seus textos e agrada-me seu estilo.

– Obrigado – disse-lhe.

– Como você descreveria a mim?

– Bom... seria necessário primeiro desfigurar seu nome, verdade? Porém, fazê-lo de tal forma que se soubesse de quem se trata. Em seguida teria que modificar sua descrição física. Estes são detalhes importantes. Creio que seria melhor que você, que tem mais experiência na psicologia da contra-espionagem, descrevesse o personagem. Eu só conheço a do espião e, que se diga, não é muito boa, posto que estou preso.

– Parece-me boa idéia. Que pensa você? – perguntou a meu amigo.

Eu comecei a tremer. Qualquer expressão cáustica de sua parte poderia piorar minha situação. Olhei-o com olhos suplicantes. E ele, sem tirar os olhos de mim, respondeu:

– Quem ignora sua própria psicologia, ignora a dos demais. Isto é óbvio, verdade?

– Certamente, sem dúvida alguma – disse o policial olhando seriamente a toalha, como se ponderasse algum grave problema filosófico. Meu amigo continuou:

– Posto que a ignorância de si mesmo faz que se veja sempre distorcida a verdade, que não fica nem sombra dela, creio que há uma diferença notável entre sua psique e a de meu amigo. Para os fins dessa novela, cujo herói é um agente de contra espionagem, você resulta o mais indicado para descrevê-lo, porque assim não irá distorcer, nem um pinga, sua própria concepção subjetiva. Naturalmente, posso estar equivocado; veja que, quando o tinha em xeque, você demonstrou fielmente esta qualidade que acabo de citar. Se me equivoco, rogo-lhe que me diga.

O policial parecia ter se elevado às nuvens. Seu sorriso era tão beatífico que tive que fazer um grande esforço para conter o riso. Ponderou as palavras de meu amigo com uma expressão de tal gravidade, que no primeiro instante, pensei que havia se dado conta de que, em resumo, meu amigo lhe havia dito: “imbecil”. Mas meus temores não tinham fundamento. Depois, erguendo a cabeça como quem houvesse tomado uma seriíssima determinação, disse-nos:

– Suas observações são sumamente atinadas. Certamente, você não está equivocado. Minha concepção subjetiva é justamente um dos valores psicológicos que me tem permitido ter um extraordinário triunfo em minha carreira. Como bem disse você, a enorme diferença entre a minha psique e a do senhor (não deixou de me chamar a atenção o “senhor”) permite-me justamente uma concepção subjetiva tal que da ficha – perdoem-me a terminologia policial – do herói do serviço de contra-espionagem resulte todo um capítulo interessante.

Eu o olhava de boca aberta, mas ele continuou:

— Não o estranhe, querido adversário — disse-me — eu nasci com um grande talento psicológico. A verdade é que me custou muito persuadir meus superiores para que adotássemos o método psicológico para nosso serviço. O imperativo categórico faz desnecessário os métodos antigos cheios de brutalidade. A psique é um fator importante na espionagem e na contra espionagem. Você perdeu este round, querido rival, porque você é somente um aficionado nas questões da psique; não deveria ter se afastado de sua profissão de jornalista.

Este homem enamorou-se perdidamente das palavras “psique” e “subjetivo”. Durante minha prisão pude ouvi-lo, muitas vezes, explicá-las a seus subordinados.

Meu amigo o manjava a seu gosto; obtinha dele o que queria, mas nunca fez o menor esforço para obter minha liberdade. E, quando o reprovei, disse-me:

— Estás melhor aqui que lá fora. Ao menos, aqui, estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

Passaram os meses.

Quantas partidas de xadrez meu amigo teve que jogar com este homem?

Porém, já chegamos ao final desta história.

Numa tarde, meu amigo chegou ao cárcere e disse-me:

— Fulano (o da "psique subjetiva") disse-me que te deportarão dentro de duas semanas, ou talvez antes. Tratar-te-á bem até então. Eu devo ir, mas nos veremos logo.

Não pude ocultar minhas lágrimas. Era óbvio que ele também o sentia, mas estava tão bem protegido por seu sorriso e serenidade que não revelou senão carinho e boa vontade. Foi então quando me falou acerca daquelas qualidades indicativas da "promessa de um despertar".

Fiquei só e amargurado.

Depois de dez dias fui notificado de minha expulsão. Também me informaram que minha ficha havia sido enviada a todas as polícias de todos os governos do continente e que vários deles, cada um a sua maneira, haviam agregado ou suprimido algo obtido de “fontes reservadas e confidenciais”. Bem sabia quem constituíam estas fontes e os motivos de sua contribuição ao meu dossiê, mas isso já não tem importância.

Toda esta época, vejo-a agora tão remota que me custa recordar alguns incidentes. A má fé de alguns homens é uma coisa tão patente em certos casos que, talvez a isso se refira meu amigo, quando fala dos homens de barro no texto que vai em continuação a este.

Mas ainda falta a última cena ao seu lado e o que ela determinou.

Numa manhã de maio, parti em um trem internacional com destino a um país fronteiriço, justamente ao país que havia enviado àquele, simpático e sem-vergonha, agente secreto que me presenteou a carteira. Uma hora antes de enviar-me ao trem, o “imperativo categórico da psique subjetiva” conduziu-me a seu escritório e, em tom solene, disse-me:

— Jovem; se de mim dependesse, deixá-lo-ia em liberdade. Teria deixado ir a muito tempo. Em suma, uma vez descoberto seu jogo, o espião é coisa inútil senão morto. Isto é o que importa a mim. Você pode refazer sua vida conforme seus desejos. Aqui tem o argumento geral de minhas mais importantes pesquisas na contra-espionagem. A você, faço-o figurar como o mais difícil de todos. Naturalmente que,

exagerarei a explicação neste caso, a fim de pôr sua psique à altura da minha. Recomendo-lhe não alterar nada do capítulo em que exponho minha psique. Dissimulei-me o máximo que pude. Estou à suas ordens.

Mudou de tom, voltou à sua escrivaninha, pegou de minha caixa-forte o dinheiro e acrescentou:

— Quanto à sua viagem, a lei lhe permite sacar do país somente alguns poucos pesos. Quando foi detido, havia nesta caixa tantos pesos (sete vezes a cifra que a lei me permitia levar). Em consideração à simpatia que você despertou, permitirei que leve o dobro do que autoriza a lei. Gastou-se tanto (mais da metade da soma original) em sua manutenção, barbeiro, etc. Do resto, disponha você como queira.

Como já nada podia me causar assombro, disse-lhe:

— Seguramente cairá em suas mãos algum outro espião de psique tão baixa como a que tenho eu. Rogo-lhe utilizar a favor dele o que sobre de meu dinheiro, como obséquio de um colega a outro. Talvez o outro não disponha de dinheiro.

Entregou-me o dinheiro, o passaporte, etc. E, sem esperar que eu tivesse ido, tomou o saldo e pôs em seus bolsos. Despedimo-nos e, quando estava na porta, voltei-me e disse-lhe:

— Vou viajar até a fronteira com um dos seus homens. Qual deles guardará este dinheiro?

Tinha razões para duvidar do altruísmo dos policiais.

— Conforme a lei, deve guardá-lo o agente que o acompanhe e entregar-lhe na fronteira. Porém em seu caso faremos uma exceção.

E chamou o agente que aguardava na porta com as algemas prontas para pô-las em minhas mãos.

— Este preso vai a seu cargo por ordem do ministro e leva “x” pesos consigo. Isto foi autorizado oficialmente. Ele os levará, entendido? Ademais, não haverá necessidade que lhe ponha as algemas. Vão como amigos.

— Sim senhor, respondeu o agente.

Quando saímos, voltou a chamar o agente e pude ouvir que ele dizia:

— Seguramente quererá comprar algo especial na viagem. Pegue.

Era óbvio que havia entregado uma parte dos fundos que eu havia deixado a futuros espião desprovido de uma “psique subjetiva”. O agente saiu radiante e, com a maior das considerações, tomou minha maleta e disse-me:

— Quando quiser, senhor.

A viagem durou dois dias e uma noite.

Capítulo XIII

Durante a viagem, repeti-me muitas vezes "E vendo as pessoas", sem conseguir deduzir nada, salvo uma desilusão completa acerca do gênero humano e de mim mesmo.

Devia ainda viajar cinco dias e atravessar dois países antes de chegar ao ponto onde queria residir e onde esperava achar trabalho como jornalista.

Ao chegar à fronteira, despedi-me do agente. Era um bom rapaz.

Fiquei sozinho na cabina do trem. Pensei em meu amigo. Tinha muitos dilemas que não sabia como enfrentar. Minha reputação estava no chão. Seria difícil achar trabalho em um cargo de responsabilidade como o que havia tido. Como muitos, eu havia sido mais uma vítima nessa enorme máquina que é a guerra total. Não contava com amigos, fora ele. E esperava com confiança, o momento de vê-lo novamente, pois se havia prometido, era seguro que o cumpriria.

Inesperadamente, em uma estação após a fronteira, subiu no trem.

— Já tens aprendido bastante? — disse-me — vamos ver se podes tirar proveito desta lição. É possível que ainda devas sofrer, como resultado de tudo quanto tens feito. Mas não se desesperes. Procura prestar atenção naquele juiz interno de que te falei. Se assim o fazes, se não empreendes nada novo¹³, com o tempo terminará a inércia das coisas que tu mesmo tens posto em movimento.

Isso foi o último que me disse. Entregou-me o livreto de apontamentos, das coisas que havia anotado, e não voltei a saber mais dele, salvo quando recebi a carta que reproduzo mais adiante e que me pediu que publicasse em parte.

Ao chegar à cidade onde devia fazer certos requerimentos para poder seguir viagem, encontrei a mesma situação política que acabava de deixar para trás.

No dia seguinte à minha chegada, recebi a visita daquele agente secreto, o da carteira.

— Fico feliz que tenhas vindo — disse-me — aqui podemos utilizar seus serviços.

— Obrigado por lembrar de mim — respondi-lhe — porém estou cansado — e expus minha situação pessoal, minhas obrigações e o sofrimento que havia causado aos meus.

¹³ "si no emprendes nada nuevo"

– Não se preocupe por isso – insistiu – sua experiência nos será valiosa. Não há nada arriscado. Além disso, pagaremos bem.

– Reitero minha gratidão, mas prefiro seguir viagem.

Mas ele, mudando de tom, disse-me:

– Você não está em condições de rechaçar nosso pedido. Se quiséssemos poderíamos prendê-lo novamente como suspeito. Você conhece bem qual é nossa situação e asseguro-lhe que nós não vamos permitir que amigos diplomáticos o ajudem. Você não tem amigos aqui, tem pouco dinheiro e não poderá encontrar trabalho.

– De toda forma – disse-lhe – suponho que você não irá aproveitar-se da minha situação para obrigar-me a fazer algo que não quero fazer.

– A pátria está acima de tudo – respondeu.

Não pude conter um sorriso de desprezo.

– Bem sei que aqui as garantias constitucionais estão suspensas, que vocês devem se proteger sob um permanente estado de sítio. Sei que estou em uma situação desmerecida e que dependo de vocês para poder reintegrar-me aos meus. Porém, apesar disso, acredite-me que prefiro que me matem antes de seguir neste trem de farsa e mentiras.

O homem ficou lívido. Cruzou-me o rosto com um golpe e eu, que tão somente alguns meses antes, tê-lo-ia matado ali mesmo, senti-me submisso e não disse nada nem fiz nada. Algo estranho ocorreu em meu interior, algo que não posso explicar e, todavia, não era medo. Era algo muito diferente. Ao sorrir, percebi uma grande calma no peito. O homem se sentiu envergonhado, lançou mais meia dúzia de ameaças e retirou-se. Do balcão do hotel, vi sentar-se em um banco na praça pública. Depois de alguns instantes, enquanto me recuperava, voltou a apresentar-se.

Desculpe-me – disse-me – devia ter levado em conta tudo o que você acaba de sofrer. Porém, rogo-lhe que aceite o convite do ministro (citou o nome) para almoçar. Talvez então mude de opinião.

Não me neguei.

O motivo do almoço era muito simples. Havia uma conspiração em marcha para derrubar o presidente e colocar o ministro em seu lugar. Para isto era necessário sondar certos ambientes. Expliquei-lhes que profissionalmente estava desacreditado.

– Isso podemos resolver facilmente – disse-me.

Nomeou um diário de oposição e deu-me a entender que os proprietários, que também eram donos de grandes interesses na riqueza natural do país, não veriam com maus olhos minhas colaborações.

– Não – disse-lhes – estou cansado de tudo isso.

– De toda forma, pense uns dias. Em meu escritório tenho um dossiê muito interessante sobre você e sobre suas idéias políticas. Também me dou conta de que você é discreto.

Era uma ameaça que não podia passar despercebida.

Encontrava-me novamente nas redes de uma dessas abomináveis intrigas políticas dos países sul-americanos, uma máquina cheia de mentiras, crimes e extorsões.

Desiludido, pensei nesta tarde em suicídio.

Capítulo XIV

Senti que me afogava. Não podia fugir ainda que quisesse. A polícia me vigiava. Tomei um bonde e parti para os arredores da cidade. Pela atitude das pessoas, por sua maneira de falar e por muitas indicações, que um observador experiente facilmente aprende a levar em conta, percebi que qualquer um que iniciasse um movimento contra o presidente atual poderia triunfar. As pessoas também queriam desfrutar da liberdade de trocar de amos. Depois, novamente iriam querer depor a quem elas mesmas tivessem levado ao poder.

Os anos de mentiras, somadas a mais mentiras, haviam terminado por me fazer sentir desprezo não só a mim mesmo, senão a todo o gênero humano. No entanto, algo mudava em meu interior e notei que meu desprezo não era tão cáustico nem tão poderoso. Era algo assim como uma resignação ao ver as pessoas. Repeti a mim mesmo "E vendo as pessoas"; ponderei sobre isso, mas meus pensamentos voaram a meu amigo e esqueci isto.

Rapidamente me assaltou o desejo veemente de rezar.

Achei uma capela cheia de indígenas. Observei-os e senti carinho por eles. Ajoelhei-me em um canto e comecei a conversar, como antes, com um Cristo Crucificado. relatei-lhe em detalhes tudo o que me ocorria e terminei dizendo assim:

— A julgar pelos fatos, parece que utilizei muito mal a inteligência que me deste. Porque não me dás uma nova oportunidade? Se te é possível, dai-me outra classe de inteligência, uma que não só me permita sair desta confusão, senão também que me permita viver em paz com meu amigo.

Elevei os olhos ao rosto de Cristo.

Não sei se seria a imaginação atçada pelo desejo, mas creio que o vi sorrir.

Quando voltei à cidade, já de noite, refugiei-me no quarto do hotel.

Sobre o criado-mudo encontrei uma mensagem de um ex-diplomata a quem conhecera muitos anos antes e que agora ostentava em seu nome o título de Senador. Chamei-o no telefone que indicava e ele mesmo atendeu. Foi muito amável. Disse-me que havia se inteirado de minha passagem pela cidade, que sentia falta de minhas crônicas nos jornais e que tinha um vivo interesse em conversar comigo. Ofereceu vir ao hotel me buscar.

Senti-me já sem forças para recusar.

Quando estivemos juntos, nossa cordialidade era um artifício. O homem estava inteirado de tudo, porém o dissimulava. Um senador não busca a um jornalista só para recordar tempos passados em uma amável capital. Nossa conversa, durante a viagem, foi mais oca do que o normal. Depois, o automóvel de luxo em que íamos se deteve em frente à Casa do Governo.

O senador sorriu, como significando:

– Não esperavas, hem?

Jantamos no refeitório presidencial. Eu não tinha apetite. O “disparo” não chegou até depois, quando o senador, o presidente e eu ficamos a sós em um salão privado. Tratava-se de uma nova intriga, mas desta vez tinha que ser de maior envergadura. Devia ir a certo país, ativar ali uma campanha de imprensa que permitisse a este presidente unir as forças de seu partido e eventualmente todo o país.

– Se for preciso – disse-me – podemos até mobilizar.

A idéia de uma nova possibilidade de guerra me espantou. Mas conservei a calma e decidi contar-lhe minhas observações do dia entre as pessoas. Durante todo este tempo me perguntava se estariam ou não informados da conspiração que havia no seio mesmo de seu próprio gabinete. Passei isto por alto e comecei a explicar que era impopular, não por si mesmo, mas porque o povo carecia de necessária educação cívica, o que o convertia em fácil vítima de qualquer exaltado.

Tanto o presidente como o senador falaram-me de seu profundo amor à pátria, dos sacrifícios que haviam feito, dos que ainda deveriam fazer e de quanto necessário era agora galvanizar a opinião do país fazendo-o ver o perigo dos inimigos, etc., etc.

Não respondi. Senti asco. Quando saí do palácio não fui para o hotel em um luxuoso automóvel, senão a pé.

Passaram os dias e as semanas. Minhas solicitações para prosseguir viagem achavam obstáculos por todos os lados.

Num dia de domingo, bem me lembro, começou uma orgia de sangue que durou vários dias. Ouvi os primeiros tiroteios do hotel. Depois houve uma dança macabra e durante ela vi, em meio de uma multidão frenética e delirante turba em sua embriaguês de sangue, o cadáver do presidente, mutilado. Correram rios de sangue. Ninguém estava seguro de nada.

Uma noite encontrei um compatriota. Contou-me que havia aproveitado o tiroteio para fugir do cárcere de onde estivera preso alguns meses. O tiroteio podia recomeçar a qualquer momento, de modo que decidimos roubar um automóvel e juntos fugimos à toda velocidade para a fronteira.

Passou o tempo e encontrei um trabalho humilde.

Capítulo XV

Um dia, recebi a anunciada carta de meu amigo, indicando-me a parte que devia publicar juntamente com o demais.
A parte pertinente diz assim:

A Serpente Emplumada tem que voar; quando saibas o que é O Voo da Serpente Emplumada saberás o que tens que fazer; até então... farás notório que através dos séculos vibre a Mensagem dos Imortais:

Desperta! Conhece a Ti Mesmo!

O misterioso impulso que fixa tua atenção nestes manuscritos, não é senão o eco do grito que tem despertado a Essência Imortal do teu próprio sangue. E junto ao evocar as Forças Gloriosas da Vida, também tens evocado as Sinistras Forças da Morte.

Umas e outras são tu mesmo, de modo que não temas.

Afronte-as, Conheça-as, Domine-as.

Teu destino é ser Amo das duas.

E ainda que muitas vezes creias haver perdido O Caminho que leva ao Despertar, jamais estarás só. E teu extravio não passará de uma prova com a qual tua alerta inteligência, sacudindo a letargia de todo o mortal, ensaie tímidos passos por todas as sendas.

É necessário que obtenhas experiência.

Jamais pergunte a outro homem: "O que é que devo fazer?"; porque é a mais nefasta de todas as perguntas. Se a fazes a um néscio, a um adormecido, está-lo-ás convidando a arrastar-te ao sonho. Com o qual haverás caído em dupla ignorância e te será duplamente difícil voltar a despertar. E se fazes tua pergunta a um sábio, a um desperto, perceberás quão inútil é perguntar, porque um desperto sempre responderá:

"Faz o que melhor te pareça; se nisto colocares todo teu coração, agindo sempre alerta, ganharás em riquíssima experiência."

Ao final, farás da Solidão e do Silêncio teus mais estimados companheiros; sumindo-te com eles no mais profundo de ti mesmo, irás vislumbrando gradualmente todo o horror do Sonho que é a humana escravidão. E, pelo mesmo, aumentará teu poderio para reclamar tua liberdade.

Nem todos escolhem esta senda que leva ao coração mesmo das coisas.

Se tens invocado a teus amigos, também tens posto em guarda a teus piores inimigos. Uns e outros aparecerão em ti e ante ti em mil formas distintas, e muitas vezes os confundirás durante teus primeiros passos. Teus amigos não serão sempre os mais gratos e amáveis, pois te irão privando de tudo quanto agora estimas duradouro. Então será quando teus inimigos, zelosos

e sorridentes, demonstrarão, ante tua visão interior, mil possibilidades para elevar-te sobre tua condição atual. E se chegas a ceder e a morder o venenoso fruto que te oferecerão, cairás preso e ficarás sujeito à tríplice cadeia de ilusão e de sonho, que sempre se apodera do ingênuo que ignora o valor da experiência e da oposição.

Mas conhecerás rapidamente a teus amigos nos silêncios infinitos a que tu mesmo te lançarás ansioso e sedento de palavras de Verdade. Então sentirás fluir um “algo” áspero ou suave, segundo a circunstância, e o mero fato de senti-lo indicar-te-á que estás No Caminho para um completo despertar.

Porque esse Verbo, esse “algo”, és tu mesmo, o Amo, o Criador.

*

*

*

Estuda este desenho atentamente. Com ele aprenderás a utilizar todas as tuas faculdades para despertar.

Cada elo na Cadeia dos Imortais aporta um grão a mais para aliviar a carga de quem vem atrás, porém cada alma que se aventura nesta singular empresa é um ensaio original da Vida para também fazer deste planeta Terra um Mundo de Divina Vigília.

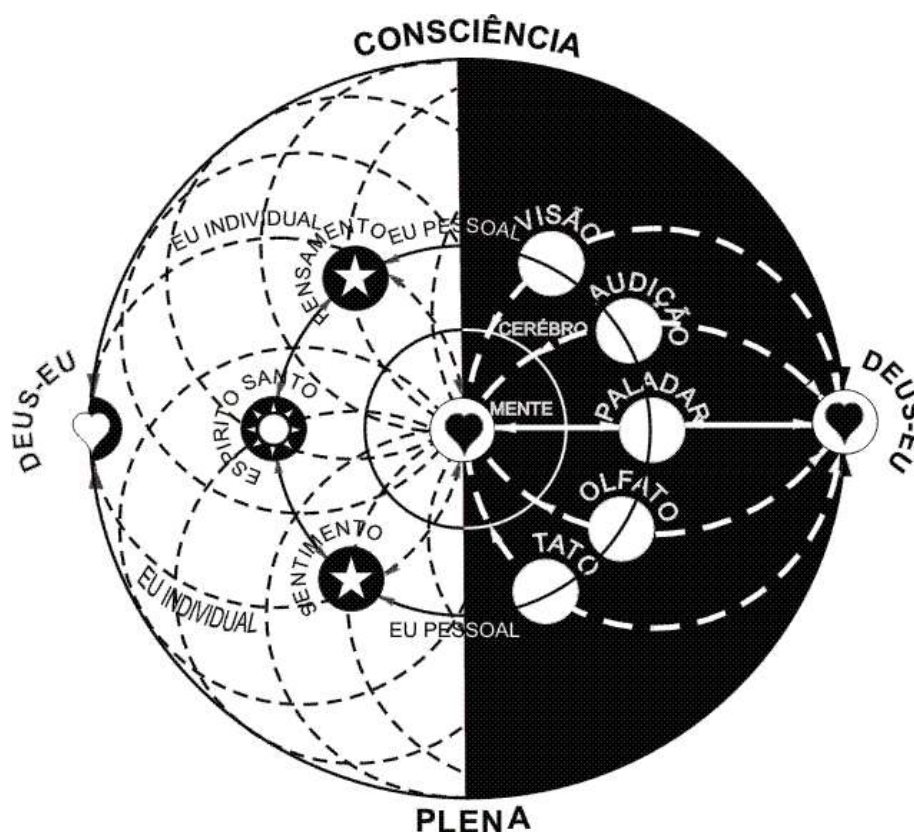
Cada homem que aspira a esta vigília deverá abrir seu próprio rastro e marchar só, atento unicamente ao passo do instante, sem se preocupar com o triunfo ou com a derrota, sem se inquietar por seu fim terrenal.

Isto é viver no Eterno Agora.

De outro modo, não teria valor algum a experiência do Homem sobre o Planeta Terra.

O Caminho começa no corpo com os cinco sentidos.

Despertar é usá-los e não confundi-los contigo.



Até agora tens pensado que teus cinco sentidos te informam sobre o mundo exterior. Não é assim, não há tal mundo exterior nem há tal mundo interior. Estes são ilusórios conceitos que não podem penetrar mais além das formas. O Real é o que não é forma e, que sendo A Vida, é tudo quanto É.

Observa que os arcos e as flechas não apontam em uma única direção, senão em duas simultâneas. Entender e viver esta simultaneidade é a primeira rebelião da mente, rebelião que terminará por despertar-te totalmente.

E se aprofundas um pouco no que trata de expressar esta simultaneidade, logo perceberás também que não és um corpo, senão aquele que vive em teu corpo, que anima teu corpo e que por falta de melhor expressão, aqui chamo de Deus-Eu invisível.

*

*

*

Com teus cinco sentidos, atributos do eu-pessoal, do eu-forma, não te é dado penetrar mais além da superfície das formas. Quando sejas consciente de que teu Deus-Eu é quem usa teus cinco sentidos, ser-te-á dado penetrar no significado, na Essência, no Espírito de todas as coisas, que também é Deus-Eu.

Latente no cérebro, impregnando o cérebro, está aquilo que se chama a Mente, aquilo com o qual podes conhecer o que captam teus cinco sentidos e, quem capta por eles. E, mais profundamente ainda, desenhei o Coração no centro mesmo de toda tua vida. Deste centro, estendido à mente, haverá de brotar teu Deus-Eu, a Essência de tua Alma, desejosa de viver em espírito e adorar em Verdade.

Observa também que o Pensamento e o Sentimento conectam teu eu-pessoal com teu eu-individual e os tenho colocado na metade lumínica do círculo vital, a Consciência Desperta, pois podem ser a Luz que reflete a Verdade de ti mesmo nas trevas de tua personalidade.

E porque são os sentidos da verdadeira vigília, são os que, ao unir-se no que se chama de Espírito Santo, estabelecem o contato desvelado¹⁴ com Deus-Eu em ti e Deus-íntimo fora de ti, um só Deus, não mais. Deus-Pai com o qual podes comungar, ajudado por Cristo, O Senhor.

*

*

*

Se em tem coração não arde uma inquietude que te abraça até a consumação de teu corpo, não poderás invocar nem a Deus nem ao Espírito Santo. E não saberás pedir e por isso tua hora ainda não tem chegado.

“Velai e Orai” foi a herança que Cristo deixou aos audaciosos.

Velar é fazer-se todo Desperto; Orar é sentir um ardente desejo de SER.

Mas, quem ore e que vele, ainda que o faça de um modo imperfeito, receberá generosa ajuda e haverá de aprender a recebê-la também generosamente...

A ajuda está Aqui e é Agora.

¹⁴ “vigílico”

A península de Yucatán, no sudoeste do México, é a zona arqueológica mais rica da América, que se estende até Honduras e Guatemala.

Habitado desde remotíssimos tempos pela raça Maya, este território se chamou “O Mayab” (Ma: não – yaab: muitos – quer dizer: a terra dos poucos, a terra dos escolhidos).

Também, o que hoje com propriedade é Yucatán, teve por nome – que recolheram os Conquistadores – “A terra do Faisão e do Veado”, denominação que guarda singular sentido místico. Esta região foi chamada ainda de diversos modos, como “Yucalpetén” (pérula da garganta da terra).

NOTA tomada da obra “A terra do Faisão e do Veado”

De Dom Antonio Mediz Bolio

LIVRO DOIS

Capítulo I

Sou o mais pobre e infeliz dos mortais, mas agora tenho minha medida cheia e para minha dita não há limites, porque sou amado pela Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

Por ela suspirei, durante muitos anos de muitas gerações, aguardando a hora em que se dignasse descer a mim e levar-me à Sagrada Terra do Mayab.

Mas durante todo o tempo que acreditava esperá-la e que acreditava aguardar sua aparição, eu estava em realidade marchando para ela e à Santa Terra Bendita do Mayab.

Mas, como poderei descrever este andar dos anos em desertos e em serras, este andar de uma aspiração solitária que só vive quando o corpo se aquieta?

Como poderei dizer a quem lê isto, em que consiste este andar para poder receber um só beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté?

Como poderia explicar à Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, e seu beijo que é o beijo que arrebatava aos homens da morte e os leva à origem de sua linhagem Maya onde se encontra o caminho que na Verdade é a Vida?

Vejo-a envolta em seu glorioso esplendor de simplicidade e luz, como jamais poderia imaginá-lo o homem que cresce no vale dos sonhos, recorrendo à senda da morte.

Beije-a, e seus lábios roçaram os meus levemente.

E essa leveza foi um toque de fogo que incendiou meu sangue e deu vida à minha carne e com suas chamas consumiu a petrificada escória que me afastava dela.

Já transcorreu um tempo desde esse amanhecer de primavera quando caí desnudo ante ela, livre da infernal roupagem que são os sete mantos de toda a ilusão. E ao recordar seu beijo, meu coração palpita ansioso de consumir-se nela, e tudo em mim arde, transformando meu ser.

Nada me disse com palavras a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

Nada me disse com palavras e não podia querer dizer-me nada assim, porque ela é como uma só palavra que é todas as palavras; e em seu olhar, que é a plenitude da vida que desperta a alma, há a luz que nos mostra a entrada da Terra do Mayab e nos satisfaz pelos séculos dos séculos, e faz dos homens de barro uma medida a mais do

Grande Senhor Oculto, para quem não haverá nunca um homem capaz de descrevê-lo integralmente.

E, nesse olhar que é plenitude e amor da Princesa Sac-Nicté, aspirei o singular perfume que emana da mais pura flor do Mayab e em meus ouvidos ouvi:

Tens-me visto, conheces-me, gostastes dos beijos de meus lábios. Tu estás em mim, eu estou em ti, és eternamente meu. Não poderás esquecer-me jamais e minha recordação será teu consolo na solidão e tua emoção o trará a mim quando quiseses vir.

Poderei dizer algo além disto?

Ah! Homem de linhagem Maya!

Faz-te olhos para ver, ouvidos para ouvir, abre-os, escuta e desperta para poder também morrer.

Morrer integralmente de uma só vez!

Porque a plenitude que é ela, a Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, só a encontram os homens em cujas veias corre o sangue da linhagem maya; são os que nascem à vida que acende o beijo de seus lábios, e esse beijo é o beijo da mais doce morte porque é o beijar da Ressurreição com a qual toda carne verá a salvação de Deus.

Despertarás um dia e logo morrerás e serás livre, completamente livre para poder converter teu barro numa ânfora justa na qual possa verter ao Grande Senhor Oculto aquela comida e aquela bebida, a única comida e a única bebida com as quais poderá saciar sua fome e sua sede de justiça todo aquele que procura evadir-se do vale da morte para alcançar o ápice dos formosos cumes do Mayab.

Aproximei-me dela, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, Branca Flor do Mayab, em um amanhecer de primavera, em uma das tantas voltas que a Terra também se aproxima do Sol para trocar beijos com ele, dar-lhe sua seiva e receber sua semente, e fecundar seu ventre para que coma também daquele amor sua descendente, a Lua.

E é a seiva que nos dá a Terra e a semente que procura o Sol, o que nos faz compreender ao homem e dar vida à Lua e servir e adorar tudo aquilo que nos deixou em herança todo o Filho do Homem, já seja do Mayab, já seja de Belém que é a casa do pão; já seja do elevado Monte Sinai, já seja nascido sob a sombra de uma sagrada árvore de Bo...¹⁵

Esta é a herança da compreensão.

E a Sagrada Princesa Sac-Nicté é a amante que dá amor, é a mãe que oferece seus seios para quem queira amamentar-se dela; sem este amor ninguém verá a Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, porque o amor é a força que ela dá ao homem enamorado de seu encanto e que se faz a si mesmo servidor do Mayab.

Na noite anterior a seu sagrado beijo estava eu em trevas, buscando como uma criatura extraviada busca sua mãe quando tem fome, e queria agarrar o fio que me desse certeza e força para poder andar. E chamava-a dizendo: Vem! Vem! Vem!... Mas a Mãe Terra teve piedade de mim e colocou-me em um sono profundo...

E deste sono me despertou o coração com seu violento palpar de ansiedade, e ao despertar senti um estranho perfume que encheu minha emoção porque intuí que era o perfume dela, da Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

¹⁵ "...ya sea nacido bajo la sombra de um sagrado árbol de Bo..."

Eu, pobre e infeliz mortal, afugentei o sono de meus olhos, afinei meus ouvidos...

E olhei para os cumes dos montes andinos, divisei suas silhuetas perdidas em trevas. Uma parte da Lua se acercava para amamentar-se no seio da Terra. Entretanto tudo seguia obscuro, porém tudo palpitava no grande silêncio. A claridade da primeira aurora, aquele prateado reflexo que precede à luz, iluminou pouco a pouco o cume dos montes. Das ramas das árvores, vi elevar-se em um vôo solene¹⁶ algumas aves, não havia ainda gorjeio nelas e até os animais já despertavam para adorar a luz.

Só o homem dormia.

E, nesse recolhimento que unifica a vida, quando a alma da Sagrada Terra se prepara para tomar a semente do Sol, o espasmo de dita também era silente.

Unicamente o homem alvoroçava.

Recolhi-me no silêncio de mim mesmo, sabendo-me um mendigo daquela comunhão a qual não pode aspirar senão o ousado em quem arde o sangue dos homens Mayas.

E apareceu a luz...

Palpitou ainda um pouco de tristeza neste miserável coração de barro, porque senti o fogo e soube que morria para sempre nesse instante, mas morria satisfeito porque queria morrer...

Então ela, a mais formosa entre todas as formosas, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, Branca Flor do Mayab, mostrou seus lábios para que os beijassem e seu sorriso amante somente me incendiou quando morreu a última gota de temor e de tristeza em meu coração de barro.

A Terra então se nutriu do Sol, eu me nutri do fogo do amor.

O coração de barro se abriu e o fogo o cozeu e fê-lo ânfora para o Grande Senhor Oculto e os lábios da Princesa Sac-Nicté sopraram no barro e fizeram dele uma forma com seu inefável alento de Eternidade.

Nesse instante eu senti seu beijo. E nesse instante começou a vibrar a vida de verdade em tudo conquanto eu fixei meus olhos, porque era EU, EU, EU quem em meu coração dizia que olhava e esse EU que dizia era a doce voz de minha Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab que não fala nem diz com palavras, porque ela é todas as palavras de uma só vez.

As aves irromperam em seu canto uníssono, alimentando minha alma quando a luz se fez sobre elas acima dos montes andinos; as folhas das árvores fizeram em si mesmas a voz sempre madura e verde da vida, e cada uma delas era como era eu, transitória e eterna ao mesmo tempo, e por cima dos cumes dos montes andinos vi como fugiram as trevas quando chegou a luz.

O que sucedeu depois?

Não poderia dizer ainda que quisesse. Ninguém pode dizê-lo, ninguém poderá jamais dizê-lo com verdade, porque essas são palavras que só pode pronunciar com seus beijos minha Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab e seu beijo é a sagrada palavra do Mayab que é todas as palavras de uma só vez.

¹⁶ "isiente"

Mas posso dizer que, nesse instante, morre o homem de barro quando em suas veias corre o ardente sangue da linhagem Maya.

E entende para que e porque foi feito a Imagem e Semelhança de seu Criador.

Sabe também que a partir de então viverá unido ao Mayab, sem poder ignorar nem esquecer seu entendimento e que passarão os mundos, os homens, as estrelas, os sóis, mas jamais passará a palavra Mayab, que é a palavra DELE.

Se és um homem de linhagem Maya, eis aqui que EU falo agora essa palavra no fundo do teu coração, para que a ti também fale com seu beijo a eternamente bela e Sagrada Princesa Sac-Nicté, e se cozam teu barro e tua água para que, quando a água se evapore e o pó do teu barro ao pó volte, fique tua ânfora viva no amor do Grande Senhor Oculto.

Para que se cumpra a profecia do Sagrado Chilam Balam de Chumayel que disse que “não está à vista tudo o que há dentro disto nem quanto há de ser explicado. Os que o sabem vêm da grande linhagem de nós, os homens Mayas. Eles saberão o que isto significa quando leiam. E então o enxergarão e então o explicarão”.

E assim também se cumprirá em vós a santa profecia do Mayab de Jesus e virá o dia que sabereis que “não sois vós que falais, senão o Espírito de vosso Pai que fala em vós”.

Capítulo II

Ah! Para muitos, o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté marca o fim de suas angústias. E ao calor de sua recordação acham abrigo no inverno de seu viver de barro.

Para mim, por outro lado, seu beijo foi o começo de um caminho infinito na eternidade.

E por isso, talvez, tenha sido só um beijo fugaz, para que seguisse marchando em busca dela por todos as sendas do Mayab.

Bem, dou-me conta que para os demais tudo isso é sonho e é loucura.

Mas os demais são homens de barro e minha linhagem é Maya.

E eu digo estas coisas para os homens cujo sangue é Maya.

Ainda que agora não entendam perfeitamente o que está escrito aqui, algum dia saberão e entenderão e lerão e compreenderão o que quero dizer porque o Mayab é um e tem muitos nomes, e o Universo é um e tem muitas formas.

E o Mayab tem dado muitos filhos e tem feito a muitos homens, realmente, à Imagem e Semelhança de seu Criador.

Por isso vos asseguro que eu sou o mais pobre e infeliz dos mortais, porque já nada é meu, e tudo é do Mayab.

Mas também tenho escrito que tenho minha ânfora cheia e completa de uma dita secreta que não poderei perder ainda que queira perdê-la, porque é a dita do Mayab e seguirei andando sempre com a Sagrada Princesa Sac-Nicté ainda que às vezes ocorra que meus olhos não a vejam.

Seguirei andando com ela, porque somente com ela e nela estou desperto.

E, na embriaguez de tão singular vigília, quisera agora consagrar um pouco de justiça como me foi dado conhecer.

Asseguro-vos que sou o mais pobre e infeliz dos mortais, que nada tenho que possa chamar meu, e até esta vida que tenho também me foi dada, mas só a mim cabe saber por que e para que me tem sido dada.

Quero-vos falar de Judas, o homem de Kariot, aquele a quem vós haveis amaldiçoado muitas vezes, mas o qual foi um amabilíssimo irmão daquele Filho do Homem que se chamou Jesus e que também foi um filho do Mayab.

Minha história e meu relato começam com um impulso que falou em meu coração, modulando palavras tão claras e precisas como aquelas que modulas vós ao

ouvido dos seres que amais; foram palavras nascidas do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Suplico-vos, outorgais-me atenção.

Bem sei que quanto vou dizer-vos de agora em diante, neste empenho de justiça, está em contradição com tudo quanto vós acreditais que é a verdade do ocorrido em tempos mui remotos com um Filho do Homem, Jesus de Nazaré, obra do Mayab, que havia em outro continente e que também foi andar entre homens de barro, buscando àqueles que queriam fazer-se da linhagem sagrada do Mayab. Porque amava a Sagrada Princesa Sac-Nicté e espargia seu beijo em mui santas e sagradas palavras e por isso também foi morto pelos *chupadores*¹⁷ de seu tempo.

Jesus de Nazaré nasceu com sangue, que também era dos homens Mayas, que é sangue universal, sangue unificador e é sangue ardente que em seu ardor disse: “Sou a Unidade, Eu Sou”.

Nasceu em uma casa igual a toda casa do Mayab, em um lugar que em suas palavras se diz Bethlehem que declarada é e significa Casa do Pão, do Pão de onde come seu Pão até o Sol.

Mostrou o caminho para os lábios da Sagrada Princesa Sac-Nicté que é o Pão de toda Vida, e porque havia *chupadores* que não queriam ser ânforas do Grande Senhor Oculto, a quem Jesus chamava de Pai, deram morte a seu corpo em uma cruz levantada no cerro das Caveiras.

Os homens de barro, que no barro viviam, enlodando-se uns aos outros, cresciam longe do Mayab verdadeiro desse continente e por isso jamais poderiam entender, os *chupadores*, aquilo que dizia Jesus de Nazaré:

– Quero misericórdia e não sacrifício.

E poderá haver compreensão em um cérebro onde não habita o amor?

Ah! Tu, por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maya e que quiseras também ser filho do Mayab, ânfora pura do Grande Senhor Oculto.

Aprenderás, antes de tudo, a ser justo para alcançar o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e este beijo te acenderá a luz para que conheças o Pai de toda Terra do Mayab.

Jesus de Nazaré, em quem palpitou o Cristo Vivo, o espírito sagrado do Mayab, disse aos homens de seu tempo e de todos os tempos que todos seus pecados seriam perdoados, até os pecados cometidos contra o Filho do Homem, mas que jamais seriam perdoados os pecados contra o Espírito Santo, que é a Sagrada Palavra do Mayab.

Durante dois mil anos tem havido muitos que hão pecado contra o Espírito Santo, crendo que com isso faziam justiça àquele Filho de Homem e ainda perseguiram a outros homens, esquecendo que ao morrer na cruz, Jesus disse:

– Pai perdoa-os porque não sabem o que fazem.

Por Sua Misericórdia, que é a Misericórdia do Mayab, este perdão alcança a todo aquele que em realidade não sabe o que faz e portanto alcança a vós também, porque não é vossa culpa ter errado e pecado contra esse outro homem do Mayab,

¹⁷ “chupadores”

nascido nas longínquas terras de Kariot, e cujo corpo e cuja vida de barro se conheceu com o nome de Judas.

Mas tende presente em vós, homens, que sois do sangue da linhagem Maya, que qualquer injustiça e qualquer falta de misericórdia é um pecado contra o Espírito Santo, que é o Sagrado Espírito na Palavra do Mayab.

Recordai-vos e lede!

Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, contar-vos-ei o que tenho sabido de Judas, o homem de Kariot.



Chichen Itzá

CENOTE - Poço de água subterrânea. O Cenote Sagrado existiu em Chichen Itzá e era lugar de cerimônias místicas.

Capítulo III

Quando o calor do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté caiu em meu coração, quando o ardor da vida que me deu impeliu-me a seguir meu caminho ao Mayab, quando fechava olhos e ouvidos às coisas de barro para escutá-la, em meu peito vibrava uma mensagem singular, com uma insistência igualmente singular, e urgia-me:

— Ajuda a espargir luz sobre Judas, o homem de Kariot, para que o homem possa fazer em si a ponte com que passar do caminho de Pedro ao caminho de João e ali se entregar ao beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Ah! Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais devo agora confessar que não entendia essa imperiosa ordem e suplicava luz à minha adorada Princesa Sac-Nicté.

E foi-me dado perceber que havia nessa ordem um estranho sabor de Eternidade.

Como se a infinita e inesgotável força da Santa e Verdadeira Justiça do Mayab insistisse em que essa obscura passagem da vivência na Terra do Cristo Vivo em Jesus, fosse aclarada para o entendimento dos homens Mayas.

E também me foi dado entender que não poderia ser eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, o único a quem este impulso do Mayab havia chegado porque deviam ser muitos os homens que, como eu, haviam feito do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté o começo e não o fim de seu amor pelo Sagrado Mundo do Mayab.

E, buscando em mil formas distintas, achei o que muitos homens cujo sangue é Maya, e muitos outros que somente são de barro, haviam escrito e dito muitas palavras que falam sobre Judas, o homem de Kariot.

Uns dizem que ele era filho do Mayab, outros dizem que não, que foi só um homem de barro que enlodou sua memória cometendo uma horrenda traição.

Mas como eu vivo do beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté e ela me disse o que é necessário que ouça meu coração, dir-vos-ei o que tenho visto com os olhos que só faz o sangue Maya, e o que tenho ouvido com os ouvidos da carne Maya, acerca deste homem chamado Judas e nascido em Kariot.

Eu unicamente sei aquilo que minha bem amada Princesa Sac-Nicté quer que saiba e não me interessa nem quero saber nada mais do que isso, porque o único real que há para mim é aquele beijo que ilumina o caminho ao Mayab, mais além dos cumes dos montes andinos.

E por isso sei que o destino não está, nem tem estado nunca, nas mãos dos homens, senão na vontade do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab, mais além do cume dos montes andinos.

O doce beijo de minha Princesa Sac-Nicté me ensinou que destino e espírito são uma mesma coisa.

Para os demais, que são somente homens de barro, o destino é aquilo que ocorre no tempo que se mede entre o berço e o sepulcro.

Mas sucede que, pela vontade do Grande Senhor Oculto, para alguns há também um caminho que vai do sepulcro ao berço e que por isso é importante ajudar a fazer luz sobre Judas, o homem de Kariot.

Que caminho, que sepulcro e que berço quero dizer com isto , é algo que o homem, cujo sangue é Maya, poderá aprender a conhecer se é que busca o beijo da Princesa Sac-Nicté.

Quem crê que o destino é o que ocorre no tempo que se mede entre o berço e o sepulcro rebaixa a si mesmo, nada sabe do tempo e muito menos da vida.

E tampouco pode afirmar que tem algum destino, ainda que creia no oposto.

É um homem de barro, pensa coisas de barro e por isso ao barro há de voltar.

Porque não se cozeu no fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté para ser ânfora límpida do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab.

E, por certo que, quem trate de explicar o destino como aquilo que ocorre no tempo que se mede entre o berço e o sepulcro, não explicará absolutamente nada real nem verdadeiro, porque confundirá um sopro da vida, um aspirar e exalar da Terra, com a verdade da existência humana.

Ah! Homem que lê e em cujas veias quiçá corra o sangue Maya.

Pensa, pondera, indaga a verdade do destino que se urde no Sagrado Reino do Mayab, mais além do cume dos montes andinos, e talvez também brilhe sua luz em teu coração.

Pensa na Luz, sente seu Amor e pondera que essa luz tem um poder que disse de si mesma, EU.

E esse EU crescerá em ti e seu fogo fundirá a legião de demônios que, a cada desatino a que te induzem no sonho que tu chamas vigília, também dizem de si mesmo: “eu”.

São muitos “eus” que te dominam e que sugam teu sangue, o sangue que te chega do Reino do Mayab.

Sê tu o amo, sê tu um só, íntegro, EU, esse EU ao qual tanto ama a Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Um desses “eus”, que tanto te confundem, talvez te faça pensar também que o destino é aquilo que ocorre no tempo que se mede entre o berço e o sepulcro.

E te dirá que o destino que se mede entre o sepulcro e o berço é uma loucura.

Assim é com muitos, com os demais, e assim tem ocorrido sempre e seguirá ocorrendo na vida do barro, porque os homens de barro adormecidos sempre estão e não lhes tem sido dado compreender que todo homem é também a Humanidade, que quando ele sofre ou goza, é também a Humanidade quem sofre ou goza, e tudo quanto lho aguarda, também o aguarda à Humanidade.

Dura palavra de levar, e dura realidade que suportar para o homem de barro.

O homem tem esquecido que não há destino que seja totalmente individual, mas aquele que busca e que recebe o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e ouve a Silenciosa Palavra do Grande Senhor Oculto no Mais Alto do Sagrado Reino do Mayab, já fica indivisível e deixa de lado a ilusão individual e não busca outro destino que aquele que é o destino do Mayab.

No homem de barro só há uma ilusão de destino individual, e por isso especula com palavras lindas e com palavras néscias que unicamente o fazem ver-se isolado e separado de tudo quanto o rodeia e de tudo quanto vai tecendo o destino comum.

E este destino é aquele no qual o de baixo sempre tende a reunir-se com o de cima e assim vive sob a lei que se chama do Bem e do Mal.

Porque neste destino a serpente se arrasta na Terra e só vê adiante e atrás e não tem a plumagem do Condor que lhe empreste asas para empreender o vôo mais além do cume dos montes andinos.

Mais além dessa lei está o Sagrado Beijo da Princesa Sac-Nicté que ilumina o destino.

Quem não busca esse beijo está morto.

E viver é buscar a verdade do destino e não fugir dele.

Quem não busca em si mesmo a verdade do destino não vive porque seu sangue não ferve com o ardor do fogo da linhagem Maya.

E no torpor desta morte animada até poderá sonhar que é livre, que tem um destino próprio e até talvez chegue a convencer-se que esse mesmo torpor em que vive é o cumprimento de seu verdadeiro destino.

Está bem que assim seja, porque isso também é verdade.

Mas há os que ainda afirmam que são arquitetos de seu próprio destino... como se o homem que vive anelando o Mayab pudesse fazer algo que não fosse o destino do Reino do Mayab, o destino imortal.

Esse “próprio” destino é um profundo torpor.

E Judas, o homem nascido nas longínquas terras de Kariot, havia renunciado ao torpor.

Como para todos aqueles nos quais arde o ardente sangue dos homens Mayas, a Sagrada Princesa Sac-Nicté havia escrito no Livro da Vida:

“Àquele homem cuja linhagem é Maya e que anela conhecer a verdade do destino, a verdade de si mesmo, sobre todas as coisas, o destino lhe veda o torpor de uma vida normal.”

E foi essa a verdade que Judas buscou.

E ao buscar a verdade do seu verdadeiro destino, o destino o uniu àquele homem a quem chamava Rabi e que era o Senhor Jesus, nascido em Bethlehem.

E Judas então recentemente teve¹⁸ destino em verdade.

Porque em seu coração começou a arder também o amor pela bela e sagrada Princesa Sac-Nicté.

E recebeu seu beijo e seguiu seu caminho ao Mayab.

Porque Judas também anelava cozer seu barro para ser ânfora pura do Grande Senhor Oculto, cujo amor modula vozes no coração dos homens por cujas veias corre o sangue da linhagem Maya.

E essa voz modulou também em meu peito o mandato, e foi luz que me orientou nos caminhos empreendidos por outros que também haviam buscado a realidade da vida e da morte do homem, Judas de Kariot. E também foi o farol que me mostrou os recifes por onde eu não havia de navegar.

Mas agora é preciso que explique essa voz.

¹⁸ “recién tuvo”

Capítulo IV

Sou homem nascido do barro de outras terras, mas em minhas veias corre o ardente sangue da linhagem Maya. Arde em todo o meu ser, e esse ardor me impulsionou a pedir o beijo da Princesa Sac-Nicté, e o calor de seu beijo foi um EU.

Porque a voz do destino interior também havia me chamado para o mistério que oculta o Mayab; mas tive de perder-me, primeiro, em um deserto infestado de dúvidas e de temores. E o coração meurgia a que permanecesse impassível em todo esse deserto e dizia-me que somente assim, no meio daquela solidão e com fome, poderia comer o pão do Grande Senhor Oculto e que dá, com seu beijo, a Sagrada Princesa Sac-Nicté a quem não vacila em arrancar seus olhos para poder ver e em destruir seus ouvidos para poder ouvir.

Até então havia caminhado pela primeira senda, a senda da indecisão, que às vezes revela, mas quase sempre oculta a verdade do Mayab.

É a larga senda, onde sempre se estará acompanhado, porque muitos a percorrem por temor ao silêncio, por medo da solidão.

E nessa senda havia visto brilhar por momentos a luz da Princesa Sac-Nicté.

Mas a luz se apaga ao cair sobre a Pedra que o Senhor Jesus deixou colocada como primeira baliza no destino que conduz ao Mayab.

E no deserto encontrei unicamente pedras com que acalmar minha fome e minha sede, e era uma ovelha a mais no rebanho que Pedro apascentava e era uma ovelha branca, mas morria de fome e de sede do Mayab e não queria morrer assim.

A luz da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que brilhava mais além da Pedra, que era meu destino, fez minha lã negra e as ovelhas brancas me arrojaram de seu seio e deram-me por perdido quando deixei o rebanho e caí entre os penhascos onde açoita a tormenta.

Não me havia feito uma ponte para cruzar o abismo.

Até então não sabia, mas agora sei, que o destino que está nas mãos do Grande Senhor Oculto, no Mais Alto e Sagrado do Mayab, tem um caminho que começa em Pedro, com as ovelhas brancas, e que conduz a João somente quando o amor pelos beijos da Sagrada Princesa Sac-Nicté faz negra a sua lã.

Ferindo-me entre penhascos e maldades¹⁹ entendi as palavras do Sagrado Mayab ditas e escritas, naquele remoto continente, por outro ser cuja linhagem é Maya e que se chamou João.

E esta palavra se entende golpeando a Pedra na escuridão.

Esta palavra disse que o Verbo no princípio é com Deus, e é Deus, o Grande Senhor Oculto, e que por esse Verbo tudo quanto é feito “é”: o sol, a lua, a terra, as estrelas, o homem, o animal, os gusanos, os frutos que dão vida, os frutos que dão morte e as palavras de todos os Mayabs que existiram, que existem e sempre existirão.

Porque as pedras transformam os rebanhos, mas o Verbo para sempre permanece até em tudo o que muda.

Assim tive notícias do destino que é o destino do Mayab.

E este destino é o destino de todo aquele que encontra o caminho de João, caminho que também falou Judas, o homem de Kariot, caminho escondido nas profundezas do homem e que conduz ao centro do Mayab e que também mostrou o Cristo Vivo em Jesus para levar a outra carne com ele em seu mesmo destino.

Por isso é que peço justiça e reflexão para Judas, o homem de Kariot.

E já faz dois mil anos que começou um destino na Vida do Homem que ainda não se cumpriu.

Numa noite daquela época, lá nesse remoto continente, o Cristo Vivo em Jesus comeu pela última vez com todos os seus discípulos, que eram Gigantes da Pequena Cozumil e que também marchavam para o caminho do Mayab.

Àquela noite foi ordenada a “voz” que é o impulso no coração de alguns homens por cujas veias corre o sangue da linhagem Maya.

Ah! Ditosos os ouvidos que àquela noite puderam escutar as formosas verdades do Sagrado Mayab, que revelou o Santo Senhor Jesus.

Ah! Pesado coração de pedra e de barro daqueles que, deixaram-no sem cozer, por ignorar o fio com que o Santo Senhor Jesus urdiu o destino desta civilização!

Porém, esta civilização não é a visível, a que está visível é a que diz e não faz, e por isso sua obra tem sido amaldiçoada, e consumir-se-á em sua própria destruição.

Porque quando mencionou que um deles havia de entregá-lo, os outros, que eram onze, tampouco sabiam aquilo que só sabiam nessa noite Jesus de Nazaré e Judas de Kariot.

E, em suas próprias palavras, assim foi escrito:

“... O que fazes, faz-o depressa... Mas nenhum dos que estavam à mesa entenderam a que propósito disse isso (Jesus a Judas).”

Pondera: Por que tanta pressa?

Pois bem se sabe que muito tempo antes deste dia, Jesus já estava inteirado que haveria de passar por uma morte infame.

Pondera: Por que tanta pressa?

¹⁹ “riscos e malezas”

Enquanto ocorria tudo isso, o discípulo João, o mais jovem de todos, tinha sua cabeça apoiada no Coração de seu Senhor Jesus.

E Pedro, a quem Jesus havia chamado em suas palavras Cephas (que significava Pedra), protestava seu amor pelo Senhor Jesus oferecendo dar sua alma por Ele; mas o Senhor Jesus o advertiu que três vezes ele haveria de negá-lo, antes que cantasse o galo, nesse mesmo amanhecer.

Homem por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maya.

Pondera e medita nesta cena, pesa cada conceito, porque toda ela foi urdida no destino que conhece o Grande Senhor Oculto no Santo Mayab.

Pedro ofereceu sua alma, mas Judas a deu.

E porque Judas a deu é que João pode ficar com a cabeça apoiada no Sagrado Coração de Jesus.

Ainda agora poderás ler claramente escrito em luz, abaixo do símbolo do Sagrado Coração de Jesus, as ardentes palavras do Mayab que dizem:

“Dá-me albergue de amor em vosso lar e eu vos tornarei eternos em meu Sagrado Coração.”

Homem que lê: estuda e pensa, medita e sente, o que para ti está escrito no fundo de teu coração, e assim teu sangue Maya se vivificará e verás cumprir-se em ti a profecia de Chilam Balam, sacerdote inspirado do Mayab:

“Porque não está à vista tudo o que há dentro disto (escrito em seu coração) nem quanto há de ser explicado. Os que o sabem vêm da grande linhagem de nós, os homens Mayas. Eles saberão o significado do que há aqui quando o leiam.”

Haverás, pois, de poder ler com o coração.

Àquela noite começou a urdir-se o destino da alma Maya destes tempos, deste Katun, e da humanidade que vive horas de mau agouro, das quais poderá fugir quem busque o Santo e Puro beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

E entrará na invisível Arca de Noé para criar uma nova civilização.

Pois, antes daquela noite, naquele remoto continente, a voz do Grande Senhor Oculto, que falava pela boca do Santo Senhor Jesus, deixou-vos dito:

“Quem tenha olhos veja; e quem tenha ouvidos ouça.”

E o Santo Senhor Jesus conhecia o destino do Homem.

Porque havia nascido para ensinar a despertar, a morrer e assim viver e mostrar o caminho até o fim.

Mas nenhum dos que estavam com Ele àquela noite entendiam assim.

Entenderam-no muito tempo depois porque àquela noite ainda dormiam.

Como agora dormes tu.

Mas se és diligente, esforça-te e não desmaies, estas palavras te ajudarão a despertar e assim também poderás morrer e logo poderás viver.

E aquele que vive aprende que o destino lhe mostra muitas coisas ocultas para o homem de barro, porque somente ao que desperta lhe é dado morrer, ao que morre lhe é dado viver e vivendo se vive no Coração do Mayab.

E aquilo que Judas, o homem de Kariot, fez rápido foi submeter seu tempo para que o Santo Senhor Jesus colocasse acabadamente um fio no urdimento deste destino humano, que aponta em terras Mayas para uma nova civilização, que há dois mil anos unicamente Ele conhecia.

Porque, se Judas não houvesse feito rapidamente o que fez, não teria sido possível que ocorresse aquilo que relatam os escritos de João.

Mas isto já virá.

Por ora, não farei senão ser recordá-los o que diz essa parte da Escritura Sagrada e que leva a assinatura de João.

Era a terceira vez que o Santo Senhor Jesus aparecia entre seus discípulos, por vontade do Grande Senhor Oculto, depois que seu corpo de barro foi morto na Cruz. Comeram, nessa noite, peixes pescados nas águas do Lago Tiberíades, e novamente o Santo Senhor Jesus perguntou a Pedro: “Me amas?”, e Pedro respondeu que sim; e o Santo Senhor Jesus lhe disse: “Apascenta minhas ovelhas.” E duas vezes mais lhe perguntou: “Me amas?”, e duas vezes mais disse Pedro que sim, e duas vezes mais lhe disse o Senhor Jesus: “Apascenta minhas ovelhas”.

Três vezes no total.

E assim começou a urdir-se o destino das ovelhas brancas, algumas das quais quando olham a luz que brilha mais além da Pedra, luz acesa pelo ardor da Sagrada Princesa Sac-Nicté, perdem a cor branca de sua lã e sua cor é negra por um tempo, mas depois se fazem prudentes como as serpentes, simples como as pombas e a serpente se empluma e voa.

Mas o Santo Senhor Jesus ainda disse mais a Pedro. Mostrou-lhe o urdimento do destino quando lhe disse: “Siga-me!”

Pedro morreu como o Senhor Jesus, cravado em uma cruz, longe dos seus e cercado por outros que o levaram para onde não queria.

E, naquela noite, depois da ceia com pescado do Lago Tiberíades, e quando Pedro foi informado do urdimento do destino, olhou para João, aquele cuja cabeça havia se apoiado no Sagrado Coração de Jesus, e perguntou:

— E a este, o quê?

— Se quero que ele fique até que eu venha, que importa a ti?²⁰

E muito se fala acerca da imortalidade de João por causa disso, mas fala-se sem saber o que é que de João permanece nem o que é o imortal.

Esforça-te, pois, em entender o que é que permanece até que venha aquilo que é EU.

²⁰ “¿qué a ti?”

Capítulo V

Assim começou a urdir-se o destino do que agora amanhece como o começo de uma nova civilização. É o destino que modula impulsos no coração de muitos homens para os quais eu, o mais infeliz e pobre de todos os mortais, escrevo em obediência ao beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Para que eles também sejam beijados.

Assim como Pedro obedeceu ao destino que falou pela sagrada boca do Senhor Jesus e que lhe disse que iria morrer onde não queria morrer. Pedro morreu afastado de seus irmãos do Mayab em uma grande cidade de outro continente, onde não havia linhagem dos homens Mayas que estivesse formado como uma alma²¹.

Pedro morreu na cruz, mas ele mesmo se dispôs a morrer com a cabeça apoiada na Terra enquanto, muito perto dele, a espada de um homem de barro, que só obedecia ao barro do Império Romano, decapitava a cabeça do Maya tardio Paulo, Apóstolo da Santa e Eterna Verdade de que deu testemunho o Senhor Jesus.

E se falo de Paulo, que foi um Maya tardio, é porque nele se cumpre, comparado com outros, a verdade também dita pelo Senhor Jesus que os últimos podem ser os primeiros.

Porque Paulo foi um tigre feito cordeiro pela palavra do Mayab de Jesus. Assim, teceu-se um fio a mais no urdimento do destino que é teu e que é meu.

E se tu perseveras, ainda que sejas homem de barro, poderá brotar a essência da linhagem Maya para que acenda teu sangue que agora é túbio.

E eu, muitas vezes, tenho-me feito esta pergunta:

- Por que Pedro escolheu morrer crucificado com a cabeça a Terra?
- Por que João escolheu apoiar sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus?

Só o sabe o sagrado silêncio do Mayab onde se urde o destino das ovelhas brancas, das ovelhas negras, aí de onde emana a prudência das serpentes, a simplicidade das pombas e onde se fazem os ouvidos Mayas que ouvem e os olhos Mayas que vêem, e onde tudo se junta numa só palavra.

Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, tenho minha medida cheia de dita, porque sendo homem de barro, o barro de meu coração foi cozido no fogo do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, e no sagrado silêncio do Mayab tenho percebido um

²¹ “...que estivesse formado como un alma.”

murmúrio que converte aquelas palavras tão obscuras, e tão obscuramente ditas às margens do remoto Tiberíades, em um vislumbre daquilo que dirige e que urde o destino do homem.

Pois falta algo naquelas palavras, por isso elas são obscuras.

E o que falta nelas é a luz.

E essa luz está em ti mesmo.

Acende-a!

Porque João permanece e Pedro apascenta as ovelhas.

Mas a pomba empresta suas emplumadas asas para que a serpente voe.

E o que é simples pondera na prudência.

E o que é prudente busca o caminho que leva para o Mayab.

E o Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté lhe ilumina o caminho.

Para trilhar o caminho de João é preciso, primeiro, conhecer ou intentar o caminho de Pedro, mas intentá-lo e conhecê-lo com o coração, pois quem o intenta ou conhece só com a cabeça, é um chupador, para este não há caminho fora da Terra.

O caminho do Mayab é o caminho do Sol.

É o caminho da inteligência que orienta o Amor.

Porque Pedro morreu na cruz com a cabeça à Terra e João apoiou sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus.

Pondera e julga.

Mas nem todos compreendem o caminho de Pedro e não andam porque não sabem que até as pedras têm coração. E assim, tampouco, compreendem o caminho de João.

São raros os que compreendem que não são dois caminhos, senão um só destino urdido pelo Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab.

Homem, por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maya, não posso te dizer mais nada.

Se em ti arde o anelo por conhecer a verdade do destino, procura ter olhos para ver e ouvidos para ouvir e encontrarás, algum dia, como fazer em ti mesmo a ponte que une o caminho de Pedro ao caminho de João e te leve ao Mayab.

Essa ponte é a morte.

Só pode fabricá-la quem ouse despertar.

Muitos homens neste Katun têm caído em profundos abismos e em meio de tormenta e dor têm vivido unicamente para que nós possamos saber despertar. Venera-os e busca-os no mundo da realidade; acercando-te deles, conhecendo suas idéias, penetrando no sentido oculto de suas grandes palavras.

Eu te darei somente a medida que me deram, mas a ponte deverás fazê-la tu mesmo, em ti mesmo, com o impulso que sejas capaz de lograr do ardor de teu anelo.

A medida que tenho que te dar é muito simples – observa-te; é complexo se ainda dormes.

Porque o Santo Senhor Jesus não apareceu três, senão muitas vezes mais, como Cristo, depois que seu corpo foi morto na cruz.

Pois haverás de saber que o Cristo vivo, em Jesus, está vivo.

E se aquele que é João permanece, permanece porque que Judas fez rápido o que foi necessário.

Outro escrito do mesmo Mayab, com a assinatura de Lucas ainda atesta este fato, e que revela que em uma de suas aparições o Santo Senhor Jesus, “então lhes abriu os sentidos (dos discípulos) para que entendessem as Escrituras”.

E aberto estes sentidos se conhece o caminho real que conduz ao Mayab, e o Mayab dá a estes homens o Poder, o Amor e a Vida porque para eles Deus, o Grande Senhor Oculto, deixa de ter duas faces.

E o de baixo se junta ao de cima e o de cima dá vida ao de baixo.

Para estes as escrituras são claras e sagradas porque sua verdade não está impressa nos livros, senão que se lê na alma.

Para estes, os dilúvios avistar-se-ão na Arca.

E a Serpente Emplumada voará.

Capítulo VI

Ah! Como o amor, o tempo também é impossível de agarrar com a razão. Assim como há amores diferentes, assim também há tempos diferentes. Só quem tem o Grande Destino em suas mãos pode explicá-lo a quem faça o esforço de entender.

Nós só podemos dizer do tempo e do amor aquilo que eles não são.

O tempo não é neutro.

O amor não é neutro.

Ao de Cima não podes amar se é que amas ao de Baixo.

Mas amando ao de Cima, amarás o de Baixo e o do Meio.

O tempo pode ir contigo para o segundo nascimento, pode ir contigo à morte final.

Se fazes desperto o que tens de fazer hoje, muitas coisas farás que não queres fazer, e muitas coisas também deixará de fazer, por muito que as queira fazer.

E não terás que esperar nenhum “amanhã.”

Porque o tempo *é*, o amor também *é*.

Se entendes, tu também podes *ser*.

O amor, como o tempo, está em todas as coisas, está em todas as formas.

Está no destino como no desatino.

Porque no tempo o amor faz todas as formas.

Guarda-te bem do *chupador* que te diga que o tempo é algo inexistente ou que te diga que no amar há pecado ou maldade.

Unicamente no peito do Grande Senhor Oculto o três é um.

O tempo e o amor são poderosas forças que evaporam a água do barro, e só deixam terra que à terra volta.

A água e a terra se unem por obra do amor.

Unem-se para o tempo, como barro.

O beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté coze o barro por obra do amor do que quer viver, para que não evapore a água.

Seu beijo é o fogo oculto do amor.

A ânfora de barro bem cozida para outro tempo, é.
No homem de barro a água é “sim”, a terra é “não”.
Por isso Deus tem duas faces, para ele, mas nenhuma das duas é verdadeira.
O beijo de fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é o que queima o “não”.
Mas também queima o “sim”.
E o homem é EU.

E Deus é Deus no homem aceso pela Sagrada Princesa Sac-Nicté.

O tempo do destino dos homens de linhagem Maya não é um tempo que está separado do destino dos demais homens, porque os homens de linhagem Maya não estão separados dos outros homens; para eles vivem e para eles trabalham.

Só são diferentes porque seu tempo é o tempo de uma luz que jamais se apaga.

E este tempo é o tempo imortal, tempo do Sol dos sóis.

O tempo dos outros homens é o tempo de água, como a água dos Dilúvios.

Não são dois tempos nem são dois destinos.

São o tempo de Cima e o tempo de Baixo que fazem o tempo do Meio.

E, quem veja pecado ou maldade no amor, quer castrar o Sol, mas será castrado.

E não comerá o alimento do Sol, e seus testículos secarão e estará morto mesmo antes de morrer.

Presta atenção, se é que és homem de linhagem Maya.

*

*

*

O amor nasce no peito do Grande Senhor Oculto, o Mui Elevado, que criou o tempo para poder permanecer ETERNO e o amor é Seu Meio e dá vida ao Tempo.

Busca em teu coração: qual é teu amor?

Para não ser castrado e fazer tua criação viril.

Se teu amor é uno e neste amor incluas todos os teus amores, teus testículos comerão o alimento do Sol.

Só no peito do Grande Senhor Oculto há Um; depois, tudo anda em Três.

Em tudo quanto olham teus olhos, em tudo quanto ouvem teus ouvidos, em tudo quanto tocas com tuas mãos, em tudo quanto sente teu nariz, em tudo quanto degusta teu paladar, em tudo está latente a força que é um, a força que é dois e a força que é três.

Cada três juntos fazem um.

Assim é feito tudo o que é feito.

Todo um é um Ser em três maneiras de ser.

Assim foi feito o homem de barro, o homem de água e terra.

O que é um é a água, o que é dois é a terra e o que é três une a água e a terra para que seja barro.

E o que será que é três?

Não será, pois, *um querer estar no tempo* do Grande Senhor Oculto que, todavia, permanece ETERNO?

Assim é como vem desde Cima para Baixo.

Mas o homem que permanece barro, se alguma vez pensa neste Um, não lhe presta atenção; e se sente aquilo que é o Três, logo o esquece porque o trabalho de recordá-lo é árduo.

Por isso Deus terá sempre duas faces para ele, mas nenhuma é verdadeira.

Quem sabe e vive no *querer estar* do Grande Senhor Oculto, refaz-se.

Logo, compreende e sabe e vive desde Cima para Baixo, segundo o seu tempo, segundo o Katun que se tenha feito em si mesmo.

É um pequeno três, um pequeno um.

O barro então É, porque o sentido está aberto, e atrai a luz que com seus santos beijos acende a Sagrada Princesa Sac-Nicté.

E lhe é possível manejar o quatro, para poder fazer.

E está Acima e Abaixo no Grande Senhor Oculto.

Isso também se faz por três; mas sua ordem muda.

Assim: o um é o *querer estar* do Grande Senhor Oculto, o dois é a água, o três a terra que se aproxima do Sol.

Aí tens o segredo da geração e da regeneração.

E, quando exista outra vez o número da nova linhagem dos homens Mayas na Sagrada Terra do Mayab, pedir-te-ão uma árvore de vinho de balché e apresentá-la-ás no alto, e não serás morto nem lançado fora.

A Serpente Emplumada Voará.

Pedir-te-ão também, talvez, traje de bodas; se não o tens, se tens sido preguiçoso, se não tens velado, serás lançado para fora onde haverá choro e ranger de dentes.

Porque o traje de bodas é a vestimenta da regeneração e é o mesmo que a árvore de vinho de balché.

A regeneração é o real caminho de João para o Mayab.

Mas hás de saber ainda mais.

O que não sabe nada do *querer estar* do Grande Senhor Oculto, não pode ser, não pode fazer, não pode fazer acontecer; está abaixo não mais, e não tem árvore de vinho de balché, e a água de seu barro se evaporará à luz da lua, seu vapor irá, pois, à lua e a terra à terra e assim tudo terminará.

Esta é uma verdade e assim está bem; a este homem deixe-o estar como está porque não é de tua estirpe.

Deixe-o dormir em paz.

O que sabendo do *querer estar* do Grande Senhor Oculto e diz não mais, e não faz o que tem que fazer para poder viver, torna-se um *chupador*; este, também não é de tua estirpe Maya, afasta-te dele a menos que ele te suplique que o ajudes a fazer o que

tem que fazer; então lhe falarás de tua linhagem Maya porque até um *chupador* insensível pode mudar seu sangue se é sincero e voraz.

Mas guarda silêncio ante o hipócrita.

Pobre de ti se chegas a crer-te melhor que um *chupador*, ou superior a quem não tem árvore de vinho de balché!

Não serás homem, serás um maricas, anda e põe saia de mulher!

O homem mostra sua virilidade fazendo obras de amor, não falando do amor que é incapaz de fazer.

O Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é para o Maya viril.

Só o Maya viril pode entender a verdade que há Acima.

E sua virilidade o leva porque é o corpo vivo do *querer estar* do Grande Senhor Oculto.

Estuda, pois, como se faz a linhagem dos Maias reais.

Em cada um que é um, também há três.

Em cada um que é dois, também há três.

Em cada um que é três, também há três.

Como se faz isso?

Maya pretendes ser e não conheces a profecia de 16 versos do cantor de Mani, Chilam Balam?

Em cada verso há o um, há o dois, há o três.

O quatro está em ti mesmo, és tu mesmo se és que vive um EU.

E quando saibas, faça-o!

O mesmo que está escrito nos escritos de João está escrito nos escritos de Chilam Balam.

Os dois são um só livro do Espírito do Mayab com palavras distintas, não mais.

E o Espírito disse:

“Eu sou! Sou Deus!”²²

*

*

*

Porque o ETERNO, o Mui Elevado, o de Uma Só Idade; quis fazer Descendentes de Sete Gerações, e este é o Grande Descendente que contém e mantém a todos os pequenos descendentes para que se mantenham entre si.

Se és Maya viril e se estás orgulhoso de teu Mayab, humilha-te em secreto e em silêncio ao elevar teu pensamento a ELE, ao ETERNO, o de Uma Só Idade que é seu próprio Katun e que fez todos os Katuns e fez a ti também, e te fez igual a ele, uma pequena cópia, com tudo o que ELE é, até com seu Infinito Verbo Criador, dizendo:

“Eu sou! Sou Deus!”

São sete Suas Gerações, desde o Mais Acima até o mais Abaixo.

²² “Yo soy, pues; soy Dios, pues.”

A sétima geração tem uma Árvore da Vida com tantas ramas como trinta e dois vezes três, e estas ramas sujeitam aos seres porque são muitas ramas, e não podem subir pelo tronco da árvore de balché por si só; e seu subir é o subir do Katun de toda essa sétima geração.

Lenta subida, dolorosa subida.

Quem à sétima geração degenera tem seguramente o choro e o ranger de dentes.

O viver na Terra é o viver da sexta geração, e a Árvore da Vida tem tantas ramas como dezesseis vezes três; amarelas são as folhas de 24 ramas, negras são as folhas de 24 ramas; são ramas com as folhas da cor do Poente e do Sul; quem junte ramas amarelas com as ramas negras e, por sua inteligente vontade, façam-nas verdes agarrará o tronco da Árvore da Vida e subirá para saber do Grande Pauah, daquele João que permanece, e do Grande Amor DELE.

Como o farás?

Despertando e estudando.

Despertando e trabalhando.

Despertando e lutando.

Estudando, trabalhando e lutando em ti mesmo para que sejas tu mesmo, para que sejas EU.

Toma um pouco de tinta negra, toma um pouco de tinta amarela, faz uma só tinta das duas e olha bem, o que vês? Não é, pois, verde esta nova cor?

Amarelo é o Sol, negra é a Terra, verde é o florescer da imortalidade.

Assim poderás começar a andar pelo caminho da regeneração, e tua geração será então a geração que é oito vezes três. Assim eram os Gigantes da Pequena Cozumil.

Quatro vezes três. Assim eram os Pauahs, o do Oriente, o do Poente, o do Norte e do Sul.

O Pauah come o alimento do Sol.

Duas vezes três não o concebe senão o Pauah que não pode morrer.

Mas todo homem pode ser Pauah.

Uma vez três não o podemos nem sequer pensar em nossa atual condição, porque é um Katun que somente um Pauah o entende.

Todos são tempos diferentes, medidos por distintas medidas.

O Maya audaz e ousado vai de um a outro Katun, sempre para Cima e é três gerações em uma.

Por seu *querer estar* na quinta geração, geração de barro que se está cozendo, pode o Grande Senhor Oculto dar-se a conhecer ao Maya audaz que tenha um só amor no qual tenha fundido todos seus amores; mas o barro haverá de querer mais que o barro, a água haverá de querer mais que a água, o homem de barro haverá de querer mais que os Gigantes da Pequena Cozumil e até mais que os Pauahs do Norte e do Sul, do Oriente e do Poente.

Haverá de querer mais do que as palavras obscuras de João ou de Chilam Balam.

Haverá de querer tanto que não o enganarão as palavras lindas dos *chupadores*.

E este querer lhe fará entender e viver aquele querer que, com suas sóbrias palavras, disse o Santo Senhor Jesus que era o segredo da Vida Eterna.

“Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.”

E, quando o homem de barro assim aprenda a querer, o Grande Senhor Oculto falará a Palavra que é Deus e que é o Verbo ao mesmo tempo, e fá-lo-á saber:

EU SOU A UNIDADE.

Pois, assim tem sido dito; o segredo está aí.

Conhece-o, pois, se puderes.

Não estará claro tudo isso para ti até que tenhas golpeado a pedra na escuridão.

A Grande Palavra, no selo da noite, selo do céu, disse a Chilam Balam.

“Eu sou o Princípio e o Fim.”

E a João, Pauah que permanece, o mesmo que a Chilam Balam.

“Eu sou o Alfa e o Omega.”

O mesmo Verbo são os dois, e os dois permanecem porque assim tem sido, e é, e será através dos séculos, e muitos os ouvirão.

Foi aberto este Katun para que possam ouvi-los muito mais.

E permanecerá até que chegue o Filho Unigênito do Grande Senhor Oculto, espelho que abrirá sua formosura, Pai.

Por Teu Querer Estar que és Teu Espírito Santo, Pai.

Para que comece na terra a nova civilização. Amém.

Ao que queira saber, a Palavra do Pai o fará saber, porque para as novas ânforas Mayas há este novo Katun, para que, quando chegue e caia sobre o mundo de barro a justiça em três partes, segundo as profecias de João e de Chilam Balam, os justos sejam com ela, a Justiça de Deus, justiça do Mayab, pela *misericórdia de suas cabeças e a sabedoria de seus corações e o amor à Vida em suas ações*.

São novamente três.

E a palavra emanou desde as entranhas do Oriente para que não haja Poente; e foi escrita no Norte para que não haja Sul.

Esta palavra disse novamente para o que tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir.

EU SOU UNIDADE.

O que é um está dentro de teu cérebro, o que é dois estende-se por tua espinha dorsal, o que é três, que é o *querer estar* do Espírito Santo do Grande Senhor Oculto, jaz dentro, bem dentro de teu coração, e por onde o queiras ver, se és capaz de ver.

Se entendes e fazes isto, dominarás a Serpente que se arrasta na Terra e tua prudência lhe dará sua plumagem para que possas voar.

São o Pequeno Pai, o Pequeno Filho e o Pequeno Espírito Santo, os três pequenos Pauahs, o Vermelho, o Branco e o Eternamente Verde.

Guarda-te da Serpente que te dizem que faz milagres!

Todo o barro que sabe onde e como fazer a guerra para poder morrer é Terra de Vigília e Oração, Terra sem sede, Terra regada pelo amor que há de servir a Deus para uma nova civilização; e quando morra em sua sexta geração, viverá outro Katun na quinta; três vezes quatro será seu “sim”; três vezes dezesseis será seu “não.”

Irá do sepulcro ao berço se é que quer ir, porque haverá passado da morte à Vida e permanecerá com João.

Pois seus testículos terão comido o alimento do Sol, e seu sêmen não será sêmen de carne unicamente, senão sêmen com o espírito de regeneração e não arrojará espírito fora de si quando arroje seu sêmen²³.

Porque não haverá fornicção nele, e seu um, seu dois e seu três serão realmente castos e seu sexo estará incendiado de pureza.

Será sexo não mais.

*

*

*

Filho do Mayab!

Ouve-me bem!

NÃO ANDES ÀS CEGAS!

Busca o conhecimento dos Homens Mayas, qualquer que seja sua ânfora, qualquer que seja sua língua!

Busca o conhecimento que chegou outra vez do Oriente!

Busca o conhecimento que está escrito no Norte.

E não terás nem Poente e nem Sul, se é que és diligente.

Porque o Senhor Jesus, cuja vinda a precedeu uma estrela do Oriente, disse que àquele que peça, dar-se-lhe-á o que pede; e aquele que busca, encontrará o que busca e àquele que chama às portas do Mayab Interior, abrir-lhe-á a Princesa Sac-Nicté.

Deves saber *poder* pedir, deves saber *poder* buscar, deves saber *poder* chamar.

Para estes três poderes, que são um só poder, deves saber poder pensar.

Pensa à luz do dia, pensa na escuridão da noite, pensa sob a chuva, pensa sob o calor.

PENSA NO GRANDE SENHOR OCULTO E EM SEU *QUERER ESTAR QUE É O COMEÇO DO TEU QUERER SER*.

Então sentirás seu querer estar e farás seu querer ser.

E compreenderás e saberás.

*

*

*

Quem queira ser amo, faça-se servo, disse o Pauah do Norte.

Quem queira ser livre, faça-se escravo, disse o Pauah do Oriente.

²³ “...y no arrojará espíritu fuera de si cuando arroje su semen.”

Quem queira viver, aprenda a morrer, disse o Pauah do Poente.

Quem queira morrer, ouça e desperte, disse o Pauah do Sul.

*

*

*

Quem ouve e não faz o que, no silêncio da real quietude, fale a linhagem de seu sangue Maya, sofrerá que o escravo matará seu amo e o servo colocará no cárcere a liberdade, e o escravo sugará o sangue do amo e também morrerá, e o servo tiranizará a liberdade e não viverá, mas se degenerará como um *chupador*.

O barro adormecido sonhará, e a água se evaporará à luz da lua.

Todos os tempos de todos os Katuns desaparecerão com dor para ele.

Isto é uma verdade; Já sucedeu antes e segue sucedendo neste Katun, em muitos continentes, com os que são homens de barro que perderam o sentido das palavras que disse seu Mayab.

Assim foi antes, assim é agora, assim será até que ELE queira que seja.

Porque o homem *foi feito* à Imagem e Semelhança de seu Criador, e se assim foi feito, com um propósito foi.

Não será este propósito aquilo que o Senhor Jesus disse a todos os homens de linhagem Maya: “Sede perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito”?

Talvez, porque Pedro morreu com a cabeça à terra suas ovelhas estão mal apascentadas e *chupadores* as tranqüilizam; e às que querem que sua lã seja negra, os *chupadores negros*, os ladrões da alma, seu sangue sugam. Dos dois *chupadores*, os *chupadores negros* são os mais perigosos porque são ignorantes que pretendem saber e por sua pretensão caíram e seguirão caindo.

Guarda-te deles, porque mais te valerá não saber nada que saber o pouco e mal que eles sabem.

Guarda-te da Serpente que dizem que faz milagres!

Tem-se perdido as pedras para estender a ponte para o Mayab Interior, e poucos permanecem enquanto ELE chega.

Mas o Senhor do Tempo que vem pelo Oriente dá a medida justa, e há poucas ânforas que saibam receber.

Por isso, ao que não se tenha feito olhos para ver e está em trevas, o que é vermelho lhe parecerá negro, assim, na escuridão.

E o Senhor do Amor que vem pelo Norte dá em abundância e generosamente e também são contadas as ânforas que sejam continentes e que saibam consagrar-se.

Por isso, a quem não tem coração que lhe contenha sua abundância, sempre o destrói na desagregação, pois branca é a cor do reino dos céus.

E o senhor que não tem Poente e que não tem Sul, que é o Senhor do SEU QUERER ESTAR, emanará de si outras águas, emanará de si outras terras e fará outros barros que lhe recebam melhor.

Outras vezes o tem feito, e assim se pode ver quando se estuda atentamente que coisa foi que, em seu Katun, perderam os seres-formigas, os seres-cupim, os seres-abelhas, que um dia foram e *já não são*.

Homens néscios!

Isto é unicamente o princípio de um saber!

Homem por cujas veias corre o sangue da linhagem Maya!

Abre teus olhos, destampa teus ouvidos!

Tenho-te explicado o três, tenho-te explicado o sete, mas só uma idéia tenho-te dado do quatro, e nada acerca da vontade com que se dá continuidade a todo o sete que se quebra em dois pontos, em dois tempos.

Quem não sabe *como* se dá esta continuidade não poderá fazer a Ressurreição de sua carne.

Esta continuidade, busca-a diligentemente e ouve o que sobre isso disse há muitos séculos Chilam Balam, Grande Sacerdote da Linhagem Maya:

“O mau do Katun, de um golpe de flecha, pode se destruir. Então vem o peso dos juízes, chega o tributo. Pedir-te-ão provas COM SETE PALMOS DE TERRA ENCHARCADA!”

Não será isto o mesmo que em seu Katun falou o Santo Senhor Jesus?

“E a qualquer que ouve estas palavras e não as faz, compará-lo-ei a um homem insensato que edificou sua casa sobre a areia; e desceu a chuva, e vieram os rios, e sopraram os ventos, e fizeram ímpeto naquela casa; e caiu e grande foi a sua ruína.”

Não será isto o mesmo que ainda em outro Katun falou o Santo Senhor Moisés?

“Aos céus e a terra chamo hoje por testemunhas contra vós; que vos tenho posto diante a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida para que vivas tu e tua semente.”

Não será isto o mesmo que ainda em outro Katun falou o Santo Senhor Buda?

“Iluminai vossas mentes... os que não podem quebrar imediatamente as oprimidas cadeias dos sentidos, e cujos pés são demasiado débeis para pisar a calçada real, devem disciplinar sua conduta de tal modo que todos os seus dias terrenos transcorram irrepreensíveis praticando caritativas obras.”

E não será isto o mesmo que ainda em outro Katun falou o Santo Senhor Lao-Tsé?

“O Universal é eterno; o Universal é eterno porque não existe como indivíduo; é esta a condição da Eternidade. De acordo com isto, o Perfeito, eclipsando-se se impõe; derrotando-se se eterniza; DESEGOISTIZANDO-SE se individualiza.”

Todos, pois, falam do verde florescer do Imortal, de como o Infinito sempre vive no Eterno.

*

*

*

Néscio é o homem que se crê dono do tempo.

Néscio é o homem que se crê dono do amor.

Néscio é o homem que se crê dono da Terra.

Néscio é o homem que se crê amo do Mundo.

Três vezes néscio, o que deliberadamente ignora que o homem é um propósito do amor *no* tempo para a vida do Mundo *na* Terra.

*

*

*

Jesus, Santo Senhor, foi um homem feito na Terra com a Água do Amor e cozeu seu barro no fogo do Amor.

Judas foi um homem que desafiou o poder do mundo e ajudou-lhe o Amor.

Se és que ao conhecimento do Mayab aspiras, hás de procurar entender.

E te abrirá as portas o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, e o fogo de seu amor cozerá teu coração de barro, e por seu amor serás ânfora do Grande Senhor Oculto que te dará aquilo que possas conter.

Eu agora só quero fazer justiça a Judas, o homem de Kariot.

Para que comece um novo Katun na linhagem Maya.

E o Mayab dos Andes seja, pois, o berço da nova civilização.

Tu farás tua parte, se em tuas veias corre o sangue da linhagem Maya.

Para que haja misericórdia em tua cabeça, sabedoria em teu coração e possas encontrar a pedra justa com a qual possas estender a ponte que vai de Pedro a João no destino do Homem Verdadeiro, que aqui declaro que é o Cristo vivo no Senhor Jesus.

Em Nome do Pai, e em Nome do Filho, e em Nome do Espírito Santo.

Para que assim seja.

E te relatarei como e porque Judas, o homem de Kariot, estendeu um fio importante no urdimento do destino deste novo Katun.

Seu fio fez possível que as Quarta e a Quinta Gerações falem nos tempos e nas medidas da Sexta Geração.

Relatar-te-ei, assim, como eu tenho aprendido no Santo Mayab. Amém.

LIVRO TRÊS

Capítulo I

E havia um homem dos fariseus que se chamava Nicodemos, Príncipe dos Judeus. Maya era a sua linhagem, Maya o seu coração; seus pensamentos eram do Mayab; não eram pensamentos de barro e chorava lágrimas vivas. E era austero na virtude para aumentar os tesouros do Senhor, e procurava ser justo, pois lhe consumia o anelo de fazer viva sua fé.

E seu pranto era pranto de lágrimas vivas, como só pode chorar um bem aventurado que não é rico em espírito e que anseia o Espírito que anima a vida no reino dos céus, que é a sagrada terra invisível do Mayab.

E pensava neste Espírito que é a chama que pela luz ilumina o santo beijo da Princesa Sac-Nicté, e seu coração dizia, quando pensava nela, porque ele também queria ser ânfora viva para servir a ELA: "Prova-me que teus lábios não foram feitos para serem beijados, e eu te provarei que as trevas são a luz."

Santo e sagrado era o anelo deste homem, pois não queria tesouros do céu para si, mas para servir ao Grande Senhor Oculto, ao mui Elevado, ao Eterno.

Por isso Nicodemos também buscou a água, a água viva que havia na vasilha do Santo Senhor Jesus, pois também havia entendido que a esteira na qual jazia abarcava um vasto reino dentro e fora deste mundo. E que somente bebendo essa água viva, poderia entender o mistério das sete gerações, evitar o juízo com sete palmos de terra encharcada, morrer e renascer.

Para entender e conhecer o homem e para vivificar o Homem Verdadeiro, Príncipe dos Céus e Herdeiro da Terra, é preciso entender a harmonia das Sete Santas Gerações do Grande Descendente, do Mui Elevado, O ETERNO, Pai Nosso que está nos Céus.

E, neste novo Katun, desde o Oriente tem vindo aos de linhagem Maya a Palavra do Norte, que não é palavra Poente e que não tem Sul.

Para que seja entendida e logo compreendida pelo cérebro e coração dos homens da linhagem Maya.

É a palavra eternamente verde, e este Katun será o Katun de Primavera Eterna para uma geração, mas deixará murmúrios nos corações de outras.

É a palavra que junta as vinte e quatro folhas negras com as vinte e quatro folhas amarelas na Árvore da Vida, e que faz o balché, e fia o fio com que se tece as vestimentas para as santas bodas do Céu.

Assim, pois, que o sucede um Gigante da Pequena Cozumil, cuja geração é uma árvore de tantas ramas como oito vezes três, tem o poder, o amor e o saber de todos os planetas. Por isso são os Senhores da Terra, mas não são deuses. Porque a sua geração é somente o começo da regeneração e é ainda de Baixo para Cima para fazer o do Meio, e seu alimento é o alimento do Sol. E juntará doze ramas de folhas negras com doze ramas de folhas amarelas, e então para ele a Árvore da Vida será de quatro vezes três. E sucederá o Pauah com o tempo e o alimento do Sol. Haverá estendido em si as asas do Sagrado Kukulcan, a Serpente Emplumada que o homem há de levantar no deserto, golpeando a pedra na escuridão e acalmando a sua sede com a água do Cenote Sagrado. Assim terá ele a potestade de Tzicbenthan, palavra que é necessário obedecer, pois é a palavra de Ahua, o que governa todas as gerações do Grande Descendente, desde o Katun onde tudo começa a andar em três.

Assim como há Sete Grandes Gerações no total, criadas pelo Mui Elevado, o ETERNO, quando fez o Grande Descendente, assim em cada geração há pequenos descendentes, e também muitos pequenos descendentes. E em todos há também sete gerações.

E há sete tempos, sete medidas, e em cada uma há novamente sete.

Cada Pequeno Descendente é parecido ao Grande Descendente.

Pequeno Descendente é o homem, e está na sexta geração; e leva em si medidas para medir os tempos da quinta, da quarta e ainda da terceira geração, se, da pura água do Cenote Sagrado, faz seu vinho de balché, se, quando come de sua plantação, come também a palavra do Grande Gerador, que disse:

"Eu sou. Eu Sou Deus."

Como era em Yucalpeten muito tempo antes da chegada dos Dzules.

E, como também ocorreu em Yucalpeten, assim também havia ocorrido lá na terra do Mayab de Jesus, cujo Chichén era Jerusalém.

A voz da Princesa Sac-Nicté havia se perdido ali também pela mesma loucura dos sacerdotes.

Havia-se perdido a sabedoria de seus corações e já não havia misericórdia em seus cérebros, e sua alma já não comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

Muitos eram os que anelavam, raros eram os que indagavam.

Deserto estava esse Mayab onde há sabedoria.

Poucos gigantes havia na pequena Cozumil, naquele remoto continente.

Como agora em Mayapan.

Todos queriam servir-se a si mesmos, poucos queriam servir ao Senhor.

Nicodemos era um dos poucos.

E ardiam, abrasando seu coração, as sagradas palavras que havia escrito com potestade de Tzicbenthan o Santo Senhor Moisés, em seu Katun de Luz. E estas palavras eram:

"Porque este mandamento que eu te intimo hoje não te está oculto nem está longe. Não está no céu para que digas: Quem subirá ao céu por nós e trar-nos-á e representar-nos-á para que o cumpramos? Nem está do outro lado do mar para que digas: Quem atravessará o mar para que nos traga e nos represente, a fim de que o cumpramos? Porque muito próximo de ti está a palavra, em tua boca e em teu coração, para que a cumpras.

Olha, eu tenho posto diante de ti hoje a vida e o bem, a morte e o mal."

Assim havia escrito o Santo Senhor Moisés, Pauah que comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

E estas palavras haviam-se escrito no coração de Nicodemos.

Mas os homens de seu Katun só comiam palavras e não comiam o alimento do Sol nem do Grande Sol.

Não tinham fome e não tinham sede da palavra do Mayab de sua terra.

Mas Nicodemos tinha fome e tinha sede.

E indagava.

E por isso, em seu pranto, repetia em secreto à Princesa Sac-Nicté:

"Prova-me que teus lábios não foram feitos para serem beijados, e eu te provarei que as trevas são a luz."

A luz tem vindo outra vez pelo Oriente na palavra do Norte, para que quem ouça e veja não tenha poente e não tenha sul, e o Eternamente Verde seja para sempre nele e ele NELE.

Indagava, pois, com diligência, porque o formoso céu do Mayab está sempre aberto para quem está pronto.

E pronto está quem indaga e não desmaia.

Assim, pois, indagou Nicodemos, e seguiu a voz do destino, e viveu seu destino, e não fugiu dele.

Capítulo II

Por seu destino, inteirou-se um dia acerca do Rabi de Nazaré, Chilam Balam da Galiléia, que falava do Grande Senhor Oculto chamando-lhe seu Pai que está nos céus.

Era o Santo Senhor Jesus que subia na Árvore da Vida e ensinava a subir.

A voz de seu destino lhe falou secretamente em seu coração, e Nicodemos secretamente foi ver o Chilam Galileu, porque sabia que nele havia Palavra de Verdade.

Débil era a luz da terra nessa noite, grande era a luz do céu.

Grande era a chama de amor no coração do Nazareno, grande era o anelo de luz no coração do fariseu.

E foi um fio de luz o que assomou o destino àquela noite, e descobriu os véus para que o homem de barro pudesse empreender o caminho da regeneração.

E o Rabi Nazareno disse a Nicodemos, e suas palavras caíram acesas em seu coração:

"O que é nascido de carne, carne é, e esta é uma geração."

"O que é nascido de Espírito, espírito é, e esta é outra geração."

"Não te maravilhes pois, Nicodemos, que te haja dito que é necessário nascer outra vez, porque aquele que não nascer outra vez não poderá ver o reino de Deus."

E, mesmo antes disto, era fama por Jerusalém que os discípulos de Jesus haviam repetido suas palavras proclamando que não se pode por vinho novo em odres velhos...

O que tinha de mudar?

Assim se foi essa noite, pensando e pensando, Nicodemos.

Porque de coração sabia que esse nascer precisava de uma morte, mas que semelhante morte não é a morte dos mortos, senão a dos vivos que sabem que todo homem pode viver, ser ânfora cozida com o fogo do Mayab e levar nela a medida que queira consagrar ao Grande Senhor Oculto.

Capítulo III

Homem de linhagem Maya, dou-te aqui a primeira prova deste novo Katun: Leva para o Verdadeiro Homem o sol que te pede, estende-o em seu prato, com a lança do céu cravada no meio de seu coração, e o Grande Tigre sentado sobre ele, e bebendo seu sangue.

Pois Nicodemos levou a luz de seu entendimento aos pés de Jesus, e o saber de Moisés era um agulhão doloroso em seu peito, pois era somente saber; e desde então a garra da sabedoria lhe manteve sujeito.

Nicodemos carregava o peso dos anos de uma existência dedicada a mostrar aos jovens de seu tempo como deveriam andar nos caminhos do Senhor.

E eis que o Rabi de Nazaré lhe havia dito essa noite acerca da geração que há de morrer para poder renascer em outra e assim poder viver. Havia-lhe dito assim:

"Tu és Mestre de Israel e não sabes estas coisas? Em verdade te digo, Nicodemos, falo-te daquilo que eu sei e que eu sou e dou testemunho do que tenho visto; mas os homens de tua geração não querem receber meu testemunho. E se te digo coisas da terra e não as podes levar, como poderás levar coisas que são do céu? Porque ninguém subiu ao céu senão o que desceu do céu, e este é o Filho do Homem que está no céu. E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim agora é necessário que o Filho do Homem seja levantado para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna."

As palavras deste Homem Verdadeiro aprofundaram a ferida já aberta no coração do fariseu, e no fundo do seu peito indagava:

"Como, como haverei de fazer, Senhor?" Assim começou a morrer seu espírito de fariseu e em sua mente ressoaram as singulares palavras que havia ouvido dizer aos discípulos o Galileu:

"Bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus."

Assim começou a atrair sobre ele o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que já velava por ele, mas ele ainda não sabia.

Seu coração sangrava em abundância, porque eram muitos os jovens que concorriam à sua casa em Jerusalém a escutar sua palavra. E, como ele queria servir ao Mui Elevado, ao ETERNO, em sua consciência ardia o fogo da morte que precede à ressurreição, e em seus ouvidos as palavras do Rabi Nazareno:

"Tu és mestre de Israel e não sabes estas coisas?"

E pensou em Judas, o jovem nascido nas longínquas terras de Kariot e em cujo coração ardia também o impulso sagrado que, ocultamente, acende a Princesa Sac-Nicté. Judas havia vindo aos pés de Nicodemos para também aprender a trilhar pelos

caminhos do Senhor, que é o caminho do Mayab, e alimentava-se com as palavras de seu Rabi, e nutria-se delas, e seu Rabi lhe amava, e ele amava seu Rabi.

Pesado coração, o de Nicodemos àquela noite.

Homem de linhagem Maya, eis aqui a segunda prova: o Verdadeiro Homem quer que vás trazer-lhe os juízos do céu, pois nem todo aquele que diz "Senhor, Senhor" entrará no Reino do Mayab, mas sim aquele que faz a vontade do Pai, o Grande Senhor Oculto. E o Verdadeiro Homem tem muitos desejos de ver os juízos do céu, pois a Ele tem sido dado o Juízo.

Isto está escrito nas escrituras da Quarta Geração.

Se tens olhos, verás; se tens ouvidos, ouvirás.

Se ainda não os tens, entregando teu juízo ao Verdadeiro Homem, tê-lo-ás.

E assim, quiçá se cumpra para ti a profecia de Chilam Balam, profecia que alenta o passo da quinta à quarta geração, onde "eles falam com suas próprias palavras, e assim, talvez não se entenda tudo em seu significado; mas, igualmente, tal como tudo passou, está escrito. E será outra vez tudo muito bem explicado" (na quarta geração, geração invisível dentro de ti mesmo).

Porquanto todo o escrito nas Sagradas Escrituras, escrito em ti também está, em tua alma, se puderes ler.

Capítulo IV

Assim disse, pois:
Eu, Judas de Kariot, amava meu Rabi Nicodemos, que me ensinava a trilhar os caminhos do Senhor.

Servia-lhe como um discípulo digno de Israel deve servir ao seu Rabi e aguardava a minha hora de servir ao ETERNO, e em meu coração ardia o amor pela Verdade.

Mas, naquela manhã, meus olhos me fizeram ver que meu Rabi Nicodemos não era meu Rabi Nicodemos. Em seu rosto vi angústia e assim pude sentir como seu coração estava ferido, mas não sabia se sua ferida havia lhe causado o mal ou o bem que anelava; porque meu Rabi seguia o caminho dos sábios de Naim, conforme a tradição de Hillel.

Dispensou nessa manhã a todos os seus discípulos, menos a mim.

Quando fez isso, meu coração se agitou, e pareceu-me que o presságio era obscuro, porque não alcançava compreender o que lhe ocorria. Era freqüente nessa época ver rostos decompostos pela ira e a angústia entre os fariseus. E Jerusalém era berço de confusão. Pôncio Pilatos, procurador romano, queria para si os tesouros do templo, queria construir um aqueduto pelo que lhe recordassem até outros tempos. E nas ruas o povo se agitava em meio de um buliçoso falatório no qual se percebia o ódio por Roma.

E um homem humilde, vindo da longínqua Galiléia, havia acendido em seus peitos uma nova esperança, falando-lhes de liberdade. E os pátios do templo eram testemunhas mudas por onde seu ensinamento ressoava, e os homens recolhiam suas estranhas palavras e os estranhos feitos deste homem que, sendo judeu, profanava o sábado curando enfermos, e não guardava os preceitos de pureza, e bebia vinho, e comia carne com publicanos e com pecadores, dizendo que havia vindo a perdoar pecados e não a condenar aos pecadores. E entre os que o seguiam estava Maria, a prostituta de Magdala, e o agente dos publicanos Levi, e estranhos homens que pescavam, e um moço, João, e seus irmãos.

Estranhas coisas dizia este Rabi, estranhas coisas fazia. Mas os que o amavam diziam, por sua vez, que o que ele ensinava fazia doce o amargor das lágrimas do coração e que os sábios de Naim, os mais doutos e puros da terra, achavam em suas palavras tesouros ocultos de Hillel, belezas do Talmud. Mas não podiam entender suas ações, pois para eles toda ação havia de ter por fundamento o temor de Deus.

E eis que este Rabi havia dito:

"Tanto ama Deus ao mundo que mandou o seu Filho Unigênito para que seja salvo, e não para condená-lo."

Estranhas palavras nas quais não havia nenhum temor.

E também havia dito:

"Amarás a teus inimigos."

Havíamos, pois, de amar os inimigos de Israel?

Nas sábias palavras da Lei de Moisés, meu Rabi Nicodemos nos havia repetido a tradição de nossos pais, mas eis aqui que este Rabi da longínqua Galiléia não se apoiava em escritura alguma e, por outro lado, proclamava ante o povo e ante os doutores da Lei:

"Esquadrinhai as escrituras, porque antes que Abraão fora, Eu Sou."

Nessa manhã, quando percebi a angústia no rosto de meu Rabi Nicodemos, o presságio me disse que o que ocorria era por causa deste Nazareno que anunciava o batismo com fogo do Espírito Santo.

"Judas", disse-me meu Rabi; "tu tens vindo desde as terras de Kariot a beber os mandamentos do Senhor e a trilhar por seus caminhos segundo a tradição."

Eu guardava silêncio.

"Judas, tende piedade de mim", continuou meu Rabi Nicodemos. "Consome-me a dúvida; sou um homem de coração atribulado. Não estou seguro de que meu saber seja bom, não estou seguro que te esteja ensinando a trilhar pelos caminhos do Senhor."

Graves palavras, estas que me disse meu Rabi Nicodemos.

Graves, porque na austeridade de sua virtude muito era o que exigia de nós, os que havíamos vindo a ele para estudar com diligência a verdade da Torá. Graves palavras, porque era este homem um alto membro do Conselho dos Anciões em Jerusalém, homem douto e puro, e respeitado, e amado.

Contive, pois, o alento para não responder, e vi a palidez em seu semblante, e o tremor em suas mãos, e a exaustão de seu espírito.

"Temos perdido o fio que conduz à verdade", disse-me. E citou aquelas palavras de Moisés que como fogo ardiam em seu coração, e contou-me a entrevista da noite anterior, e como as palavras do Rabi Nazareno haviam aumentado a sua sede e a sua dor simultaneamente. E o Rabi Nazareno também lhe havia dito:

"Só quem crê haver perdido o fio que corre através dos tempos tem o verdadeiro fio em suas mãos e quando encontre sua alma, não a perderá."

Que estranho mistério e paradoxo encerravam estas palavras?

Protestei com veemência, porque ao citá-las meu Rabi Nicodemos havia acendido a dúvida no mais fundo do meu peito, e eu sofria e não queria mais tribulações. Por isso tinha ido até ele, para encontrar refúgio e abrigo em seu ensinamento e assim poder ter sempre um fio sujeito entre as mãos.

Falamos disto durante muito tempo, mas ele me observava compassivamente e terminou dizendo:

"Em tua veemência há temor ao destino, Judas. Vem comigo, iremos juntos escutar a este estranho Rabi."

E já era notório em toda a Jerusalém que este estranho Rabi havia expulsado os mercadores do Templo, açoitando suas espáduas com um látigo e chamando-os de ladrões que haviam convertido a casa de seu Pai em uma guarida.

Eu protestei ante meu Rabi Nicodemos, pois os mercadores permitiam cumprir com as demandas do sacrifício.

"Guarda tua língua, Judas", disse-me. Pois em sua austeridade meu Rabi havia posto valado à maledicência e não era como outros fariseus que se entregavam à censura e à murmuração.

"É preciso que encontremos o fio de nossos pais", disse. "Porque naquelas palavras que ontem à noite queimaram meu coração o Rabi Nazareno me disse a verdade..."

Não pude suportar estas palavras: Meu coração se agitou com violência e a meus olhos chegaram rios de lágrimas e senti a dor de meu Rabi como se fosse minha. Eis aqui, dizia-me, eis aqui que meu Rabi se diz em trevas, quais não serão, pois, as minhas? Quais não serão, pois, as da juventude de Israel? Meu Rabi, luz das luzes, refúgio de nossa juventude, disse-me que também está em trevas e já não terá mais uma resposta precisa para dissipar nossas dúvidas e abandona-me no meio de uma multidão de estranhos sentimentos.

E me senti perdido como uma criança de peito a quem sua mãe abandona para ocultar sua vergonha...

Capítulo V

Marchamos juntos, em silêncio, em direção ao Templo. E ao chegar aos pátios não foi difícil encontrar o Rabi Nazareno. Rodeava-lhe uma multidão e nela também havia alguns fariseus.

E o silêncio que encontramos estava repleto de ameaças.

Muitos na multidão abriram passo para que meu Rabi Nicodemos se aproximasse, pois todos o conheciam e o estimavam como um homem de virtude e saber.

E vi o Rabi Nazareno.

Pôs sobre nós seus olhos, em silêncio. E neles brilhavam um estranho fulgor, mas seu rosto era sereno e forte, e, quando pôs seu olhar em mim, acreditei notar nele uma mensagem especial que me mandava sua alma, e senti que sua alma sorria e a minha também, e senti que nesse olhar ele me saudava com boas-vindas, como o dá unicamente quem tem estado separado durante muito tempo de um ser que ama.

Houve alegria em meu coração; mas meu pensamento permanecia turvado.

Soube neste instante que logo este homem estranho seria meu Rabi, e que eu também me sentaria a seus pés para beber de suas palavras; então senti uma dor aguda em meu coração que significava que haveria de deixar a meu Rabi Nicodemos para ir atrás do estranho profeta que procedia da distante Galiléia, de onde nada de bom poderia vir.

Houve ainda mais angústia em meu coração. Uma hora antes meu Rabi havia me deixado tal qual uma criança abandonada à suas próprias trevas, perdido o fio que pensava encontrar a seus pés. E eis aqui que o Nazareno me dava seu silencioso "boas-vindas", e, por um instante, pensei que ia perder-me nele e com ele.

Foi só uma olhar, mas ele me mostrou um destino que se expandia de uma estranha forma, impossível de descrever com palavras. Intuí um destino que não corria na largura nem na altura e nem no comprimento, senão que fazia destas três proporções uma distinta proporção na qual estavam todas as demais. E era um estranho mundo no qual me sentia perdido.

Porque por um instante não tinha sido eu, senão o Rabi que me olhava, e tive medo, e meu coração se turvou, e logo voltei a ser eu mesmo, e olhei-o.

Ele também me olhou, e desta vez sua alma sorriu dentro de mim, e me senti perdido.

Foi uma estranha experiência a desta manhã.

Voltei meus olhos para meu Rabi Nicodemos para implorar seu auxílio, mas ele havia se afastado de mim e estava ouvindo alguém que lhe explicava o incidente do momento. Mas eu poderia jurar que estávamos todos vivendo nesse lugar há séculos.

"Responde, pois", disse um fariseu ao Nazareno.

Meus olhos se fixaram no estranho Rabi; vi-o traçar um círculo na terra, com a ponta do pé, e nele envolveu a mulher que estava ao seu lado e em quem eu não havia reparado ainda. A mulher sofria uma vergonha, mas o círculo que o Rabi havia traçado na terra envolveu-a também. E até agora juraria que ninguém pudesse penetrar nele.

O ambiente estava tenso, carregado de ameaças. E eu me dispunha a defender o Nazareno porque ouvia às minhas costas palavras de impaciência e de maldade; mas ele me acalmou com seu olhar sereno e da mesma maneira que antes havia agitado meu coração agora o acalmava. E fiquei quieto, em paz, esperando.

E o Nazareno, fixando seus olhos nos fariseus, disse:

"Se a haveis surpreendido no ato e constatais seu adultério, eu digo: lapidem-na conforme a lei."

Correu um murmúrio nervoso e de triunfo entre a multidão. A mulher tremeu de temor e de seus olhos caíram duas lágrimas aos pés desse homem cuja palavra havia vibrado íntegra e suave no meio da multidão. Mas o murmúrio logo se apagou, porque o Rabi Nazareno voltou a olhá-los e os silenciou.

"Mas que atire a primeira pedra aquele que, entre vós, considere-se livre de pecado."

Grande e temível foi o silêncio que seguiu a esta palavra. Porque, no coração de todos os judeus, o pecado estava sempre vivo, e diariamente tinham que recorrer aos rituais de purificação para ficarem limpos conforme a Tradição. E havia consciência neles que nem sempre se cumpria como é devido com os rituais de purificação. Ninguém ousou dizer que estava puro e limpo de pecado. Entretanto, estas palavras do Nazareno haviam sido um punhal incrustado em carne viva, e o ódio se desenhava nos rostos dos homens e dos fariseus, pois grande é a fraqueza humana, e sempre é melhor e mais cômodo ver o pecado alheio e ignorar o próprio; é fácil sentir-se virtuoso ante o impuro e amar a virtude para dar cumprimento à escritura e não para limpar de maus pensamentos o próprio coração. Assim nos havia dito nosso Rabi Nicodemos; tal era sua virtude, tal era sua austeridade. E então senti como o destino urdia para os tempos que viriam, e porque o coração de meu Rabi Nicodemos havia se turbado na noite anterior. Agora também havia se turbado o meu, e soube, sem palavras, que o Rabi Nazareno tinha a potestade da Verdade, e que nele haviam-se unificado a graça e a lei...

A multidão se debandou rapidamente, e com ela marchou Nicodemos, pensativo, incomodado pelos novos presságios que delatava seu rosto. Eu fiquei só frente ao Rabi de Nazaré, sem poder afastar-me.

Ouvi-o dizer à mulher:

"Onde estão, pois, os que te condenavam? Nem eu te julgo. Vá e não peques mais."

Que lei regia a conduta deste homem para quem as escrituras pareciam não existir? Em que águas bebia sua sabedoria? Que tradição havia formado sua alma?

Todas estas perguntas se alçavam em minha mente como um torvelinho e meu coração estava sem poder entender, quando o Rabi, dirigindo-se a mim, disse-me:

"Bem vindo Judas de Kariot, aproxima-te de mim."

E me aproximei com temor, mas o Rabi me pegou pela mão e me fez passar ao círculo que havia traçado com o pé, na terra, e me tranqüilizei.

"Rabi, como sabes meu nome?" Perguntei.

"Todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, pois seu anelo é o nosso", respondeu. "Por que então não haveria de conhecer-te?"

Ambos guardamos silêncio; ele olhava meus olhos e eu os dele, e cada vez mais sentia a este homem em mim, e eu nele, mas não conseguia explicar-me e tão pouco compreender.

"Não te inquietes por ora, Judas", disse-me. "Dia chegará em que compreenderás o que sentes agora, todavia o trajeto da chama à luz é árduo."

Passou um breve silêncio até que ele me disse:

"O que haverias feito tu em meu lugar?" Eu entendi que se referia ao juízo que havíamos recém presenciado. A mulher se afastava de nós, voltando a todo instante um semblante ansioso em direção a este Rabi.

Mas não pude responder; grande era minha confusão, porque a lei condenava o adúltero ao apedrejamento quando o surpreendia no ato, mas eu sabia que muito e grande era o adultério cometido em segredo e sem testemunhas. E assim muitos andavam livres de suspeitas, e os homens nada diziam porque nada sabiam do secreto adultério. E isto não estava contemplado na lei dos homens, e meu Rabi Nicodemos nos havia dito que este adultério unicamente o contemplava a lei de Deus, a quem ninguém pode mentir de coração. Tal era a virtude de meu Rabi Nicodemos e às vezes sua autoridade se apartava da letra da lei e nos havia dito muitas vezes que um pecado em segredo é um duplo pecado, porque há mentira e covardia nele, e o escândalo ante os olhos do Senhor é sempre maior que o que se faz aos olhos dos homens.

E este Rabi de Nazaré me disse:

"O rigor da lei corresponde sempre ao que habita no coração humano, Judas. Não o esqueças, para que aprendas a julgar com justiça. Por seus juízos conhecerás os corações dos homens. Mas meu Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifício, quer um coração faminto de seu amor e sua sabedoria, ainda que seja um pecador, pois às vezes a virtude isolada do Bem pode ser pior que o próprio Mal."

Este Rabi destruía a lei e as interpretações dos doutores e me escandalizei; mas em meu coração havia dita, porque suas palavras brotavam como não me atrevia a nomear sequer em meus mais piedosos sonhos. E este homem falava sem nunca se referir às escrituras como faziam os doutos e os sábios de Naim, em cujos pés também havia me sentado.

"O Pai a ninguém julga, mas deu todo o juízo ao Filho. E não tenho vindo a julgar aos homens, senão a dar testemunho da verdade; disse-me. Há quem julga aos homens, e muitas são as formas de adultério, e o desta mulher talvez não o seja porque há fornicções que abominam meu Pai que está nos céus. E quando cheguem, a quem os julgue, dizendo que têm retirado demônios e têm feito muitas coisas em seu nome, eu lhes direi nessa hora: 'Afastai-vos de mim, obradores de maldades'."

Estranhas palavras, estranho saber que me inquietava.

"Vens comigo, Judas?" perguntou-me começando a andar.

E eu o segui.

Não o sabia então, mas a partir desse dia tenho andado sempre com ele de geração em geração, porque nosso destino estava urdido desde o começo dos tempos.

Muitas coisas insólitas me disse; mas tudo a seu devido tempo.

Pois a alma do homem se remonta despregando suas asas pouco a pouco, à medida que a luz se expande nas trevas.

Muitas vezes quis perguntar-lhe o que havia feito comigo naquele dia no pátio do templo, diante da mulher adúltera, pois muitas vezes vinham a Jerusalém magos caldeus que demonstravam suas perícias, mas meu Rabi Nicodemos nos havia afastado deste caminho; agora, este Rabi de Nazaré dizia palavras de sabedoria sem se apoiar em escritura alguma, mas tinha um poder superior ao daqueles magos que atraíam discípulos para sua estranha ciência.

"Quando o homem tem fome, pode converter as pedras em pão", disse-me. "Mas eu tenho um pão que saciará toda a fome e uma água que acalmará toda a sede. E a quem queira comer eis aqui que lhe dou, e a quem queira beber eis aqui que lhe digo: beba. Porque mesmo nas pedras encontrarás o Verbo de Deus."

"Quero de tua água e de teu pão, Rabi", disse-lhe, sem poder me conter.

"Eu sei", respondeu-me.

"Quem és, Rabi? Só um verdadeiro homem do céu pode dizer e fazer as coisas que tu dizes e fazes. Não há o temor de Deus em teu coração?"

"Não, Judas; não há temor em meu coração. Meu Pai que está nos céus é o único Deus e sua bênção é de amor. Quem ama a mim, amará a Ele, e Ele o amará em mim. Não tenho vindo para ab-rogar a lei ou os profetas, senão a dar-lhes cumprimento. O temor unicamente habita em um coração incerto, e o homem assim nubla o seu entendimento do Reino dos Céus. Mas é necessário que assim seja no começo até que o homem aprenda a ver a luz de seu próprio coração e a ouvir com a voz de seu amor. Por isso digo que o Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifício. E o que é um coração misericordioso, senão um coração pobre no amor próprio e anelante do amor de Deus?"

"Sancionas por acaso o mal, Rabi?" perguntei-lhe.

"Há os que falam do bem e do mal, mas que nada sabem da vontade do Único Bom e por isso precisam de juízos e condenações. Mas se nossa justiça não fosse superior à deles, seríamos muito pequenos no reino dos céus. Tão perfeito é o amor do Pai que faz que seu sol abrigue por igual a justos e pecadores. Assim é preciso que seja a nossa perfeição pois tal é a misericórdia. Como explicar o inexplicável? Qual um orvalho silencioso e invisível, o amor de Deus move aos homens de diversas maneiras e tudo o quanto anelo em seu serviço é ensinar o homem a receber por si mesmo a bem-aventurança. Só mostro um caminho pelo Espírito Santo para que o homem aprenda a julgar com justiça."

Muito sutil era a diferença que este Rabi traçava entre os homens, mas não me atrevi a perguntar mais e continuei aos seus pés.

Tive poucas oportunidades para falar a sós com ele desde esta vez. Estava aqui, e estava lá, e, onde quer que fosse, sempre se formava uma multidão em torno dele, e ele falava em parábolas, e anunciava o Reino dos Céus. E com os demais homens, impuros como eu, que lhe seguiam como discípulos, costumava falar à portas fechadas e eles saíam com o rosto iluminado ou seriamente preocupados. Mas quando quis falar-lhes das palavras e feitos de seu Rabi, todos guardaram prudente silêncio.

Um dia o Rabi me disse:

"Vens comigo, Judas?"

"Rabi", disse-lhe, "meu coração está em ti, mas me pesa muito deixar meu Rabi Nicodemos."

"Não haverás de deixá-lo."

"Como entender tuas palavras? Vem comigo, dize-me, quando vais partir e, também que não deixarei a meu Rabi Nicodemos? Como pode ser isso?"

"Se pudesses ter um pão e uma água que acabasse com a fome e acalmasse a sede de todos os tempos, guardá-los-ias somente para ti?"

"Tu bens sabes que não."

"Então, Judas, segue-me. Eu sou o caminho, a verdade e a vida. E partirás o pão que eu te dou com teu Rabi Nicodemos, pois quem está em mim, em meu Pai está e o amor de meu Pai habita nele, porque meu Pai e eu somos uma única coisa. Vens comigo, Judas?"

"Vou, Rabi", disse-lhe.

Mas em meu coração houve um pranto amargo, e naquela noite me despedi de meu Rabi Nicodemos. E, ainda que não me dissesse, percebi em seu olhar a ânsia oculta de recordar o fio que corre escondido de geração em geração, e que o Rabi Nazareno dizia que era o Reino dos Céus, e que "esse reino está em vós mesmos".

Capítulo VI

Grandes e formosas coisas nos disse meu Rabi Jesus durante aqueles meses que vivemos com ele, sem outro lar que o amor ao Pai que está nos céus. E junto dele aprendemos aquele que é o mandamento de buscar primeiro o Reino de Deus e sua Justiça, e muito nos foi dado por acréscimo.

Meu Rabi curou enfermos, deu visão a cegos e limpou leprosos.

"Onde está teu poder, Rabi?" perguntei-lhe um dia.

"De mim mesmo nada posso fazer", respondeu-me.

Sua palavra era breve e sua austeridade não era severa. Em algumas coisas, o peso de seus mandamentos era maior que o peso da lei de nossas tradições e em outras era mais leve.

Grandes e belas coisas nos disse debaixo de céus estrelados e debaixo da luz do sol!

Grandes e belas coisas que o homem já tinha esquecido. E havia escribas que anotavam tudo o que ele dizia, mas não anotavam o que ele dizia somente para nós.

Um dia relatou a parábola do traje de bodas, agregando que a quem tem lhe será dado e terá ainda mais e a quem não tem, até o que tem lhe será tirado. Perguntamos como um homem poderia fazer este traje e ele respondeu que havia somente uma resposta a todas estas perguntas:

"Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo."

Este era o mandamento principal, e urgia-nos a cumpri-lo em nossos atos, em nossos pensamentos, em nossos sentimentos, e agregava:

"Se isto não sabeis cumprir, estar-vos-á vedada a vigília da verdadeira oração."

E agregava:

"Velai e orai para que não caiais em tentação."

Muitas vezes, inquietava-nos a dúvida e ele então nos explicava:

"Não podereis velar sem orar e não podereis orar sem velar."

E, quando havíamos escrito a Oração do Senhor, o Pai Nosso, urgiu-nos a desentranhar o significado de cada uma das suas palavras, porque nosso propósito era de Santificar Seu Nome em todas nossas ações no mundo, porque sem esta santificação a lei de Deus seria coisa morta.

"Ao orar, não perdeis o fio secreto de vosso mais íntimo pensamento. E não vos angustieis por vossas necessidades, porque o Pai que está nos céus sabe o que haveremos de precisar, antes mesmo de pedirmos. Pois ELE vos deu também vossas necessidades."

Durante muito tempo permaneceram obscuras estas palavras e entre nós ocorriam freqüentes disputas sobre seu significado e sobre o galardão que haveríamos de encontrar no Reino dos Céus. Mas nosso Rabi lia em nossos corações e costumava dizer-nos:

"Não julgueis para não serem julgados, pois com o juízo com que julgueis, sereis julgados. Tudo quanto vos é dado ver por fora é unicamente um reflexo do que habita em vosso coração e o mundo e os homens são o que sois vós."

Muitas de suas palavras se espargiram entre as pessoas, porque meu Rabi falava e dizia segundo o que lhe perguntavam, mas nem todos podiam entender-lhe. Um dia disse:

"Bem aventurados os mansos, porque eles receberão a terra por herança, e bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados."

Então ocorreu que vieram homens dos fariseus, mas meu Rabi não quis falar com eles e alguns de nós discutimos sobre o significado que eles buscavam nestas palavras²⁴. Mas o significado delas estava oculto no coração de cada qual e o anelo de justiça havia de ser o anelo de ser justo mais que o de receber justiça.

Pelos povoados sempre havia enfermos para curar, possessos para aliviar. E muitas vezes encontrávamos neles escribas de todas as partes do mundo que anotavam com grande zelo as palavras de meu Rabi. Foi então que ele nos disse:

"Guardai-vos da levedura dos fariseus. O reino que vos falo não é deste mundo e eu somente tenho vindo para mostrar-vos o caminho e dar testemunho da verdade."

²⁴ "sobre el significado que ellos buscaban en estas palabras"

Capítulo VII

De noite meu Rabi velava de joelhos enquanto dormíamos. Algumas vezes, levou-me com ele às colinas e contou-me suas aflições, porque sofria, e muitas vezes dizia suspirando como preso de grande dor:

“Grande é a messe, mas faltam ceifadores.”

E me explicou muitas coisas que até então não havia explicado aos outros. E, quando lhe perguntei porque me isolava dos demais, disse-me:

“Eles dormem com o coração tranqüilo, porque encontraram parte do que buscavam, mas tu, Judas, não tens encontrado a tua e teu cálice será amargo de beber, mas tua glória será grande nos céus. Eis que se desabará sobre todos nós uma grande tormenta e haverá inquietudes nos corações tranqüilos, mas o teu será sacudido em sua solidão e encontrarás paz somente no gozo do Senhor quando se tenha cumprido a lei. E quando tudo tenha passado, ressoarão minhas palavras, no final dos séculos, pois tudo passará, mas elas não passarão.”

Estas obscuras palavras de meu Rabi produziram em mim longas noites de agonia, pois, através delas, eu começava também a entrever o destino. Foi pouco tempo depois que anunciou a todos:

Não vos tenho escolhido eu a vós, e um de vós é o diabo?

Capítulo VIII

Todos anelávamos ver-nos livres do julgo da Roma Imperial, mas meu Rabi nos falou de um julgo pior que o de Roma, a opressão das trevas de fora onde sempre há choro e ranger de dentes, e acrescentou que poucos eram os que podiam levar²⁵ estas palavras.

Nosso Rabi não tirava palavras da Torah, senão de seu próprio coração, e passou um tempo antes que eu pudesse entender porque ele nos dizia os mandamentos da lei e acrescentava: "Mas eu vos digo". Com isso supria aquilo que faltava nas palavras da Torah e todos os dias produzia em nós o entendimento vivo, feito sangue e convertido em carne em nós. E numa oportunidade nos disse que a letra das escrituras era coisa morta, como o era a filosofia dos escribas gregos que costumavam visitar-nos e ouvir a meu Rabi, e que só tinha vida quando o homem ia da morte à vida, por amor. Os doutores da Lei e os escribas ajustavam tudo à Torah e eis que seus corações estavam secos e apergaminhados como o papel em que estavam impressas as suas escrituras. E por esse motivo chegou o dia em que muitos deles começaram a murmurar dizendo que meu Rabi andava por caminhos de pecado. E até o coração dos doze que o seguíamos se turvou mais de uma vez.

Meu Rabi nos dizia também do gradual ir de vigília em vigília, sempre orando no secreto de um coração ardente, porque este despertar gradual precedia à morte do efêmero, sem o qual não há vida eterna possível. Dizia-nos que sem essa morte não há nem amor nem regeneração. E falava também daquilo que havia dito Moisés aos nossos pais, daquilo que nos era inacessível, que é o Reino de Deus, e que está à flor da pele, ao mesmo tempo que dentro da pele, até no mais oculto dos ossos e em todas as nossas entranhas, mas principalmente, em nosso coração e em nossa boca.

E na verdade, tão perto está de nós que talvez por isso mesmo não o possamos perceber.

Mas eu o encontrei e soube que *era*.

E quando assim ocorreu, caí prostrado aos pés de meu Rabi e lhe disse:

"Rabi, Rabi, louvado seja teu nome pelos séculos dos séculos."

E ele respondeu:

"Judas, jamais o esqueças e assim ocorrerá que com o tempo o homem também poderá entendê-lo e o saberá e o viverá, pois lhe será dado penetrar no sentido de que EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA."

E olhando-me nos olhos, disse-me com uma voz profunda:

²⁵ "llevar"

"Eis aqui que tenho convertido água em vinho. Mas virá a hora em que o diabo converterá o vinho em vinagre."

E jamais esqueci estas palavras. Por isso é que agora posso escrevê-las em teu coração com letras de fogo, para que a ti te seja dado saber e conhecer como Deus está no céu, na terra e em todo lugar e como o homem pode estar com Deus no coração.

E aquilo que era o mais íntimo de mim mesmo, e mais real ainda que meu próprio nome, não era só meu corpo; era e não era; meu corpo não era senão a morte na qual o amor despertava à vida. E de meu próprio corpo devia partir no caminho do regresso. Assim também as pedras no deserto, como tudo no Universo, estavam impregnadas de Deus pelo Verbo, mas para o homem nem tudo era Deus, ainda que Deus seja tudo.

De modo que quando nosso Rabi nos disse que se nosso amor por Deus nos trouxesse padecimentos e lágrimas na terra, sinal era de que o oposto, o céu, encontrava-se muito próximo de nós, e que isso seria nossa consolação, pois todo aquele que chora sempre tem consolo, segundo seja o que motiva suas lágrimas.

E assim pudemos entender a parábola do Filho Pródigo, pois todos nós começamos a sê-lo. A partir deste dia compreendi e venerei a Maria, a prostituta de Madalena, e ao publicano Levi, pois era evidente que neles também a morte despertava à vida por amor, assim como a João, seu amor por meu Rabi o havia livrado de caminhar por nosso vale de lágrimas.

E em nossos corações houve grande regozijo.

Mas no fundo do meu peito continuava ardendo uma secreta inquietude e grande era o meu anelo de dar do que era meu para meu Rabi Nicodemos e aos demais anciões do Sanedhrin.

Assim também compreendi que as medidas de uma vigília não podem ser as mesmas que as de outra. Porque na vigília o ser verdadeiro cresce e cresce, e transforma-se até que o prazer e a dor deixem de ter realidade e converta-se somente em formas agudas de uma mesma substância. E no homem há seis modos de vigília, seis maneiras de obrar. Umas são obras do Pai, outras são obras do Filho, outras do Espírito Santo e também há as de Satanás, e em todas elas se encontra a vida, o amor e a morte.

E soube que quem desperta no caminho da regeneração vai de uma a outra vigília e assim compreende que de nada vale ao homem ganhar a terra se com isso vir a perder sua alma. E que Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra, para ele deu potestade à Comunhão dos Santos por seu Espírito Santo, para o perdão e a remissão dos pecados e para que os pecadores levem também em si a vida eterna na eterna vigília, amém.

E assim como a alma vai se forjando pouco a pouco de uma vigília à outra, assim também as forças que a integram vão se perdendo pouco a pouco para aquele que esquece o Espírito Santo. Nada se ganha de uma só vez, nada se perde de uma só vez. Tudo depende de como o homem anda na infinita ronda na qual Deus existe indo da vida, por amor, à morte e como o homem sabe de sua existência indo da morte, por amor, à vida.

Por isso é que meu Rabi falava em termos de comércio e dizia 'ganhar' e 'perder', porque para tudo há que se pagar um preço, e quando se paga, sabe-se o que é aquilo que é o infinito e que anda e anda na eternidade.

Também dizia que somente podem sanar-se aqueles que sabem que são enfermos.

E quando as multidões de mendigos, enfermos e pobres lhe assediavam, ele costumava dizer: "Olha esta geração e nela veja como se tem escravizado à sua própria cegueira. Amam suas dores e amam seus males. Dizem-me: 'Dá-me, dá-me, dá-me', sem sequer atrever-se a suspeitar que, aquilo que me pedem, levam-no em si mesmos e por direito próprio. Mas só sabem pedir, não sabem receber. E são avaros, todavia nenhum deles é culpado da sua sorte. Mas vós que vês, guardai-vos muito de confiar no que não emane de vosso próprio coração, que em meu caminho unicamente anda quem queira dar. A estes outros, enquanto lhes der me seguirão. Mas se lhes dissesse: 'Despertai para que aprendeis a dar', lapidar-me-iam. E dia virá em que me lapidarão."

E afastava-se da multidão, mas seu coração permanecia com os pobres, ainda que também tinha algo que dizer deles:

"Quanto pecado e quanta iniquidade há naqueles que fazem da pobreza um meio e evitam a senda da alegria. Por isso eu vos digo hoje: poucos são os verdadeiramente pobres, miseráveis são muitos. E tão miserável é aquele que se revolve no lodo de sua riqueza, como quem se regozija no lodo de sua pobreza. Porque o pobre que faz da sua pobreza uma profissão é um ladrão que rouba o amor que habita no coração piedoso. Um verdadeiro pobre é grato ao coração de Deus e se fará rico, pois se livrará até do desejo da pobreza. E haverá muitos ricos a quem lhes serão abertas as portas do céu porque não se revolvem em seu lodo, e haverá muitos pobres que serão lançados ao inferno, aí onde há choro e ranger de dentes."

Estas estranhas palavras sacudiram nossos corações, mas nosso Rabi nos disse ainda mais:

"O que o homem tem não é do homem, senão de Deus. E a Graça de Deus chega aos homens pela Comunhão dos Santos, as sete potestades que estão à direita do Pai. E uma delas escraviza ao homem, afastando-o de sua vigília íntima e é a tentação cuja origem sempre é o esquecimento do santo e sagrado. Por isso muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Aqueles que escolhem a recordação da íntima divindade, esses serão os eleitos, pois para eles o juízo do Filho não será prejudicial."

Capítulo IX

O destino do homem advinha mais claro em meu entendimento. E, numa noite, numa solitária colina, enquanto os onze dormiam, aproximei-me de meu Rabi para que me dissesse o sentido de suas palavras quando anunciou que haveria tribulações em mim.

"Não temas, Judas", disse-me. "Tu também me acompanharás e ajudarás no caminho da regeneração para que outros também sejam salvos. Eles", disse estendendo sua mão para os onze que dormiam, "encontraram sua alma e há paz em seus corações. Tu, ao contrário, haverás de perder a tua antes de encontrá-la. Ainda não podes levar o sentido de minhas palavras, mas eu te prometo que um dia compreenderás e então também haverá paz em teu coração e tua tarefa não será tão difícil."

Essa noite meu Rabi me abençoou de uma maneira estranha.

Perguntei-lhe se profetizava o mesmo para todos, e ele respondeu:

"Não, Judas, porque meu reino não é deste mundo. Se fosse, faz tempo que sobre minha fronte levaria uma coroa ainda mais esplêndida que a de Salomão. Mas tu me verás coroado como o mundo corôa a todo Filho do Homem. Chorarás esse dia, mas teu caudal de lágrimas será como uma corrente oculta nas profundezas das águas dos rios, e que conduz a uma fonte mais além dos cumes das montanhas, em vez de conduzir ao mar. Por essa corrente vives e por essa corrente servirás para que outros remontem também o rio dos destinos."

A inquietude que me produzira estas palavras foi um impulso que me lançou a insondáveis abismos, e novamente senti aquilo que havia sentido com as palavras de meu Rabi Nicodemos, aquele vagar perdido como uma criança que chora quando fica abandonada e sem peito materno do qual recebe vida e amor. Meu Rabi me observava em silêncio, e havia grande ternura em seu coração, e me disse:

"Logo terás de voltar armado de espada para o mundo dos homens. Irás como um recém nascido, mas não temas o juízo dos homens, porque tua vida será a vida do Pai que levanta aos mortos. E recorda que o Pai a ninguém julga, mas deu todo juízo ao Filho. Tampouco temas aos que matam o corpo, mas teme a quem pode destruir a alma."

Recordei então a meu Rabi Nicodemos e suas aflições, e fiquei pensando por um instante nele em suas palavras que já fazia muito tempo²⁶, e disse:

²⁶ "de hacia ya mucho tiempo"

"Rabi, Rabi, tende piedade de mim, o mais aflito de todos os seus discípulos. Assim como o Pai dá vida e levanta aos mortos, e assim como também o Filho aos que quer dá vida, assim te declaro a ti, neste instante, Filho de Deus, o Cristo vivo, e suplico-te dês vida e acalmes a agonia de meu Rabi Nicodemos."

Guardei silêncio e meu Rabi também.

*

*

*

Então uma grande luz, como jamais o homem poderá imaginar, envolveu-nos, aos dois.

E ouvi grandes palavras de verdade faladas no Reino dos Céus.

E me prostrei aos pés de meu Rabi, e exclamei:

"Já sei quem és!"

*

*

*

Mas meu Rabi pôs sua mão sobre meus lábios, olhou-me ternamente e me disse:

"Judas, bem amado de meu coração. O que tens visto, cala-o ainda, porque minha hora não há chegado. E é preciso que se cumpra o destino, e tu me ajudarás nele."

E me disse muitas, belas e formosas, palavras de verdade, sem pronunciá-las; e todas se gravaram em meu coração."

Depois, falando com a boca, disse-me:

"Não temas por Nicodemos. A ti te foi dado conhecer coisas do céu que Nicodemos ainda não pode levar. Porque não trago paz, Judas, senão espada. E quem de mim recebe a espada e faz guerra em si mesmo, esse será salvo porque velará. Não há inimigos da vida, só há inimigos do homem. E assim será também salvo Nicodemos, quando tenha a espada e não haja necessidade dela. Assim é contigo. Então tu acalmarás as águas e declararás aquilo que o Pai ponha em tua boca nesse instante, pois não serás tu quem fala, senão o Espírito do Pai que falará em ti."

E compreendi o que o meu Rabi queria.

E houve também lume e luz em meu coração, e soube que eu também tinha que dar a espada, e que a espada dá guerra ao que está em paz, mas dava paz a quem estava em guerra.

E louvei ao Pai que está nos céus, e a seu Filho Unigênito, que era meu Rabi Jesus.

Então ele me disse:

"Judas, sê ingênuo como a pomba e prudente como a serpente."

Mas minha espada não era como a de meu Rabi; eis que em vez de cortar as amarras com que os pés dos homens se agarram às trevas de fora, a minha haveria de cercear o fio com que a alma se sujeita à luz.

E elevando os olhos para o meu Rabi assim lhe disse. E vi em seu rosto duas lágrimas que brotaram de seus olhos, e então me beijou com amor e me disse:

"Judas, eis aqui que te chamo meu amigo, mas o mundo dificilmente compreenderá que o és em espírito e em verdade. Mas há chegado a hora em que te lave os pés, pois aquilo que é necessário que cumpras muito rápido, de dois modos se faz: sabendo-o tudo e porque, ou ignorando o serviço. E o homem sempre preferirá ignorar a verdade e verá somente um aspecto de Deus, e em seu extravio crerá que o tem conhecido totalmente. Mas tu e eu cumpriremos agora como é preciso que se cumpra toda a justiça do Pai. Bem-aventurado quem possa entender o que agora habita em seu coração, Judas."

De meus lábios brotou o reflexo de luz que ali havia, e respondi:

"Bem-aventurado tu, meu Rabi, filho de Deus. Porque tu és o 'sim', aí onde eu serei o 'não' para o homem. Eis que te vejo como a luz que dissipa as trevas e serei teu reflexo nas mesmas trevas, para que saibam os homens que caminho seguir, que caminho evitar, na alma à luz de teu amor, de onde brota a chama do fogo de meu zelo."

Meu Rabi me olhou novamente e me disse:

"Em virtude de teu zelo muitos poderão compreender que eu sou o caminho, a verdade e a vida e não me rechaçarão."

Novamente sua graça voltou a iluminar meu entendimento e acrescentei:

"Mas eu sou o deserto, a ilusão e a morte, e muitos a mim virão."

*

*

*

E uma vez mais nos envolveu a luz, e nela conheci o terrível mistério oculto nas palavras tão amiúde ditas por meu Rabi:

"O Pai a ninguém julga, mas deu todo o juízo ao filho."

E tremi de terror.

*

*

*

Pois o homem sabe isto mesmo em sua ignorância, e por isso havia descido a nós nosso Rabi Jesus, para indicar-nos o caminho, a verdade e a vida.

Porque no coração humano jamais surge uma inquietude a menos que a consolação esteja pronta, e não há anelo que não esteja florescido antes mesmo de nascer.

E neste instante se formulou em meu coração o voto de amor para o homem do mundo. E entendi minha missão, aquela que a Graça de Deus me indicava no amor para meu Rabi e que meu Rabi havia semeado em meu peito. E quando minha alma se abateu e de meus olhos brotaram abundantes lágrimas, olhei para seus olhos e assim lhe supliquei:

"Rabi, Rabi de meu coração. Eis que vejo chegar a noite e como haverei de perder-me nas trevas para que o homem seja salvo. Afasta de mim este cálice se assim é tua vontade e a de nosso Pai que está nos céus e ajuda-me a suportar a agonia que me espera."

Minhas palavras se afogaram no desespero que sentia. E ao elevar novamente meus olhos para ele, vi-o chorando em silêncio, mas com amargura. Pois em seu

coração havia mais dor que no meu. Depois de um instante, na solidão da noite, suas palavras brotaram como um murmúrio cujo consolo aninhou-se em mim até que se fez a noite de minha alma e chegaram a ela as trevas. Disse-me:

"Judas, eis que em nome do Pai te prometo que nesse momento retirarei o agulhão da dor em tua inteligência e somente te iluminará o fogo do teu zelo. Para que em virtude dele te seja passado o cálice da agonia que haverás de sentir quando chegue nossa hora. E no mais recôndito de ti mesmo saberás que nem mesmo o Pai te julgará e que meu juízo será juízo e não condenação. Pois o que é preciso que faças, haverás de fazer por mim e pela vida do homem."

Compreendi então que meu Rabi e eu estávamos unidos na eternidade. Que onde quer que ele fosse, ali estaria eu também. Eu nele e ele em mim. Porque até então havia falado sempre de sua hora, e eis que nesta ocasião dizia nossa hora.

E assim foi, assim é, e assim sempre será para quem não tenha olhos nem ouvidos.

E por isso ele acrescentou:

"Mas ainda corre o tempo, e nele nossa existência."

Quisera eu agora iluminar em teu coração a verdade dos fatos, pois não foi minha vontade senão a do Pai e de meu Rabi a que se fez naquela fatídica noite. E foi por isso também que nos dias da Páscoa se urdiu a trama de tal modo que a luz de meu zelo minguou e só ficou brilhando o fogo. Mas nem tudo foi manifesto e ainda não o é completamente. Para mim as trevas que haviam de ser chegaram no mesmo momento em que meu Rabi, compadecido de minha dor, molhou o bocado do esquecimento.

Pois assim como o homem precisa da luz de meu Rabi para orientar seu caminho ao Pai, assim também precisa da luz de meu zelo para não se ferir nas escarpas do deserto. Porque é meu Rabi que ilumina o caminho que leva à plenitude de Deus, e eu quem o ilumina na aridez, na qual gira e gira na eterna roda de ilusões, quando unicamente lhe arrasta seu zelo. Bem aventurado quem possa seguir meu Rabi sem ouvir a minha voz; bem-aventurado quem escuta minha voz e nela reconheça também a meu Rabi, porque somente assim poderá entender que não é possível servir a Mamom com a Graça de Deus.

A luz de meu Rabi havia-me feito compreender que, quando há luz e lume no coração do homem, ser-lhe-á advertido que há caminho porque há deserto, que há verdade devido à ilusão, e vida em virtude da morte. Pois sendo criatura de Deus, semelhante é a Deus. Mas unicamente há caminho para quem sabe que está no deserto, e verdade para quem sofre a ilusão. Assim também há vida para quem reconhece a morte em si mesmo e morre e renasce na sua íntima vigília, orando. Eis que o homem sente a aridez do deserto pela graça do caminho e reconhece a ilusão à luz da verdade, pois se o homem não conhecesse a luz desde o começo dos tempos, como haveria de reconhecer as trevas?

E porque era sua luz a qual me permitia ver, meu Rabi sabia de meu entendimento e me disse essa noite:

"Todavia hás de ver mais, Judas."

Capítulo X

Epela terceira vez nos envolveu a luz.
E nela meu Rabi conduziu meu entendimento aos pés do nosso Pai que está nos céus.

E vi sentar-se à direita de Deus.

E eu fiquei à esquerda.

Mas o Pai, meu Rabi e eu fomos uma só coisa nesse instante.

*

*

*

E, ante meus olhos, desenrolou-se a vida multiplicando-se nos feitos de meu Rabi, pois junto a toda vida brilhava mais plena a vida do homem. E nessa plenitude os feitos de meu Rabi viriam a ser os atos de muitos homens; também os meus atos já estavam multiplicados.

E assim como esta era a trama oculta de todo o mundo, assim também era a trama oculta na vida do homem em si mesmo.

No homem, como no mundo inteiro, todo o princípio do Pai no coração humano estava precedido da voz da consciência, a voz do anelo do Bem. E essa era a voz de João Batista que endireitava os caminhos do Senhor. E tinha discípulos no mundo e no homem; uns ouviam e outros não podiam fazê-lo. E assim como João Batista refletia e anunciava uma luz maior, assim também havia sido e sempre será o nascimento do caminho, da verdade e da vida no homem. Porque meu Rabi era nascido de uma parenta do Batista. Do mesmo sangue eram os dois. E eu, nascido nas longínquas terras de Kariot, nascido de outro sangue era.

Tudo quanto vinha à luz de meu entendimento, multiplicava-se em milhões de formas distintas, mas era unicamente a vida do Pai urgindo para que o homem também tivesse uma compreensão dela.

E esta compreensão surgia da contemplação dos fatos em si mesmo, pelo homem e no homem. Pois em seus primeiros tempos, aquele que é o Salvador do homem há de fugir da ira de Herodes e permanecer oculto durante seu crescimento. Pois todo ser humano leva um Herodes em si, como também um Batista e um Jesus. E todo o homem sofre também a invasão de um opressor alheio a Israel, mas há de buscar o embrião de sua dor em Israel mesmo, em si. E verá aos fariseus, aos saduceus e as legiões de coxos, cegos, leprosos e mendigos estendendo a mão em busca de compaixão. E terá um publicano como Levi, uma prostituta como Madalena, e um

Pedro, e um João. Também um Pilatos e a mim, Judas, o que lhe há de vender ao mundo.

“Judas, contempla o mundo”, disse-me meu Rabi, “pois é a vida de Deus e nela não há nada morto, nada pode morrer. Tudo quanto é vida, é Deus, e toda vida descende para logo ascender. Deus, o Pai que está nos céus, leva tudo em si mesmo, mas não existe somente para o homem senão que está ‘em’ e é tudo quanto ‘é’. Mas somente ao homem lhe é dado desfrutar da compreensão de sua realidade. E, quando seu entendimento se abre ao Verbo, advém o Filho de Deus, pois para o homem no princípio é o Verbo e o Verbo é com Deus e é Deus. E a ti te digo agora, aconteça o que acontecer e faças o que fizeres, no amor do Pai serás, pois agora sabes como santificar seu nome. E ainda que acreditasses um dia haver amaldiçoado seu Espírito Santo, não será tua a culpa pois uma potestade superior a ti te abrasará em seu fogo e esquecerás a luz. Tal é teu voto para que assim se cumpra toda justiça. Pois eu hei de morrer, descer aos infernos e ao terceiro dia ressuscitar dentre os mortos, pois o Pai me tem dado vida para que tenha vida em mim mesmo e em virtude dessa vida do Pai tudo há de ascender comigo como é necessário que tudo ascenda à plenitude de Deus”.

Capítulo XI

Assim ficou urdido o destino do homem por muito tempo. E nesse urdimento todos fomos um fio que se multiplicou infinitas vezes no tempo.

Ocorreu que um dia chegaram "*certos gregos*" que também queriam subir a Jerusalém para adorar na festa. E falaram com Felipe e Felipe falou com André e dirigiram-se a meu Rabi.

E meu Rabi e os gregos falaram em secreto. E depois meu Rabi reuniu a todos para nos anunciar:

"A Hora vem em que o filho de Deus será glorificado."

E olhando-me nos olhos acendeu a recordação da nossa noite no monte e acrescentou:

"De certo, de certo vos digo que se o grão de trigo não cai na terra e morre, ele só cai; mas se morre, muito fruto dará."

Estas palavras ecoaram em meu coração e no meu entendimento, também adverti que assim como o grão de trigo produz muito fruto, se morre em boa terra, assim também a cizânia muito fruto daria na mesma terra que o trigo. Pois a luz e o fogo juntos se vêm e a chama do zelo pode ser lume e brasa. Mas meu Rabi que lia em meu coração, elevou a voz e disse mais:

"O que ama a sua vida, perdê-la-á e o que aborrece sua vida neste mundo, para a vida eterna, a guardá-la-á. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também meu servidor."

Guardou silêncio por um instante, e olhando a todos nos olhos nos disse sem palavras o que cada um havia de entender e fazer. E pousando seu olhar em mim, acalmou a agitação de meu peito, dizendo:

"Se alguém me servir, meu Pai o honrará."

"Agora estava turbada a minha alma. E o que direi? Pai, salva-me desta hora. Mas por isso tenho vindo nesta hora."

E novamente pude entender a que hora se referia meu Rabi, pois seu tempo não era somente o tempo de Israel nesses dias, senão o tempo que havia de multiplicar-se para a glória de Deus. E, nesta multiplicação, o que era agora um e divino em meu Rabi, chegaria a ser muitos, igualmente divinos, na glória de Deus e pela graça do Espírito

Santo. E, nesta graça, meu Rabi exclamou com voz de trovão que ainda agora ressoam no mais profundo da consciência de todo ser humano:

"Pai: glorifica teu nome!"

Então todos nos pusemos de joelhos diante dele. E a luz se fez em todos e a voz do céu falou no coração de cada um vibrando com a emoção que meu Rabi nos inflamava. E todos pudemos ouvir a voz do céu:

"Eu o tenho glorificado e o glorificarei outra vez."

E esta voz soa e ressoa e também se multiplica como antes havia se multiplicado em outras formas e seguirá multiplicando-se pelos séculos dos séculos. E nesta multiplicação, ocorrerá a chegada de muitas horas de luz, unicamente quando a hora das trevas oprima o coração do homem.

A 'multidão' disse que era a voz de um anjo, mas meu Rabi estendendo a mão sobre todos, disse-nos:

"Esta voz não tem vindo por minha causa, mas por vossa causa."

E o milagre foi feito para sua multiplicação, assim como meu Rabi havia multiplicado uma vez os pães e os peixes. Pães para os famintos e peixes para aqueles que havendo provado o pão faziam votos de pescadores a fim de glorificar a Deus.

E meu Rabi novamente nos disse:

"Agora é o juízo deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado fora."

E em virtude do milagre que já havia se produzido fora do mundo, anunciou-nos sua promessa para todos os tempos.

"E se eu for levantado da terra, a todos trarei a mim mesmo."

Com isso nosso Rabi nos ensinou o milagre de toda multiplicação.

E cada um de nós sentiu o peso e ao mesmo tempo a glória da Lei e a Graça de Deus. E cada um soube o que precisaria fazer, pois cada um, ao seguir meu Rabi, levava também a muitos em si mesmo. Porém unicamente andariam com Ele os que quisessem fazê-lo.

Capítulo XII

Foi então que meu Rabi mandou-me antes que ele a Jerusalém, advertindo-me: "Judas, não temas aos que matam o corpo, mas sim aos que podem matar a alma." Jerusalém fervia de rumores. E minha aparência não era mais a mesma de antes, pois eu havia deixado de ser um fariseu. Por isso meus antigos amigos não me reconheciam nem nas ruas nem nos templos. Mas Nicodemos me reconheceu e falamos sobre meu Rabi.

Nicodemos estava inquieto pela efervescência política que havia na cidade. Herodes e os seus, como também os zelotes, esperavam a entrada de meu Rabi na Páscoa para incendiar a revolta contra Roma. Mas eu expliquei a Nicodemos o que meu Rabi havia me explicado, que seu reino não é deste mundo.

Um centurião romano, amigo de Nicodemos, suspeitava de meu Rabi e me interrogou com grave zelo, pois queria orientar a conduta do procurador Pilatos. Expliquei-lhe que meu Rabi ensinava a adorar o Pai que está nos céus e não a César, e ainda que o César romano fosse, também, obra do mesmo Pai, o Deus de Israel era o único Deus Verdadeiro. O centurião riu de minhas palavras, mas eu o deixei em paz. Pois o meu Rabi nos havia ensinado a não julgar, e, no milagre da glorificação do Pai para todos os tempos, preciso era que sua luz caísse por igual sobre justos e pecadores.

Mas meu Rabi Nicodemos não compreendia a justiça do Pai, somente a justiça da Lei. Mas queria compreender, pois em seu coração o presságio era forte e o desejo de servir ao Senhor, poderoso. Por isso me pediu que o ensinasse o batismo com o fogo do Espírito Santo.

E, recordando a luz de meu Rabi, disse-lhe:

"Nicodemos, irmão. O Espírito Santo é santo porque é invisível, inaudível e impalpável fora do coração humano. Mas há a quem chega como um perfume e para outros com o sabor do leite e do mel que comeram nossos pais, aqueles que sabiam qual era a terra prometida aos judeus. Por isso, ao Espírito Santo não se pode comunicar com palavras deste mundo. Pois é imaculado e, enquanto toca as coisas deste mundo, recebe mácula. Por isso meu Rabi insiste em dizer-nos: "Bem-aventurados os de coração puro, pois eles verão a Deus". Poderia ser de outra maneira, Nicodemos? Até no entendimento de todo o pecador brilha a luz, mas nem todos os pecadores sabem que são pecadores e por isso nem todos ousam voltar o rosto para ela. Pois não há luz nem fogo do Espírito Santo para quem não sofre as trevas. E um coração puro há de estar vazio e limpo de tudo, salvo do anelo de Deus que Deus mesmo semeou em nossos primeiros pais. Mais é a luz que a chama, mas a chispa não é menos que a luz.

Nicodemos pensou um instante em sua confusão.

"É necessário que a Lei seja guardada pelos anciões de Israel. Como, pois, teu Rabi pretende que se semeie no coração das multidões?" disse-me.

E eu lhe respondi:

"A Lei chega aos homens pela graça de Deus, pois antes que o mundo fora, o Pai é. Assim como meu Rabi. Antes que Abraão fosse, ele é."

"Blasfemas, Judas", exclamou Nicodemos.

"Que a paz do Senhor seja contigo, Nicodemos."

"E com teu espírito."

E tive de afastar-me de Nicodemos, mas sabia que a luz aumentaria em seu entendimento, pois, ainda que o Grande Sacerdote também se inquietasse pelos feitos de meu Rabi, em todos ardia a esperança da liberação.

Quando cheguei ao pátio do Templo encontrei Caifás. Sabendo-me discípulo do Cristo também me interrogou:

"Quiséramos obrar com prudência, Judas", disse-me. "Mas devemos guardar o zelo da tradição para que o povo não se perca."

"Meu Rabi não tem vindo para ab-rogar a Lei ou os profetas, mas tem vindo a dar-lhes cumprimento."

A ira apareceu em seu rosto, e nela vi um reflexo daquela visão na qual todo o milagre já existia e se multiplicava. Vi nesse instante como o rosto de Caifás e mesmo seus pensamentos e seus sentimentos também se multiplicavam nos tempos que haveriam de vir.

"Pretendes acaso que não damos cumprimento à Lei?"

"Meu Rabi tem dito que nem todo aquele que clame 'Senhor, Senhor' verá o reino dos céus, senão aquele que faça a vontade do Pai que está nos céus."

"E como haveremos de conhecer essa vontade a menos que interpretemos a Lei de Moisés?"

"Aspirando a graça de meu Rabi Jesus."

E também me afastei dele.

Naquela noite, inquieto, velava orando como nos havia ensinado nosso Rabi Jesus; e no meio de minhas orações ouvi sua voz vibrando dentro de meu peito:

"Jerusalém, Jerusalém! Que tendo olhos não vê e ouvidos não ouve. E toda a palavra do profeta é lapidada em ti. E assim é com o homem em seu minguado entendimento. Um dia gritará "Hosana!" e ao seguinte: "Crucifica-o!" e em tudo isso há verdade, e assim há de ser. Porque na lapidação também há justiça. Pois as pedras se transformam em pão e o pão em Espírito Santo quando se cumpre com a vontade de Deus. Turvo é o meu falar, mas não é turvo meu dizer, que a luz brilhe no coração do homem para que possa abrir seu entendimento."

Em minha agonia recebi consolo, pois vi que parte do homem era Jerusalém na multiplicação milagrosa que já bem conhecia. E como havia nela uma luta secreta entre o procurador do invasor estranho e os guardiões da Lei de Deus, e como na impiedosa guerra surda entre ambos surgia a dor das multidões de seres que deles dependiam, e como, porque ambos o ignoravam, havia dor e miséria em Israel.

Soube nesse momento que meu Rabi entraria em Jerusalém.

E assim foi.

E poucos dias depois entrou montado à garupa de um jumento e não sobre um corcel. Em tom de paz e de humildade vinha e não em tom de batalha. Pois era necessário que o homem fosse salvo e unicamente podia ser salvo não gerando violência, mas deixando-se ver somente por aqueles que tem olhos e ouvidos para ver e ouvir.

*

*

*

Anás, Caifás, o centurião romano que falava por Pilatos e vários fariseus discutiram três noites antes da festa da Páscoa. Nicodemos se opôs à violência que buscava Caifás e mandou me chamar.

E, quando se retirou junto com o centurião romano, fiquei a sós com Caifás e Anás.

"Que propósito move a teu Rabi, Judas?" disseram-me.

"Que o homem conheça a verdade e seja livre", respondi.

Ambos sorriram, sem ocultar seu desprezo.

"É necessário prendê-lo", comentou Anás.

Meu coração palpitou cheio de angústia, pois senti o poder de meu Rabi urgindo-me a falar.

"Eu vos posso dizer onde achareis ao Cristo", anunciei.

E ambos me olharam com assombro. E nesse instante compreendi como a Graça de Deus também obrara em seu entendimento, pois, mais que a meu Rabi, eles queriam ao Cristo. E assim combinamos uma entrevista para a noite seguinte.

E o comuniquei a Nicodemos. E Nicodemos compreendeu, porém seus olhos se encheram de lágrimas, e nelas vi sua compaixão por mim.

Sete dias antes da chegada de meu Rabi a Jerusalém dormi em Bethânia, na casa de Lázaro, o ressuscitado e comungamos juntos com Marta e Maria. E nessa comunhão chegou a nós, novamente, a palavra de consolo de nosso Rabi, dizendo a cada um no recôndito do próprio coração:

"Cegou os olhos²⁷ deles e endureceu seus corações; para que não vejam com os olhos e entendam de coração, e convertam-se, e eu os cure."

Então soube que a multiplicação repetia a alma das coisas, pois estas eram palavras de Isaías. E compreendi como os príncipes dos fariseus também anelavam e

²⁷N.T. "No texto original está escrito 'oído', entretanto faz menção às palavras de Isaías onde encontramos 'olhos' (João Cap.13.40)"

acreditavam em meu Rabi Jesus sabendo que ele era o Cristo Vivo, mas temiam a ira dos donos da sinagoga porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

E tudo era como devia ser.

Pois novamente nos falou a palavra do Cristo no coração e repetiu:

"Se o grão de trigo não cai na terra e morre, ele só cai; mas se morre, muito fruto dará."

E todos sabíamos que a vida do Senhor estava nas mãos de nosso Rabi, o qual havia vindo a semear para todos os tempos que viriam, como antes dele haviam semeado nossos pais com a Lei e os profetas. Mas este fruto, fruto novo era. Porém nem todos podiam entender esta palavra.

Capítulo XIII

No dia seguinte, seis dias antes da Páscoa, meu Rabi chegou a Bethânia. E os seis dias sucederam repletos de emoção e de vida. Cada dia marcou seu tempo na multiplicação dos feitos, até o final.

E nosso Rabi nos amou a todos, até o fim.

No quinto dia, de noite, levou-nos com ele a sua ceia.

E nos disse:

"Hoje é o quinto dia antes da Páscoa. E na Páscoa meu Pai será glorificado."

E nos lavou os pés.

Mas nem todos ficaram limpos.

E no silêncio que seguiu as suas palavras, quando havia inquietude em todos, meu Rabi disse:

"Não falo de todos vós; eu sei os que tenho escolhido. O que come pão comigo levantou contra mim seu calcanhar. Desde agora vos digo, para que quando se fizer, creais que eu sou. De certo vos digo: o que recebe ao que eu enviar, a mim recebe; o que a mim recebe, recebe a quem me enviou."

Logo, em meio à inquietude de todos, ao perguntar-lhe João quem havia de entregá-lo, anunciou:

"Aquele a quem eu der o pão molhado."

E, estendendo a mão com o pão molhado, ofereceu-me, e eu o recebi. E seus olhos me olharam cheios de compaixão e os meus estavam banhados em lágrimas, pois minha alma estremecia de terror. E nesse instante meu Rabi me olhou e em seu olhar colocou a memória daquela noite no monte quando havia me levado à esquerda de nosso Pai que está nos céus.

E compadecendo-se, disse-me:

"O que fazes, faze-o depressa."

E traguei o bocado...

E quando o traguei, a multiplicação de meus feitos ficou para todos os tempos.

E o tempo urdido nessa noite por meu Rabi Jesus tem chegado a seu fim, porque assim é necessário para a glorificação do Pai que está nos céus.

Ao comer o pão molhado nessa noite, senti cair sobre mim a barreira do tempo, e o Eterno, a plenitude de Deus que eu havia conhecido no amor de meu Rabi, não passou mais em meu coração. Meu entendimento se nublou e me vi prostrado de joelhos ante a morte e temendo, porque as trevas se estendiam no tempo até que a opressão que o homem sofre em sua queda lhe fizesse novamente clamar e mendigar a luz.

E Satanás falou em meu sangue com palavras de fogo:

"Esqueça a luz que partiu."

E comecei a sentir a transformação.

Então senti que não era mais o dono de meu ser, senão o escravo do que me sucedeu, e caíram sobre minha mente as trevas da terra. E o que eram os reflexos do ser de luz, iluminaram nelas com multiplicidade de sombras, e era uma gama oscilante de cores, porém em nenhuma havia a brancura original.

E caí no esquecimento de meu próprio Rabi e já não estava mais nele.

E, todavia, sua luz caiu ardendo em minhas trevas, mas não podia vê-la.

Então os olhos de meu Rabi me olharam e por um instante senti sua piedade em meu próprio coração, mas logo ela se converteu em ira e despeito, pois com o pão molhado havia se diluído toda a plenitude que ele mesmo me havia dado.

Acreditei então na morte.

E minha amargura se converteu em minha força.

E obrei. Mas não obrei de mim mesmo, pois toda a potestade me havia sido tirada para que aquele que tenha olhos veja, e que tenha ouvidos ouça. Pois nestas minhas palavras não há uma sílaba que não diga algo, nem um verbo que não indique um tempo.

Mas nada do meu Rabi é do tempo e suas palavras se repetem agora, como em todos os tempos: "Meu reino não é deste mundo".

E de mim mesmo agrego: "Este mundo está no reino, mas não como estou eu. Que, o que do mundo pudesse ser do reino, suspenso está, pendurado de um galho, carente de plenitude, sem que o cérebro e o coração toquem o céu, e sem que os pés fendam a terra."

*

*

*

Homem de linhagem Maya: em treze partes, contei o que sei sobre Judas. Até a nona caminhou unido pelo amor de Jesus, quem lhe lavou os pés, mas não ficou limpo de tudo, porque na segunda ronda do nove vendeu o Cristo vivo ao mundo e se cumpriu a Escritura.

Pois quando Judas chegou com uma companhia e os ministros dos pontífices e dos Fariseus, Jesus lhes perguntou:

"A quem buscais?"

E eles disseram:

"A Jesus Nazareno."

E ele disse:

"Sou eu."

E eles retrocederam e caíram por terra.

E pela segunda vez Jesus lhes perguntou a quem buscavam, e pela segunda vez lhe disseram: A Jesus Nazareno.

E pela segunda vez ele disse:

"Sou eu; pois se a mim buscais deixem estes irem."

Os enviados do príncipe deste mundo perguntaram duas vezes, não mais.

E com isto também se cumpriu a escritura.

Pois os onze foram salvos.

E assim o espírito permanece nos céus, o corpo na terra.

Onde levas a alma?

Fim

VOCABULÁRIO

Das palavras Mayas empregadas nos livros Dois e Três

AHAU – Deus, homem divino, rei, “Deus-Rei”, “Grande Senhor”.

BALCHE – Bebida que se extrai de uma árvore em Yucatán e que se fermenta. Também significa árvore escondida.

CENOTE – Poço de água subterrânea. O Cenote Sagrado existiu em Chichen Itzá e era lugar de cerimônias místicas.

COZUMIL – Pequena ilha de frente a Península de Yucatán que significa “Terra das Andorinhas”. Atualmente se chama Cozumel. Esta ilha foi indubitavelmente a sede de um seminário ou escola esotérica da cultura Maya.

DZULES – Senhores; este nome se deu aos espanhóis nos primeiros tempos da conquista.

KATUN – Época ou período da cronologia Maya. Pequeno século Maya de 20 anos de 360 dias.

KUKULCAN – Grande instrutor divino, “Serpente com Plumas” equivalente ao Quetzalcoatl nahoa.

MANI – “Tudo passou”. Também é o nome de uma famosa cidade Maya que nos tempos da conquista foi sede dos Reis Xiu e o último refúgio da civilização Maya e de sua cultura religiosa.

PAUAH – “Os que distribuem ou dispersam o jorro da vida”. Quatro espíritos celestiais.

TZICBENTHAN – “Palavra que há de obedecer”.

SAC-NICTÉ – Branca Flor.